

SELMA MARTINS MEIRELES

A NEGAÇÃO SINTATICAMENTE EXPLÍCITA EM DIALOGOS
FALADOS
DO PORTUGUÊS E DO ALEMÃO

Orientador: Prof. Dr. Sidney Camargo

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Letras Modernas
- Área de Língua e Literatura Alemã
- da Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo

SÃO PAULO

1991

SUMÁRIO

Apresentação

I - Uso de elementos sintáticos negativos em português e alemão: uma proposta de análise semântica

1.	Objetivos	1
2.	Estudos existentes sobre o tema	
2.1	Estudos sobre a negação em língua portuguesa	
2.1.1	Compêndios de gramática brasileiros	4
2.1.2	MATEUS <i>et alii</i> (1983)	9
2.1.3	ILARI <i>et alii</i> (1989)	12
2.2	Estudos sobre a negação em língua alemã	
2.2.1	Compêndios de gramática alemães	22
2.2.2	STICKEL (1970)	33
2.2.3	HELBIG/ALBRECHT (1973)	39
2.2.4	WEINRICH (1976)	43
2.2.5	ZEMB (1979)	45
2.2.6	SENNEKAMP (1979)	47
2.2.7	KURSCHNER (1983)	52
2.2.8	KOLLER (1988)	57
2.3	Análise e comparação dos diversos enfoques	60
3.	Peter von Polenz: A semântica da frase	66
4.	A negação na semântica da frase	72
5.	A negação na <u>Deutsche Grammatik</u> de Engel	78

II - Método

1.	Descrição dos <i>corpora</i>	84
2.	Definição do <i>corpus</i> da pesquisa	
2.1	Critérios para seleção dos inquéritos	89
2.2	Critérios para seleção das linhas impressas	90
3.	Procedimentos	
3.1	Procedimento para a contagem das ocorrências de NEGAÇÃO no <i>corpus</i>	93
3.2	Procedimento para a classificação das ocorrências de NEGAÇÃO segundo as categorias de negação semântica	96
3.2	Procedimento para a classificação das ocorrências de NEGAÇÃO segundo sua forma sintática	97

III- Resultados

1.	Ocorrência de NEGAÇÃO no <i>corpus</i> da pesquisa	99
2.	Ocorrência de NEGAÇÃO por categoria de negação semântica no <i>corpus</i> da pesquisa	101
3.	Formas sintáticas de NEGAÇÃO em português e alemão: frequência no <i>corpus</i> e distribuição pelas categorias de negação	107

IV - Conclusões e Sugestões

1.	Frequência de NEGAÇÃO em ambas as línguas	123
2.	Frequência de NEGAÇÃO por categoria de negação semântica	123
3.	Formas sintáticas de NEGAÇÃO em ambas as línguas	129
4.	Possíveis pontos de interferência relativos à NEGAÇÃO em ambas as línguas	
4.1	Com referência às categorias de negação	130
4.2	Com referência às formas sintáticas da NEGAÇÃO	131
5.	Considerações gerais	131

Resumo/Resümee

Glossário

Referências bibliográficas

Anexo I - Ocorrências de NEGAÇÃO no *corpus* em português

Anexo II - Ocorrências de NEGAÇÃO no *corpus* em alemão

INDICE DAS FIGURAS

TABELA 01

Relação entre total de enunciados e
ocorrência de NEGAÇÃO 99

TABELA 02

Comparação da ocorrência de NEGAÇÃO no *corpus*
em português e alemão 100

TABELA 03

Ocorrência de NEGAÇÃO por categoria de
negação semântica 102

TABELA 04

Ocorrência de formas sintáticas de NEGAÇÃO
no *corpus* em português 115

TABELA 05

Ocorrência de formas sintáticas de NEGAÇÃO
no *corpus* em alemão 116

APRESENTAÇÃO

No mundo moderno a interação e colaboração entre os vários países torna-se imprescindível, aumentando a necessidade de comunicação entre habitantes de países de línguas diferentes. O crescente interesse por obras científicas e literárias estrangeiras destaca a necessidade de bons tradutores que as tornem acessíveis a todos aqueles que não dominam a língua do texto original. Assim, cresce a importância dos métodos de ensino de língua estrangeira, que buscam nas modernas pesquisas lingüísticas subsídios para transmitir aos alunos um modelo mais aproximado possível à forma de utilização efetiva da língua estrangeira pelos falantes nativos, não mais transmitindo apenas vocabulário, estruturas gramaticais e formas fixas da gramática normativa de cada língua, mas também e principalmente apresentando um modelo flexível da linguagem falada culta de um falante nativo, estimulando o aluno à comunicação própria através da compreensão e produção de textos orais e escritos na língua estrangeira. Pois, se é importante para o aluno de língua estrangeira dominar o paradigma gramatical, ou seja, a capacidade de construir sentenças gramaticalmente corretas, e o paradigma situacional de uma língua estrangeira, isto é, utilizar tais sentenças de acordo com sua intenção e com o registro, tipo de texto e forma de interação exigidos por uma determinada situação de comunicação, o domínio de uma

língua estrangeira implica ainda a capacidade de, perante um quadro de determinados tipos de texto ou formas de interação (pragmática), expressar proposições (em bases léxicas ou semânticas) e realizar verbalmente sua intenção de fala (cf. GERDES *et alii*. 1984: 8), ou seja, comunicar-se no contexto da língua estrangeira.

No Brasil em particular, o intercâmbio intenso com as mais variadas nações empresta uma especial importância ao aprendizado de línguas estrangeiras. Entre as línguas mais procuradas, destaca-se a língua alemã, devido ao intercâmbio nos campos científico, tecnológico e artístico com países que a utilizam. Muitos falantes do português procuram o contato com a língua alemã em faculdades, institutos de línguas e aulas particulares, cujos professores por sua vez buscam o aperfeiçoamento de seus métodos, procurando minimizar as dificuldades dos alunos, devidas em grande parte às diferenças entre as duas línguas. Nossa experiência na área do ensino de alemão como língua estrangeira tem-nos levado a observar de perto tais dificuldades em nossos alunos. E um problema que, se não detém o maior grau de dificuldade na aprendizagem da língua alemã, é certamente uma constante neste processo, são as diferentes formas em que se apresenta a expressão sintática da NEGAÇÃO em ambas as línguas, portuguesa e alemã.

Muito embora ofereça dificuldades aos alunos, o domínio das estruturas negativas é de grande importância para os mesmos desde o início da aprendizagem, pois é necessário ao estudante de língua estrangeira expressar-se não apenas afirmativamente, mas também impor-se limitando, colocando em dúvida ou negando conceitos e afirmações alheias (cf. HELBIG/ALBRECHT, 1973: 5).

Com isto em vista, interessamo-nos por investigar comparativamente as estruturas sintáticas negativas em português e alemão, a fim de levantar subsídios para uma possível aplicação futura ao ensino de línguas estrangeiras.

Embora a negação assuma um papel tão decisivo para a afirmação do indivíduo como elemento ativo na comunicação, a questão da negação tem sido muito pouco estudada no Brasil. Salvo algum artigo ou menção ocasional, temos conhecimento apenas de um estudo específico sobre a negação no português atual, provavelmente devido ao fato de a negação aparentemente não apresentar dificuldades para os falantes nativos do português, as quais só aparecem no confronto com uma língua de estrutura diferente. Dentro desta perspectiva, um estudo mais aprofundado da negação em português deverá ser exigido quando crescerem os estudos sobre o ensino do português como língua estrangeira, que ainda é incipiente em nosso país.

Constitui portanto objeto de nossa pesquisa a negação sintaticamente explícita em diálogos da língua falada culta em português e em alemão. A escolha de diálogos da língua falada culta como objeto de estudo repousa sobre o fato de ser o diálogo oral a forma de comunicação estatisticamente mais importante, e a norma culta aquela utilizada pelos métodos de ensino de língua estrangeira, como forma padrão da língua.

Entretanto, o uso da língua se faz dentro de um contexto cultural e ao aprender uma língua estrangeira é preciso apreender também o contexto cultural que a envolve e que ela transmite. Assim sendo, cabe aqui trazer alguns aspectos para suporte do tema.

A linguagem já foi citada por antropologistas como o principal fator de identidade cultural, antes ainda da organização social e da religião (cf. UNESCO, 1986: 13). Se, por um lado, essa estreita relação entre língua e cultura é importante para a manutenção de um grupo, atuando como expressão e repositório de sua identidade cultural, ela também pode constituir um empecilho à comunicação intercultural. Cada cultura preza as formas e conceitos de sua língua como específicos e intraduzíveis, noções que freqüentemente estão na base "do etnocentrismo e das visões de mundo de muitos povos, passados e presentes" (SERPEL, 1977:72).

Assim, a aquisição de uma segunda língua implica no contato com valores culturais possivelmente diversos daqueles subjacentes à língua materna, sendo que as diferenças entre os valores são frequentemente avaliados com base apenas nos valores da cultura de origem, o que pode levar a julgamentos preconceituosos, que muitas vezes dão origem a dificuldades de comunicação entre as várias culturas.

No caso específico de contatos entre falantes alemães e brasileiros, a verbalização da negação parece ser um desses pontos de conflito. Já ouvimos muitas vezes de falantes alemães queixas de que "os brasileiros não são sinceros", pois "não sabem dizer não". Por outro lado, muitos falantes brasileiros referem-se aos alemães como "frios, diretos e por vezes rudes", que "dizem não, doa a quem doer".

Baseados nestas declarações, podemos supor que o problema não se restrinja às dificuldades com as formas sintáticas de expressão da negação em ambas as línguas, mas também ao seu uso na interação linguística entre falantes brasileiros e alemães. Possivelmente, nossa pesquisa trará também subsídios para futuros estudos sobre o problema.

Tendo por base estas reflexões de cunho mais amplo, o relato da pesquisa aqui apresentada foi organizado em quatro capítulos. No primeiro, após explicitar de forma mais

operacional os objetivos da pesquisa, são descritas as informações disponíveis sobre a negação em português e em alemão, compondo também um referencial teórico para a análise dos dados. O capítulo seguinte é dedicado à descrição dos percurso metodológico. No terceiro capítulo são descritos os resultados obtidos quanto ao uso da negação nas duas línguas enfocadas. O último capítulo é dedicado às conclusões e sugestões imanadas da análise efetuada.

I - Uso de elementos sintáticos negativos; uma proposta de análise semântica

1. Objetivos do trabalho

Conforme mencionamos na Apresentação, nosso trabalho originou-se da dificuldade apresentada por falantes do português (entre os quais nos incluímos) em construir sentenças negativas corretas e/ou contextualmente adequadas em alemão. Tal dificuldade só teria razão de ser se o sistema de negação das duas línguas não fosse idêntico. Interessamo-nos então por conhecer os dois sistemas de negação a nível sintático. A língua alemã já conta com diversos estudos sobre a negação nos vários níveis linguísticos (morfológico, sintático, semântico, textual e pragmático), além de ser um capítulo constante nos compêndios de gramática. Na língua portuguesa porém, para nossa surpresa, há apenas um estudo específico sobre a negação, sendo que nos compêndios de gramática o tema não consta sequer como capítulo em si, a não ser em duas obras da década de 60 (SAID ALI, 1964 e SILVEIRA BUENO, 1968).

Além disso, também muito nos surpreendeu o fato de entre todos os estudos específicos consultados, apenas um focar a negação na língua falada, a saber, o livro Die Verwendungsmöglichkeiten der Negationszeichen in Dialogen,

de SENNEKAMP (1979). Apesar de ser estatisticamente a forma de comunicação lingüística mais utilizada, a língua falada ainda é muito pouco estudada tanto no Brasil como no exterior. As demais obras examinadas no capítulo I baseiam-se sempre em exemplos de língua escrita, mencionando apenas por vezes a existência de formas alternativas ou divergentes na linguagem coloquial, que é basicamente falada. Desse modo, há grande possibilidade de as conclusões e critérios nelas apresentados não corresponderem ao uso efetivo da negação na língua falada.

Assim sendo, nosso estudo tem por objetivos:

- fazer um levantamento das formas de realização da negação semântica a nível sintático em português e em alemão, com base em diálogos de língua falada;
- identificar tais formas e verificar a sua frequência de uso por tipo de negação semântica e forma sintática;
- com base nesse levantamento, fazer um estudo contrastivo entre as formas sintáticas de negação do português e do alemão, a fim de obter subsídios lingüísticos para uso futuro nos diversos aspectos da lingüística aplicada.

2. Estudos existentes sobre a negação

Vários estudos lingüísticos tanto em português como em alemão apresentam capítulos dedicados à negação a nível lógico, semântico e pragmático válidos para as línguas em geral. Porém, o número de trabalhos dedicados precipuamente ao estudo sintático-semântico da negação em uma determinada língua, nos quais nos baseamos para esta pesquisa, é muito mais restrito. Resenhamos, a seguir, alguns dos mais significativos destes estudos, em português e alemão, aos quais tivemos acesso.

2.1 Estudos sobre a negação em língua portuguesa

Conforme já mencionamos na Apresentação, não há em português uma bibliografia específica sobre o tema. Tal lacuna parece dever-se a dois fatores: em primeiro lugar, como já apontamos anteriormente, ao fato de a negação sintático-semântica em português aparentemente não constituir um problema para os falantes nativos e de não haver ainda uma sistemática de ensino que detecte as dificuldades específicas do aprendiz do português como língua estrangeira; em segundo lugar, ao fato de a negação não ser considerada um tópico independente, [sendo subordinada ao paradigma de um elemento morfossintático] e assim contemplada pelos compêndios de gramática tradicionais.

Desse modo, a maioria das menções sobre a negação em português encontram-se subordinadas ao tópico "advérbios" nos compêndios de gramática, conforme descrito no item 2.1.1. Ainda dentro dessa sistemática, o artigo de Rodolfo ILARI *et alii*, resenhado no item 2.1.3, apresenta um enfoque inovador que destaca a especificidade do comportamento dos advérbios de negação no português falado. O item 2.1.2 apresenta um pequeno resumo do enfoque da negação em um compêndio de gramática da língua portuguesa editada em Portugal, que apresenta uma abordagem mais abrangente e completa do tema.

2.1.1. O enfoque da negação em compêndios de gramática brasileiros

Examinamos sete compêndios de gramática editados em diversas épocas, selecionando os autores mais renomados e utilizados como fonte de consulta por professores de língua portuguesa, a saber: a Gramática Secundária e Gramática Histórica de M. SAID ALI (1964), a Gramática Normativa da Língua Portuguesa de Francisco da SILVEIRA BUENO (1968), a Gramática do Português Contemporâneo de Celso CUNHA (1972), a Estrutura Morfo-Sintática do Português de José Rebouças MACAMBIRA (1978), a Gramática Fundamental da Língua Portuguesa de Gladstone Chaves de MELO (1980), a Novíssima Gramática do

Português Contemporâneo de Celso CUNHA e Lindley CINTRA (1985) e a Novíssima Gramática da Língua Portuguesa de Domingos Paschoal CEGALLA (1989).

Das obras consultadas, apenas as duas mais antigas apresentavam capítulos especificamente dedicados à negação: a de SAID ALI (1964) e a de SILVEIRA BUENO (1968); as demais tratavam o assunto apenas subordinado aos temas "advérbios" e "adjunto adverbial".

As obras citadas parecem concordar apenas em um ponto: que o advérbio *não* é o sinal de negação por excelência. Três autores consideram-no o único advérbio de negação: CUNHA/CINTRA (1985), CEGALLA (1989) e SAID ALI (1960). Porém, os outros autores admitem a existência de outros advérbios de negação, quais sejam: *nunca*, *jamaís*, *em tempo algum*, *de forma alguma*, *de modo nenhum* (CUNHA, 1972) e: *de modo algum*, *de jeito algum*, *absolutamente não* (MACAMBIRA, 1978). SILVEIRA BUENO (1968) apresenta-os como "não, nunca, jamais, etc." (sic., pg. 147), o que não pode ser considerada uma apresentação satisfatória. Na obra mais recente, a de CEGALLA (1989), aparecem listados como "advérbios de negação" apenas *não* e *tampouco* (definido como "também não"). Com algum esforço localizamos outros elementos negativos, como: *nenhum* entre os pronomes substantivos indefinidos, *nunca* e *jamaís* entre os advérbios de tempo e *nada* entre os advérbios de intensidade (!), em

"isso não é nada fácil". Em nenhum desses casos havia qualquer menção ao caráter negativo desses elementos ou a seu uso e colocação em orações. Gladstone Chaves de MELO justifica em nota de rodapé o fato de não admitir a existência de advérbios de negação:

"Costuma-se falar em "advérbios de negação" cujo protótipo é o *não*, está claro. Parece-nos no entanto meio sem sentido esse entendimento. Porque o *não* e variantes não exprimem circunstância nem intensificam: anulam, desfazem. Só por força de expressão, ou por excessivo amor a definições, é que se poderia dizer que, numa frase como "Ele não passou por aqui", o *não* exprime uma circunstância de *passar*. Quando se trata de palavras desse tipo relacionadas a um verbo, preferimos falar em "verbo negativo"." (MELO, 1980: 104)

Embora o raciocínio esteja perfeito em relação à definição de advérbio ("palavra que circunstancia ou intensifica a significação de um verbo, adjetivo ou de outro advérbio e, em certos casos, de um pronome ou de um nome" - MELO, 1980: 104 - de conformidade com a Nomenclatura Gramatical Brasileira), o que parece excluir uma classe de advérbios de negação, não nos parece uma boa solução o conceito de "verbo negativo", pois tal conceito implicaria um verbo semanticamente negativo, o que não é o caso, pois em *João não trabalha*, o verbo *trabalhar* não passa a ter uma carga semântica negativa pela simples adição do *não*. A noção de "verbo negativo" exigiria então que todos os verbos tivessem uma *counterpart* negativa (*trabalhar* - *não trabalhar*), o que não nos parece ser o caso. O que ocorre é antes uma operação genérica de "anulação" da ação ou do estado expressos pelo

verbo através da inclusão de elementos negativos, sendo portanto talvez mais apropriado falar-se em "verbo negativado".

Os dois autores que apresentam capítulos específicos sobre a negação em português não a limitam, porém, aos advérbios. SILVEIRA BUENO admite que a negação é construída não somente com advérbios de negação e locuções adverbiais (*tão pouco, muito menos, de modo algum, nem por sonho, etc.*), mas também por:

"toda e qualquer palavra que tenha tal significado, como por exemplo: *ninguém e algum, alguma*, pospostos aos nomes /.../ Dentre as preposições é de grande uso *sem* /.../ Muito comumente emprega /a língua/ *não, sem*, a fim de destruir o sentido afirmativo dos vocábulos: *não tolerante, sem cerimônia, sem-ventura, as sem-razões, etc.*" (SILVEIRA BUENO, 1968: 356)

SAID ALI também apresenta outros elementos como portadores do "conceito negativo":

"Com a palavra *não* enunciamos em geral o conceito negativo. Além deste vocábulo livre, existe também a negativa incorporada em certas expressões pronominais, adverbiais e conjuncionais: *nem* /.../ *nenhum* /.../; *nunca*; /.../ *ninguém*; /.../ *nada* /.../. O advérbio *jamaiz* usa-se em sentido negativo como sinônimo de *nunca*".

(SAID ALI, 1964: 198)

Estes dois autores são mais completos e coerentes, pois a noção de negação, ou o "conceito negativo", parece ser comum a todas as palavras listadas nas citações acima, não importando a classe morfológica à qual pertencem, assegurando-lhes a propriedade de construírem a negação a nível sintático. São também os únicos a mencionar a questão

da dupla negação do português (como em *eu não fiz nada*), que costuma causar problemas a falantes não nativos do português. SAID ALI (1960) é ainda o único a levantar a questão da negação de constituinte em português (como em *o futuro pertence não a nós, mas a Deus*, onde a negação não recai sobre o verbo, mas sobre o constituinte *nós*), embora sem defini-la ou explicar seu mecanismo, além de levantar considerações sobre o uso da construção *ne... ne* e do advérbio *nunca*.

É interessante notar que apenas os autores mais antigos rompem a barreira da classificação morfológica e tratam a negação como um tópico independente, partindo da noção de traço semântico negativo, talvez por influência da filologia (ressaltando diacronicamente a ligação de um elemento negativo latino com outros elementos como origem dos elementos negativos atuais - cf. SAID ALI, 1964: 198). Os autores mais modernos simplesmente ignoram esse procedimento, tornando praticamente impossível ao falante não nativo de português obter subsídios para expressar-se mais adequadamente no que concerne à negação. Talvez exatamente a pouca tradição do ensino do português como língua estrangeira no Brasil leve os autores a tomar como intuitiva a noção semântica de negação para os leitores, preocupando-se apenas em classificar as palavras nas quais essa noção se apresenta. Porém não consideramos tal procedimento satisfatório mesmo para falantes nativos do

português, pois negligencia a construção de frases com negação de constituintes, o papel da entonação, a questão da dupla negação e as funções semanticamente não negativas das palavras de negação, o que parece apontar para um caráter normativo, desvinculado do uso efetivo da língua, principalmente da língua falada. A julgar pelo tratamento dispensado à negação pelos compêndios de gramática, a construção correta de orações negativas e a escolha do elemento negativo mais adequado, bem como a sua colocação na oração, não trazem quaisquer dúvidas aos falantes nativos, não contemplando as possíveis dificuldades de um falante estrangeiro.

Neste particular, os compêndios de gramática portugueses parecem já ter/adoptar uma visão mais abrangente da língua portuguesa. Resenhamos a seguir, a título de comparação, a abordagem da negação em um compêndio de gramática elaborado em Portugal.

2.1.2 O enfoque da negação na obra Gramática da Língua Portuguesa (MATEUS et alii, 1983)

Ao contrário dos compêndios de gramática brasileiros mais recentes, a obra de MATEUS et alii apresenta um capítulo especialmente dedicado à negação. A negação é considerada "uma operação de modificação que actua quer a nível dos

elementos constituintes de uma proposição (modificação da predicação), quer ao nível sintáctico-semântico de uma frase, quer ainda ao nível pragmático" (MATEUS *et alii*, 1983: 153).

As autoras afirmam também que as operações de negação podem ser expressas explicitamente por elementos que definem o seu escopo, ou implicitamente por enunciados que não apresentam elementos formais de negação, mas têm sentido negativo relativamente ao contexto em que são utilizados (cf. *op.cit.*, pg.154).

No item referente aos "adverbiais de negação", as autoras apontam como elementos de explicitação da negação *não*, *nunca* e *jámais* em posição pré-verbal, apresentando quatro interpretações diferentes para a frase "eles não foram à praia", conforme a negação tenha por escopo a proposição da frase ou um de seus elementos (cf. *op.cit.* pg. 155). Como todas essas diferentes interpretações podem ser geradas pelo uso de *não* em posição pré-verbal, as autoras observam que:

"Talvez pelo seu carácter globalizante na produção de sentido negativo, *não* é a marca tradicionalmente considerada como o elemento de constituição do processo de negação dentro do sistema da língua portuguesa e da norma padrão de Portugal" (MATEUS *et alii*, 1983: 155).

É interessante notar que, em nota de rodapé à mesma página, as autoras afirmam que:

"A norma brasileira, por exemplo, admite o uso exclusivo de *não* em posição pós-verbal ("Eles foram *não*" equivalente a "Eles *não* foram").

Pode-se aí discutir o sentido de "norma brasileira", pois a nosso ver a forma apresentada constitui antes uma variante regional, a qual infelizmente ainda não teve sua abrangência sistematicamente estudada. É no entanto louvável que um compêndio de gramática registre possibilidades de variações da norma-padrão.

Nunca e *jamais* são indicados como especificando "a não ocorrência de um determinado estado de coisas em todos os intervalos de tempo relevantes" (MATEUS *et alii*, 1983: 156), podendo ter como escopo apenas um SV, "ao contrário de *não* e *ne* que podem ter como escopos SNs e SPREPs" (id.ib.). *Ne* é definido como "um operador de negação que tem como escopo o constituinte que se lhe segue" (id.ib.). Todas as definições têm exemplos ilustrativos.

Um outro item é dedicado à "negação pronominal". Segundo as autoras, esse é um tipo de negação:

"sempre universal e em que o elemento **negativo** se encontra formalmente implícito no SN, não permitindo negação do V (caso de Bb):

- (B) (a) Ninguém quer ir à praia.
*(b) Ninguém não quer ir à praia."

(MATEUS *et alii*, 1983: 157)

Outros itens são dedicados à negação lexical (prefixação negativa, unidades lexicais de sentido negativo), às relações entre negação e subordinação, a respostas negativas, a perguntas "tag" (com as quais o locutor espera apenas a ratificação por parte do ouvinte) e a processos de intensificação de negativas. Este último item é descrito como tendo por objetivo a desambiguação do escopo da negação ou a explicitação, seja das intenções do locutor, seja da posição deste em relação aos estados de coisas que refere. Como exemplos são apresentados:

- (14) a) *De modo algum* lhe falo
 b) *De modo nenhum* lhe falo
 (15) Eles *não* gostam *nada* de ir à praia.

(MATEUS *et alii*, 1983: 160)

2.1.3 O enfoque da negação no artigo "Considerações sobre a Posição dos Advérbios" (ILARI *et alii*, 1989)

O artigo de Rodolfo ILARI e grupo faz parte do volume I da recente publicação A Gramática do Português Falado, que apresenta estudos referentes à ordem dos elementos lingüísticos no português falado, utilizando-se do *corpus* do Projeto NURC - Norma Urbana Culta e trazendo abordagens bastante inovadoras para os problemas apresentados. O artigo

de ILARI *et alii*, por ocupar-se dos advérbios, contemplou também algumas ocorrências de negação, além de apresentar considerações interessantes sobre os advérbios em geral. Gostaríamos portanto de resenhar rapidamente as considerações sobre advérbios e sobre a negação.

Os autores apresentam primeiramente considerações sobre o conceito de advérbio, conscientemente evitando a adoção de uma teoria lingüística única, e procurando "explicitar a terminologia empregada através da análise intuitiva dos dados" (ILARI *et alii*, 1989: 66). Esse procedimento baseia-se em dois fatos: a pouca atenção destinada aos advérbios pelas teorias lingüísticas existentes ou o predomínio de um único critério como base de estudo (p.ex. o sintático), quando os autores deste estudo pretendiam englobar mais de um critério. O objetivo da primeira parte do estudo é propor uma classificação semântica dos advérbios para, em função das classes resultantes, esboçar algumas regras sintáticas relativas à distribuição dos advérbios pelas posições na sentença (cf.op.cit. pg.66).

A classe dos advérbios, no que se refere ao seus critérios de formação, tem limites bastante imprecisos na tradição gramatical. Pelo critério morfológico, o advérbio é descrito como uma palavra invariável e de caráter de modificador que se aplica tipicamente a não-substantivos. Pelo critério sintático, o advérbio é uma palavra relacionada ao verbo, ao

adjetivo ou a outro advérbio. Pelo critério nocional, é uma palavra que indica circunstância e modificação, já que o advérbio é normalmente definido como modificando a idéia expressa pelo verbo ou denotando as "circunstâncias" em que se dá o processo a que ele faz referência (cf. ILARI *et alii*, 1989: 67-68). Porém, há diversos elementos que não atendem aos critérios tradicionais e que, no entanto, são tradicionalmente classificados como advérbios. Os critérios são em muitos casos conflitantes pela tentativa de associar de maneira constante à palavra certas propriedades que se confirmam apenas para algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos (cf. ILARI *et alii*, 1989: 69). Assim, os critérios utilizados na tradição gramatical não identificam as expressões que ela mesma aponta como advérbios. Os autores propõem então a utilização de duas dimensões para a classificação de expressões tradicionalmente reconhecidas como advérbios: a) a dos segmentos sintáticos aos quais o advérbio se aplica (ao contrário da definição tradicional, esse segmento não é apenas um verbo, um adjetivo e um advérbio); b) a das "funções" que os chamados advérbios desempenham e que são bastante diferenciadas, ao contrário do enfoque tradicional que fala apenas em "modificação". As evidências apontam para o fato de que o advérbio não é uma classe de palavras com características morfossintáticas uniformes (cf. ILARI *et alii*, 1989: 79-80).

Os autores apresentam uma proposta de classificação dos advérbios, dividindo-os primeiramente em advérbios de constituente, de sentença e de discurso, conforme o seu escopo, i.e. o elemento sobre o qual atuam. Ao contrário da definição tradicional, na qual se sugere que o papel do advérbio é restrito aos constituintes da oração, os autores apresentam as noções de advérbio sentencial, que não faz parte do conteúdo proposicional, mas refere-se à sentença como um todo, e de advérbios aplicados ao discurso. Assim sendo, os autores reconhecem que:

"uma descrição completa do advérbio dependeria do domínio de dois tipos de gramática: a) uma gramática que estuda as expressões do ponto de vista de sua constituição morfosintática e sua conexidade; b) uma gramática que define e organiza unidades relevantes para a compreensão do fluxo de informações e da coesão textual. Este estudo limita-se ao estudo da interação dos advérbios com unidades definidas estruturalmente"

(ILARI et alii, 1989: 88).

Baseados na noção de que os advérbios modificam tipicamente o sentido do verbo, expressando uma predicação de grau superior, os autores classificam os elementos do *corpus* considerados como advérbios partindo de uma distinção entre advérbios predicativos e não-predicativos. (cf. ILARI et alii, 1989: 90). Essas duas grandes classes são subdivididas em diversas subclasses segundo suas funções, constituindo os advérbios de negação uma subclasse dos advérbios não-predicativos de verificação. Os resultados da análise do *corpus* são organizados em uma matriz com duas entradas: uma

classifica os advérbios por sua função, a outra pelo tipo de unidade sintática a que se aplicam, a começar pelos advérbios sentenciais e de constituinte.

Para os autores, a negação não é um ingrediente da proposição ou um predicado, nem um ato como a asserção: "é uma operação sobre proposições que inverte a suposição de verdade das mesmas" (ILARI *et alii*, 1989: 92). A negação atua diretamente sobre o valor de verdade que se pensa em atribuir à sentença, ponto em comum com as expressões de inclusão e exclusão, que também integram a classe dos advérbios de verificação.

A análise dos advérbios de negação do *corpus* mostra que com muita frequência o que se nega é a expressão utilizada: "nesses casos a negação /.../ assume um caráter metalingüístico, em que todo o realce é dado ao modo de dizer. Para distinguir os dois possíveis usos dos advérbios de verificação utilizaremos, por sua clareza, a velha distinção *de dicto/de re*." (op.cit. pg.93).

A atuação dos advérbios de negação (*de re*) distribuiu-se de maneira relativamente uniforme no *corpus*, com 61 ocorrências relacionadas a nomes, 62 a adjetivos, 63 a verbos, 65 a advérbios e 66 a outros elementos que não os indicados anteriormente, não havendo ocorrências relacionadas a numerais ou ao todo da sentença. Quanto aos advérbios de

denegação (*de dicto*), a distribuição foi também uniforme: 102 ocorrências relacionadas a adjetivos, 104 a numerais e 107 ao todo da sentença, não se apresentando ocorrências relacionadas a nomes, verbos, advérbios e outros elementos.

Os autores destacam o fato de "não se poder coordenar qualquer outro constituinte ao advérbio de negação por excelência, o não" (ILARI *et alii*, 1989: 102), sendo essa dificuldade "compensada pela presença, depois do verbo, de expressões adverbiais que acrescentam à negação um matiz de tempo, modo, etc., expressões cuja ocorrência não seria explicável sem a presença do não antes do verbo" (op. cit. pg.103). Podemos ver nessas expressões complementares uma nova abordagem da dupla negação em português, mas os autores não chegam a determinar o grau de obrigatoriedade do uso de tais expressões ou os fatores que determinam sua escolha.

Com referência à participação do advérbio na estrutura semântica, os autores apresentam como noção central o escopo, que é entendido como "o conjunto de conteúdos afetados por algum operador" (ILARI *et alii*, 1989: 104). Aplicada aos advérbios, a noção de escopo, que os autores caracterizam como altamente intuitiva, presta-se a esclarecer a existência (potencial) de uma dupla interpretação de um enunciado, permitindo por exemplo, no caso da negação, distinguir entre uma negação de sentença e uma negação de constituinte (cf. ILARI *et alii*, 1989: 105).

Os autores admitem também a possibilidade de um "escopo com elemento focal", onde a impressão de que "todos os constituintes são negados, mas uns são mais negados que os outros" tem a ver com uma ambiguidade potencial da frase e com uma hierarquia de análises possíveis, abrangendo segmentos mais ou menos extensos da sentença.

Após a classificação dos advérbios segundo função e escopo, os autores elaboram um modelo que apresenta as possíveis colocações dos advérbios na sentença. No caso específico da negação, afirmam que:

"a posição habitual do advérbio de negação por excelência, *não*, é a imediatamente pré-verbal, e seu deslocamento para outras posições aparece na maioria das vezes como impossível, de modo que a construção mais habitual da negação em português poderia justificadamente ser caracterizada como uma construção quase clítica /.../, entendendo-se por pré-verbal a posição que precede imediatamente o pronome clítico." (ILARI *et alii*, 1989: 131)

Ocorrências de clíticos fora desse contexto podem ser reunidas em:

- a) *tags* (ex.: *a menina toma conta - precocemente, não?*);
- b) denegação de uma sentença anterior (ex.: *Isso eu soube não eu vi*);
- c) sentenças elípticas (ex.: *ela quis monopolizar o serviço dos assessores, nem sempre eles tiveram oportunidade. Agora não*);
- d) negação de constituintes (ex.: *o futuro pertence a Deus, não a nós*);

e) resposta negativa (ex.: - *ela também está meia desiludida...* e - *não, ela é entusiasta*);

f) reduplicação de negação (ex.: *devia ter problemas não tem não*).

(ILARI et alii, 1989: 131-132)

Os autores apontam para a possibilidade de se considerar os itens de (a) a (e) como elipses, e o item (f) como paralelo ao procedimento de reforçar a negação que precede o verbo com palavras após o verbo, algumas das quais inclusive podendo ser-lhe antepostas, dispensando a própria ocorrência de *não*. Infelizmente não são apontados exemplos de casos em que isso é possível. Dois procedimentos são apontados como típicos: deslocar o advérbio para depois do verbo para restringir seu escopo a um dos termos que seguem o verbo e deslocar o advérbio para depois do termo que se quer denegar, havendo uma relativa liberdade de posição do advérbio *não* quando aplicado a constituintes ou empregado para denegar.

Em nota de rodapé à página 140, ILARI apresenta considerações sobre a orientação da atuação dos advérbios: os advérbios que operam sobre todo o predicado se orientam da esquerda para a direita, como no caso da negação (*Olinda não -> tem cultura própria*), o mesmo acontecendo com os advérbios que atuam sobre adjetivos, ao contrário dos que atuam exclusivamente sobre o verbo, que se orientam da direita para a esquerda (*não se preocupe <-- exageradamente com o emocional*)

O artigo de ILARI *et alii* (1989) apresenta uma abordagem crítica, abrangente e inovadora da questão dos advérbios, que constituem uma espécie de "categoria coringa" na gramática tradicional, na qual são classificados elementos que não se encaixam nas demais categorias morfológicas. Esse é o caso do *não*, que não se enquadra na definição de advérbio da Nomenclatura Gramatical Brasileira, conforme ressaltado por MELO (1980). A opção do grupo de autores por um estudo em dois níveis, sintático e funcional, expõe a diversidade dentro da categoria dos advérbios.

A negação é encarada como operação sobre o valor de verdade das proposições, sendo registradas também outras funções não totalmente negativadoras dos advérbios de negação, como os *tags* e a auto-correção. As posições típicas do "advérbio de negação por excelência, o *não*", são fixadas estatisticamente, assim como o deslocamento de *não* para explicitar a negação de constituinte através da restrição do escopo. A questão da dupla negação é resolvida com um elenco de expressões periféricas adjetivas ou adverbiais ligadas à presença de *não*, porém os autores não se aprofundam no estudo e sistematização dessas formas, nem de sua obrigatoriedade. Também não fica claro se existem advérbios de negação fora o *não* e, em caso afirmativo, quais seriam eles e qual a sua frequência no *corpus*.

A nosso ver, a abordagem sintático-semântica, a noção de escopo e o uso de um *corpus* autêntico de língua falada são as grandes contribuições deste artigo para o nosso estudo da negação no português.

2.2 Estudos sobre a negação em língua alemã

O estudo da negação em língua alemã já conta com bibliografia específica, enfocando o tema sob vários aspectos. Gostaríamos aqui de resenhar as obras mais significativas às quais tivemos acesso. As traduções dos trechos citados de autores alemães são de nossa autoria.

2.2.1 O enfoque da negação em compêndios de gramática

No caso dos compêndios alemães, é provável que a grande preocupação com o ensino do idioma como língua estrangeira e uma maior tradição no estudo da lingüística tenham levado os autores a dedicarem capítulos especiais nos compêndios de gramática e trabalhos lingüísticos bastante extensos à questão da negação. Exporemos aqui resumidamente o tratamento da negação em três das gramáticas alemãs mais conhecidas no Brasil: a DUDEN Grammatik, a Lernergrammatik de Lorenz Nieder e a Kurze deutsche Grammatik für Ausländer de Helbig/Buscha.

A DUDEN Grammatik (DRODOWSKI, 1984) é uma obra básica de consulta para falantes nativos do alemão, dedicando à negação um tópico dentro do capítulo destinado à oração, considerando-a portanto um fenômeno sintático. Em um subtítulo referente a considerações gerais sobre a negação,

afirma que uma asserção pode ser negada total ou parcialmente em alemão através da introdução de:

- palavras e expressões de significado negativador *counting*
(ex.: *er bestreitet die Richtigkeit der Aussage* = ele contesta a veracidade da afirmação);
- elementos de negação na formação de palavras (ex.: *unvernünftig*);
- das "chamadas "palavras de negação"

(DRODOWSKI, 1984: 641-642)

A obra concentra-se então na descrição desta última possibilidade, "por ser a única a permitir uma sistematização a nível sintático" (DRODOWSKI, 1984: 640). Primeiramente é examinado o grupo das palavras de negação, assim classificadas:

- 1) *Pronomes negativos*, que podem assumir a posição de :
 - sujeito ou objeto: *keiner, niemand, nichts*
 - atributo: *kein, niemand, nichts* (este com adjetivos substantivados);
- 2) *Partículas negativas*, que podem assumir sozinhas uma posição na oração (com exceção de *nicht*) ou referir-se a outros de seus termos: *nicht, nie, niemals, nirgends, nirgendwo, keinesfalls, keineswegs*;
- 3) A negação *nein* como equivalente a uma oração.

Em seguida, é abordada a questão da negação da oração e negação de constituintes da oração (*Satznegation/Sondernegation*): na negação da oração, toda a asserção é negada (ex.: *ich habe dich nicht geliebt* = não é verdade que eu te amei), enquanto que na negação de constituintes a asserção

permanece positiva, apenas o membro negado é excluído (ex.: *ich habe nicht dich geliebt* = eu amei, mas não você). Em certos casos, porém, ambos os tipos podem coincidir em suas realizações sintáticas, casos nos quais a entonação e a colocação dos elementos na oração têm um papel importante:

ich habe dich nicht geliebt
ich habe dich nicht geliebt
 (*ich habe nicht dich geliebt*).

(DRODOWSKI, 1984: 641-642)

A colocação da partícula *nicht* na oração mereceu portanto um subtítulo à parte, com a definição de regras de colocação que visam principalmente a diferenciar a negação de oração e a de constituintes. Um outro subtítulo é dedicado a esclarecimentos sobre as relações entre *kein*, *nicht ein* e *nicht*, diferenciando os casos em que se usa um ou outro ou onde mais de um é aceito, sempre com a apresentação de vários exemplos, seguindo-se, então, observações sobre detalhes da negação sintática em alemão.

A DUDEN Grammatik é uma obra de consulta elaborada principalmente para o falante nativo, tratando, portanto, o tema em detalhes e analisando diversas possibilidades e variações. Por outro lado, a Lernergrammatik de NIEDER (1987) foi elaborada para aprendizes de alemão como língua estrangeira, apresentando uma linguagem mais acessível e uma

abordagem menos detalhada. Mesmo assim, a negação aparece sob o título Negationselemente, no capítulo destinado às partículas.

NIEDER destaca primeiramente três elementos negativos:

NEIN - Partícula com valor de oração, usada em mudança de turno;

NICHT - Partícula de gradação para negação de oração ou de palavras sem artigo definido ou outros determinativos;

KEIN - forma negativa do artigo indefinido, usado em negação de oração ou de constituinte;

(NIEDER, 1987: 157)

O autor observa que o uso de *nicht* é limitado pelos casos onde se usa *kein*, passando a esclarecer estes casos, partindo sempre da sentença afirmativa equivalente e fornecendo exemplos. A seguir, apresenta os outros elementos de negação, porém apenas classificando-os e dando um exemplo de cada em uma oração: *weder...noch* (conector); *niemand*, *nichts* (pronomes indefinidos); *nie*, *nirgends* (advérbios); *niemals*, *nirgendwo*, *keineswegs*, *keinesfalls* (partículas modais) e afixos negativos (*un-*, *los*, etc). Também é abordada a dupla negação como recurso estilístico para uma afirmação cautelosa (ex.: *das ist nicht uninteressant* = "isto não é desinteressante").

Um dado muito importante abordado por NIEDER e não presente na DUDEN Grammatik é o uso dos elementos de negação. Segundo o autor, estes podem ser usados para:

- registrar uma opinião contrária no âmbito da informação sobre um conteúdo;
- registrar uma opinião contrária no âmbito da ilocução;
- atenuar ou intensificar um desacordo (ex.: *es besteht kein Zweifel, daß... / ich weiß nicht, ob...* = "não há dúvida que... / eu não sei se...").

(NIEDER, 1987: 157)

Essa apresentação dos usos dos elementos negativos é de grande valia para o falante estrangeiro. Ainda assim, não são aqui apresentados os usos de elementos de negação com sentido não negativo e os sentidos negativos sem elementos morfossintáticos de negação. Neste particular, a Kleine deutsche Grammatik für Ausländer de HELBIG/BUSCHA (1980) é mais completa. Ela também se destina a falantes não nativos do alemão, sendo porém mais detalhada que a de NIEDER (1987).

A negação é abordada sob o tópico Negationswörter dentro do capítulo dedicado a *adverbähnliche Wörter* (palavras similares a advérbios), inicialmente com uma descrição sintática e semântica das palavras de negação (HELBIG/BUSCHA, 1980: 193-194). Após a listagem dessas palavras, que coincide com a de DUDEN, acrescentando ainda *weder...noch*, os autores caracterizam este grupo de palavras como podendo ser atribuídas a diversas classes sintáticas, o que se refere tanto ao grupo como um todo como também a algumas dessas palavras em particular, como é o caso de

nicht, que pode ser considerado advérbio ou partícula, e de *kein* como pronome ou artigo, conforme o contexto em que são utilizadas.

Na descrição semântica das palavras de negação, os autores lhes atribuem, além do traço semântico da atitude negativadora do falante para com o conteúdo total ou parcial de sua asserção (*Satz-/Sondernegation*), os traços semânticos de +- humano (*niemand/nichts*), temporal (*nie*), local (*nirgendwo*), etc., tendo as palavras de negação substantivas inclusive um gênero (*niemand, der im Zimmer war...*). A seguir, sob o título "particularidades", são abordados os seguintes tópicos:

- colocação de *nicht* na frase, abrangendo também a entonação e a construção contrastiva com *sondern*;
- uso de *kein* e *nicht*, partindo da oração afirmativa correspondente;
- significados negativos sem palavras de negação ou com outras palavras que não as apresentadas anteriormente (afixos negativos, *ohne daß, als daß*, verbos de asserção negativa, orações condicionais e volitivas);
- elementos de negação sem sentido negativo;
- negação dupla como recurso estilístico para afirmações cautelosas;
- outras considerações sobre as combinações *noch nicht, nicht mehr* e *nicht einmal*.

Conforme podemos notar, a gramática de HELBIG/BUSCHA (1980) completa as outras duas anteriormente apresentadas, pois engloba significados negativos sem palavras de negação e elementos de negação sem sentido negativo, além de apresentar uma descrição semântica das palavras de negação. Um falante não nativo com domínio básico do idioma certamente obteria bons subsídios sobre como expressar sintaticamente a sua intenção de fala.

Os compêndios de gramática alemães adotam, a exemplo da gramática portuguesa de MATEUS *et alii* (1993), uma abordagem sintático-semântica da negação, dedicando-lhe um tópico especial e abordando os diversos elementos com os quais se manifesta. Praticamente o mesmo tratamento é dispensado à negação tanto em compêndios de gramática específicos para uso de falantes estrangeiros como na obra de consulta padrão para falantes nativos, o que nos leva a crer que alguns casos destacados, como a colocação de *nicht* e a diferenciação entre negação de sentença e de constituinte também oferecem problemas ao falante nativo, ou ao menos não são considerados totalmente intuitivos.

Examinamos também um exemplar de gramática bilíngue português/alemão, a saber a Portugiesische Grammatik de HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS (1982). A obra aborda a negação sob o verbete "expressões adverbiais de negação", no qual,

segundo o esquema da obra, são apresentadas expressões negativas em português e seu correspondente em alemão. A página 409 encontramos as seguintes expressões:

nem sequer; nem mesmo	<i>nicht einmal</i>
também não	<i>auch nicht</i>
de modo algum/nenhum	<i>keineswegs</i>
de maneira alguma/nenhuma	" "
de forma alguma/nenhuma	" "
nunca mais	<i>nie mehr, nie wieder</i>
já não (temp.)	<i>nicht mehr</i>
não mais (quant.)	<i>nicht mehr</i>
antes pelo contrário	<i>ganz im Gegenteil</i>
muito pelo contrário	" "
(<i>stärker</i>)	

(HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, 1982: 409)

No tópico seguinte são abordadas "algumas particularidades dos advérbios e expressões adverbiais de negação". O item 1 explica que "realiza-se a negação colocando-se o advérbio não na posição imediatamente anterior ao verbo" (HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, 1982: 410). O item 2 é dedicado ao uso de *nem*, que segundo a autora deve ser usado ao invés de *não* nos seguintes casos:

- a) nas combinações nem um/uma (*kein einziger, keine einzige*), nem todos/todas (*nicht alle*), nem tudo (*nicht alles*);
- b) nas expressões nem sempre (*nicht immer*), nem ainda (lit.), nem sequer, nem mesmo (*nicht einmal*), nem por isso (*nicht viel, nicht (so) sehr, nicht besonders*);
- c) frequentemente usa-se apenas nem no sentido de *nicht einmal*.

(HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, 1982: 410-411)

O item 3 traz considerações sobre já não e não...mais, ambos correspondendo em alemão a *nicht mehr*. A autora ressalta que "já não deve ser entendido como temporal e não mais como quantitativo" (op.cit. pg. 411).

Todos os verbetes são seguidos de pelo menos um exemplo em português com a respectiva tradução em alemão. Às vezes, é apresentada mais de uma tradução possível em alemão, ou são acrescentadas sentenças acessórias para esclarecimento do contexto. Porém o item 2c, que se refere à equivalência entre nem e *nicht einmal* apresenta em alemão uma tradução com *kein*, o mesmo acontecendo no item 3, que iguala já não e não...mais a *nicht mehr* e apresenta dois exemplos de *kein mehr*. Isto mostra que não se pode postular uma correspondência biunívoca entre os elementos de negação em ambas as línguas, e que o contexto é um elemento importante para a desambiguação de sentenças negativas.

A autora dedica também um tópico especial à dupla negação:

"Os pronomes indefinidos nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas, ninguém e nada e os advérbios nunca, jamais e nunca mais são palavras de negação que negam o verbo ou toda a sentença quando colocados à frente do verbo. Porém, se eles são colocados após o verbo, este deve ser negado através de não (ou uma outra palavra de negação). A dupla negação que assim se forma não se anula, mas sim atua como ênfase."

(HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, 1982: 542)

Seguem-se exemplos das duas possibilidades de negação em português, simples e dupla, e suas traduções em alemão (ex.: *Ninguém me viu/Não me viu ninguém - Niemand hat mich gesehen*).

Como orientação para o falante alemão, a autora sugere como mais usuais as seqüências Sujeito - Negação - Verbo - Complemento Direto (Akkusativobjekt) ou Sujeito - Negação - Pronome (dativo ou acusativo) - Verbo. Assim,

"Os pronomes indefinidos, que em geral são colocados antes do verbo quando têm a função de sujeito, são colocados após o verbo quando têm a função de complemento direto."

(HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, 1982: 542)

Seguem-se diversos exemplos demonstrando obediência às seqüências indicadas. As traduções em alemão esforçam-se, tanto quanto possível, por corresponder à mesma ordem, porém às vezes é necessário mais de um exemplo, para esclarecer o sentido exato correspondente. O exemplo "ele nunca se queixa" origina uma nota de rodapé esclarecendo que "nunca é * um advérbio de negação e aqui substituí não." (op.cit. pg.543). A alternativa "ele não se queixa nunca" é apresentada mais adiante como "enfática". A autora observa que o uso de uma ou de outra forma depende de diversos fatores como ênfase e ritmo da frase (cf. op.cit. pg.544)

São apresentados, a seguir, exemplos de sentenças que soam enfáticas em português e sua correspondência em alemão.

Apesar de a autora não mencionar nada sobre o assunto, pela análise dos exemplos deve-se tomar como mecanismos de ênfase em português:

- a) a colocação antes do verbo de nada como objeto direto;
- b) a colocação após o verbo (com a co-ocorrência de não) de ninguém como sujeito e de nunca como "advérbio de negação".

Em alemão parece ser utilizado para o mesmo efeito o deslocamento da palavra de negação para a primeira posição da frase (anterior ao verbo), ocorrendo também o deslocamento de *niemand* como sujeito para a posição final da frase, juntamente com o uso da partícula *ja*.

A obra em questão segue o procedimento da gramática portuguesa de MATEUS *et alii* (1983), dedicando um tópico à negação e apresentando os diferentes elementos sintáticos que a indicam (embora enfatizando os advérbios), sendo um grande auxílio para um falante nativo do alemão que busque esclarecimentos práticos sobre a questão da negação em português. Porém não é suficiente para um estudo mais aprofundado, pois simplifica o problema ao apresentar apenas uma possibilidade de correspondência em alemão, procedimento descartado já na apresentação dos exemplos, onde é necessário acrescentar traduções alternativas e especificações de contexto que justifiquem a forma negativa utilizada. A solução apontada para a dupla negação segue o

raciocínio da gramática de SAID ALI (1960), condicionando a dupla negação ao deslocamento do elemento negativo para uma posição posterior ao verbo. A noção de ênfase não fica muito clara sem a presença de um contexto situacional, pois nos parece que, ao menos no português do Brasil, a forma "ele não se queixa nunca" não é considerada enfática, a não ser com uma possível modificação na entonação.

Vários autores alemães dedicaram estudos lingüísticos especificamente ao estudo da negação na língua alemã. Apresentaremos em seguida um pequeno resumo dos trabalhos mais significativos aos quais tivemos acesso. Algumas dessas obras são bastante extensas e complexas, razão pela qual não serão aqui apresentadas de maneira detalhada.

2.2.2 STICKEL: Untersuchungen zur Negation im heutigen Deutsch (1970)

Uma das primeiras obras a abordar profundamente o problema, a obra de STICKEL (1970) é citação obrigatória em todos os estudos mais recentes que se dedicam ao tema da negação em alemão. STICKEL analisa a negação no alemão atual tendo como base a gramática gerativa e transformacional de CHOMSKY, considerando a negação como uma categoria lingüística que se manifesta em várias expressões, as quais mantém sempre determinadas relações sintático-semânticas com outras

unidades lingüísticas. Assim, a negação não é considerada uma categoria sintática,

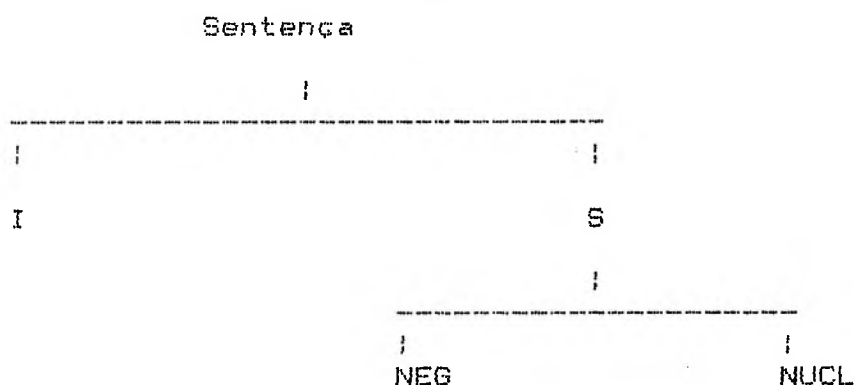
"i.e. uma classe de formas marcada através de sua colocação na estrutura de expressão de sentenças, mas antes como um fenômeno em princípio semântico, uma categoria do que se quer comunicar (*Mitzuteilen*), que se manifesta em diversas formas de expressão".

(STICKEL, 1970: 01)

STICKEL também considera que uma sentença negativa só tem sentido através de sua referência a um pressuposto, que ele explicita na forma de uma sentença afirmativa à qual aplica o "predicado metalingüístico" *es trifft nicht zu* ("não é verdade"). Seu estudo tem por objetivo analisar as regularidades das formas de expressão lingüística da negação e as relações entre essas diversas expressões lingüísticas, não incluindo porém neste estudo os afixos, conjunções e perguntas negativas. Para tanto analisa sentenças negativas de sua própria produção, em sua maioria desvinculadas de um contexto situacional, do qual lança mão apenas em determinados casos para desambiguação de sentido ou para admitir ou excluir a validade de uma forma de expressão negativa proposta.

O procedimento de substituição e distribuição adotado pelos compêndios de gramática permite atribuir os elementos negativos *kein*, *niemand*, *nichts*, *nie(mals)*, *nirgendwo* e *nirgends* a classes distribucionais, que porém, segundo STICKEL, não são suficientes para apresentar uma sistemática de suas condições de ocorrência, sendo ainda que *nicht* não

pode ser claramente atribuído a uma classe determinada. Partindo do pressuposto de que o fator comum a todos esses elementos é um traço semântico negativo, o autor adota o conceito da gramática gerativa de um constituinte abstrato facultativo NEG na estrutura profunda, o qual apresentaria diferentes manifestações na estrutura superficial. Esse constituinte NEG é posicionado na estrutura profunda por STIKEL, após a discussão de outros estudos sobre a negação, como subordinado apenas ao indicador do tipo de sentença, pois este não pode ser negado, conforme o seguinte diagrama:



I = Indicador do tipo de sentença

NUCL = todos os constituintes da sentença, fora o indicador do tipo de sentença e o elemento facultativo de negação

NEG = elemento facultativo de negação

(STIKEL, 1970: 70)

Os diversos elementos negativos são entendidos como diferentes representações da unidade abstrata NEG, sendo que *nicht* representaria unicamente o elemento de negação, enquanto as outras formas representariam combinações de NEG

com outras unidades da sentença. STICKEL afirma que em todos os casos a negação refere-se sempre ao todo da sentença e que as diferentes realizações de NEG devem-se ao tipo de pressuposição contextual ao qual correspondem. Uma série de características sintático-semânticas atribuídas aos sintagmas nominais, como + ou - definido, + ou - específico, detalhadas pelo autor nas páginas 73-74, determinam se o elemento NEG da estrutura profunda irá realizar-se na estrutura superficial como a forma pura *nicht* ou ligado a outros elementos da sentença afirmativa pressuposta, resultando em formas como *kein*, *nie*, etc. As diversas possibilidades dessa combinação são discutidas no capítulo 5 da obra.

O capítulo 6 é dedicado às várias possibilidades de colocação das formas portadoras de negação (*Negationsträger*) em relação aos demais constituintes da sentença. Partindo da ordem dos elementos da oração subordinada em alemão, STICKEL caracteriza a "colocação normal" de *nicht* como "imediatamente anterior ao verbo ou aos determinantes diretos do verbo (advérbios e complementos)" (STICKEL, 1970: 98-99). Em sentenças afirmativas, interrogativas ou imperativas, *nicht* mantém a posição que teria na oração subordinada, apenas a posição do verbo finito se modifica.

A forma de realização de NEG depende do tipo dos constituintes não-verbais da oração:

" O elemento de negação é deslocado de sua posição inicial na estrutura profunda para o núcleo da oração de modo a integrar-se ao primeiro constituinte com o traço -def(inido). Caso não haja tal constituinte (i.e. caso todos os constituintes existentes sejam definidos), é colocado sob o domínio da VP no início da frase verbal"

(STICKEL, 1970: 121)

Assim, o elemento de negação realiza-se integrado aos elementos indefinidos do sintagma nominal como *kein*, *nichts*, *niemand*, etc. - ou na "forma pura" *nicht* sob o domínio da frase verbal, conforme descrito anteriormente.

STICKEL tem uma visão bastante crítica de sua própria abordagem, levantando pontos problemáticos como a negação de sentenças complexas (períodos compostos), a negação de constituinte (que ele não aceita pelo fato de não considerar o elemento negativo como parte da NP), o papel da entonação e as relações entre negação e quantificação. Para estas, segundo o autor, a gramática gerativa não apresenta nenhuma solução satisfatória, o que acontece também em relação às formas *ja*, *nein*, *doch*, que não fazem parte de uma sentença como as outras formas negativas, não são pro-formas nem advérbios sentenciais, levando-o a propor procedimentos alternativos: a quantificação é considerada como uma oração independente (cf. STICKEL, 1970: 200) e *nein* é descartado

como elemento puramente negativo, pela sua possibilidade de assumir diversas funções na conversação (cf.op.cit. pg.225-228).

Quanto à negação de constituinte, o conceito é descartado por STICKEL, pois este considera que o elemento de negação refere-se sempre a uma oração ou pelo menos a uma relação do tipo oracional, mas "nunca a um constituinte ou a uma palavra" (STICKEL, 1970: 233). Ele oferece uma "solução técnica" (id.ib.) na qual as condições da chamada *Sondernegation* são determinadas por um contexto específico, ou seja, o contraste entre uma oração negativa e uma afirmativa (ex.: *er hat kein Buch gelesen, sondern /er hat/ die Zeitung /gelesen/* - ele não leu um livro, mas sim /ele leu/ o jornal). Porém STICKEL admite uma possível "negação parcial de oração" (*Teilsatznegation* - STICKEL, 1970: 212-216) para solucionar o problema das relações entre negação e quantificação, o que nos leva a duvidar de que a negação refira-se sempre ao todo da sentença.

O estudo de STICKEL (1970) é bastante abrangente, porém esbarra nas limitações do modelo teórico que lhe serve de base. Conforme o próprio autor admite ao final da obra, um estudo que considera apenas as dimensões sintática e semântica não é suficiente para determinar as relações entre forma e conteúdo no estudo de enunciados autênticos.

2.2.3 HELBIG/ALBRECHT: Die Negation (1973)

O estudo de HELBIG/ALBRECHT apresenta duas partes distintas: a primeira, escrita por Gerhard HELBIG, é um estudo sintático-semântico da negação, dando grande ênfase à colocação dos elementos negativos na frase, em especial *nicht*, abrangendo também casos de significado negativo sem a presença de elementos sintáticos negativos e de usos de elementos negativos sem significado negativo. A segunda parte, escrita por Helga ALBRECHT, é um estudo didático, visando à aplicação dos resultados obtidos no estudo lingüístico de HELBIG à elaboração de exercícios didáticos do tipo estímulo-resposta sobre a negação em alemão, para uso no ensino de alemão como língua estrangeira. Como nosso objetivo não é a didatização do ensino da negação, não iremos comentar a parte didática da obra.

O estudo lingüístico inicia-se com a listagem das "palavras de negação" à página 9, as quais correspondem à lista apresentada na DUDEN Grammatik (DRODOWSKI, 1984). Utilizando-se do procedimento de substituição na estrutura sintática da sentença, os autores as atribuem a diversas classes de palavras, seguindo-se considerações sobre particularidades do uso de *kein*, *nicht*, *nichts* e *keiner* e sobre o gênero de determinadas palavras de negação. Em seguida procede a uma descrição semântica das palavras de

negação, utilizando traços como + ou - hum(ano), temp(oral), loc(al), dir(ecional) e mod(al).

Descrevendo a relação entre negação e afirmação, os autores afirmam que:

"A maioria das palavras de negação em alemão nasce da fusão do elemento de negação com a palavra positiva correspondente." (HELBIG/ALBRECHT, 1973: 14) *

Esta afirmação causa uma certa surpresa, em primeiro lugar pelos autores não terem mencionado até então qualquer "elemento de negação" (no prefácio, a negação é descrita como "uma unidade semântica que compreende diversas palavras de negação" - op.cit. pg.5-, porém não há qualquer menção a um determinado "elemento de negação"), e em segundo lugar pela apresentação de "transformações de negação" (op.cit. pg. 14) que produziriam as palavras de negação. Ao lado de exemplos que ilustram essa fusão, como:

neg + <i>ein</i>	-----	<i>kein</i>
neg+ <i>jemand</i>	-----	<i>niemand</i>
neg + <i>irgendwo</i>	-----	<i>nirgendwo</i>

encontram-se exemplos não tão claros, como:

neg + <i>etwas</i>	-----	<i>nichts</i>
neg + <i>irgendwann</i>	-----	<i>nie, niemals</i>
neg + \emptyset	-----	<i>kein (!)</i>

(HELBIG/ALBRECHT, 1973: 14)

Se o conceito de elemento de negação de HELBIG/ALBRECHT coincide com o de STICKEL (1970), de um componente NEG na estrutura profunda, isso não está claro no estudo, pois apesar de os autores mencionarem "transformações negativas" não há qualquer menção ao uso da gramática gerativa ou à

natureza de tais transformações. Se o critério da "fusão" é morfológico e diacrônico, referindo-se a algum elemento negativo do alemão arcaico, ainda assim os três últimos exemplos parecem não corroborá-lo, pois apontam a mesma forma *kein* como resultante da fusão de NEG com *ein* e com *O*, além de apresentar duas formas para a fusão de NEG e *irgendwann*, as duas completamente diversas da forma afirmativa original. Tal apresentação das "transformações negativas" parece-nos mais um artifício simples para ilustrar aos aprendizes de alemão como língua estrangeira que a negação pode aplicar-se a diversos elementos da frase afirmativa.

Um longo capítulo é dedicado então à colocação de *nicht* na frase, iniciando com uma análise crítica da apresentação do problema em livros didáticos, compêndios de gramática e teorias lingüísticas como a gramática gerativa e a "gramática de conteúdos" (*inhaltsbezogene Grammatik*), concluindo que a colocação de *nicht* não é totalmente livre, nem depende simplesmente de fatores rítmicos ou entonatórios, sendo necessário também observar a valência verbal. Para descrever as regularidades da colocação de *nicht* seria necessária uma hierarquia de regras, as quais são apresentadas em seguida pelos autores.

Quanto à colocação de *nicht*, HELBIG/ALBRECHT partem do princípio de que *nicht* constitui, juntamente com o verbo finito, um "parêntese sentencial" (*Satzklammer*), tendendo, portanto, ao final da sentença. A seguir apresenta um elenco de membros da oração que têm preferência sobre *nicht* em relação à posição final na sentença, assim como uma série de casos especiais.

Ao contrário de STICKEL (1970), HELBIG/ALBRECHT admitem a existência de diferenças na estrutura profunda entre a negação de sentença e a negação de constituinte, sendo que às vezes não é possível distinguir entre ambas na estrutura superficial apenas pela colocação de *nicht*. Nesses casos a entonação, o contexto ou o contraste com *sondern* servem como elementos de desambiguação (cf. HELBIG/ALBRECHT 1973: 26-31).

Ao final do estudo, os autores apresentam ainda casos de negação por afixos, conjunções, orações condicionais e volitivas e usos de palavras de negação sem sentido negativo, como por exemplo, a expressão *nicht nur... sondern auch*.

O estudo de HELBIG/ALBRECHT (1973) é claramente voltado para a aplicação à didática do ensino de alemão como língua estrangeira, talvez visando à sua leitura por professores

com poucos conhecimentos linguísticos, mais interessados em regras práticas que pudessem apresentar aos alunos, o que levou a uma grande simplificação da parte teórica e à grande preocupação com a colocação de *nicht* na frase, que costuma trazer muitas dificuldades ao falante estrangeiro. Porém a proposta de uma hierarquia de regras que se excluem mutuamente é muito complexa e tem sua comprovação baseada apenas em sentenças exemplares construídas pelo autor e desvinculadas de um contexto comunicativo, forçando o autor a considerar vários "casos especiais". Também a explicação sobre a origem das palavras de negação é discutível, tendo sido inclusive descartada em estudos mais recentes de outros autores.

2.2.4 WEINRICH: "Negationen in der Sprache" (WEINRICH, 1976)

Em seu capítulo sobre as negações na língua, WEINRICH examina o sistema de oposições que permeia a línguas naturais, desde a teoria de SAUSSURE, [de que o valor de um signo linguístico é determinado pela exclusão de todos os demais, ou seja, pela sua negação] (cf. WEINRICH, 1976: 63-64), passando pela ordenação binária dos semas na semântica (+- animado, +- humano, etc.), até a sua proposta de admitir um morfema positivo $\bar{0}$ em contraposição ao morfema negativo, * o qual aparece com mais frequência na forma pura *nicht*,

geralmente em combinação com o lexema verbal, mas que também pode estar presente em combinação com outros elementos no texto, realizando-se então como *kein, nie, nirgend*, etc. (cf. WEINRICH, 1976: 79). WEINRICH observa que o morfema zero, que caracteriza a afirmação, tem na língua alemã uma predominância sobre a negação que varia de 5 a 10 vezes, de acordo com o tipo de texto examinado.

Esse paradigma sintático de asserção (WEINRICH, 1976: 79) teria a função de facilitar a orientação do ouvinte, sendo a negação encarada como uma instrução do falante para que o ouvinte descarte a(s) expectativa(s) criada(s) durante o desenrolar da comunicação ou mesmo pelo contexto situacional (cf. WEINRICH, 1976: 80). Segundo o autor, esta abordagem da negação é particularmente eficiente no caso de *nein*, que como forma independente do contexto, ao contrário de *nicht*, pode ser usado pelo interlocutor para deter o falante e rejeitar sua contribuição à comunicação.

WEINRICH apresenta neste artigo uma abordagem da negação a nível textual e comunicativo, não se prendendo porém às formas sintáticas de expressão do morfema negativo, o que não o torna adequado aos nossos objetivos. Porém este é o primeiro dentre os estudos examinados até agora (com exceção do de ILARI *et alii*, 1989, o qual não se refere especificamente à negação) que abrange um nível mais amplo

de abordagem da negação, rompendo os limites da sintaxe-semântica.

2.2.5 ZEMB: "Zur Negation" (in Sprachwissenschaft 4, 1979)

Em artigo hermético e rebuscado, Jean Maria ZEMB levanta considerações sobre a negação em alemão, iniciando com uma longa discussão sobre a inadequação dos estudos da oração que partem da distinção entre sujeito/predicado (ou SN/SV) ou ainda da abordagem da gramática de dependência. Para ZEMB:

"A negação consiste em que uma determinada coordenação predicativa seja considerada inadequada e por isso rejeitada" (ZEMB 1979: 178).

Partindo desse pressuposto, elabora o esquema *Thema-non-Rhema* (onde *Thema* equivale ao conteúdo oracional (*Satzgegenstand*) e *Rhema* à proposição (*Satzaussage*), enquanto a negação é explicitada por um predicador). Dentro desse esquema, a frase *innen half das nicht* ("isto não os ajudou em nada") é assim representada:

<i>Thema</i>	-----	Predicador	-----	<i>Rhema</i>
morfema pessoal de <i>half</i> morfema temporal de <i>half</i> <i>innen</i>		<i>nicht</i> morfema modal de <i>half</i>		<i>ihalf</i> ou seja: <i>half</i> e regência

(ZEMB, 1979: 182)

ZEMB faz uma distinção entre a negação de sentença (*negatio*), que rejeita uma coordenação entre *Thema/Rhema*, e a negação de constituinte (*privatio*), na qual há apenas "significados negativos ou classificações negativas" (ZEMB, 1979: 185), ressaltando que uma certa dificuldade de diferenciação pode surgir devido ao fato de os mesmos operadores (*kein, keineswegs, nichts, etc.*) poderem exercer a função ora de "negador", ora de "privador". (cf.op.cit. pg. 187).

O autor afirma ainda que as dificuldades encontradas pelos estudiosos da negação decorrem da falta de uma abordagem eficiente da afirmação (cf. ZEMB, 1979: 183). Faz também considerações a respeito da subordinação e ao conceito de orações principais e subordinadas, sugerindo que os gramáticos e linguistas deixem de lado velhos preconceitos e aceitem novas abordagens, buscando uma descrição cada vez mais adequada tanto da negação como da afirmação.

A abordagem de ZEMB (1979) é interessante, porém não vai de encontro aos nossos objetivos, pois não trata das diferenças entre os diversos "negadores/privadores" ou suas condições de uso. Este artigo tem mais a tarefa de divulgar suas teorias sobre o estudo da frase em geral do que o estudo profundo da negação em alemão, que serve de pretexto para destacar as falhas de outras teorias. Porém essa escolinha

reafirma o *status* da questão da negação como um ponto linguístico complexo e controvertido, merecedor de maiores investigações.

2.2.6 SENNEKAMP: Die Verwendungsmöglichkeiten von Negationszeichen in Dialogen (1979)

Excetuando-se o artigo de ILARI *et alii* (1989), a obra de SENNEKAMP é a única a estudar elementos negativos na língua falada, utilizando-se de diálogos constantes do *Freiburger Corpus*, o qual reúne amostras de produção oral de falantes cultos de alemão reunidas na década de 70.

Após apresentar minuciosas considerações críticas sobre trabalhos anteriores de diversas abordagens linguísticas sobre o uso de "sinais de negação" (SENNEKAMP rejeita o termo "palavras de negação", embora os elementos que considera correspondam àqueles assim designados na DUDEN Grammatik), a autora propõe uma abordagem que julga mais eficiente a fim de abranger "o uso de sinais linguísticos como meio de compreensão" (SENNEKAMP, 1979: 76). Considerando que o falante não pode utilizar-se de signos linguísticos independentemente das regras gramaticais a fim de realizar suas intenções comunicativas, mas que seu uso também depende das regras da situação de comunicação em que são usados, utiliza-se do conceito de intenção de fala de

STEEGER para abranger todo o complexo de regras que dirigem o processo da comunicação individual. A intenção de fala, ponto de partida para seu estudo, é definido por STEEGER como:

"a intenção (a finalidade, o objetivo) que um falante deixa entrever frente ao seu interlocutor em uma ocasião comunicativa e para cujo enunciado ele utiliza unidades e regras de seu sistema linguístico de um modo característico." (STEEGER *apud* SENNEKAMP 1979: 77)

STEEGER agrupa as diversas intenções de fala possíveis em alguns poucos tipos de intenção de fala. O falante organizaria seu material linguístico segundo as convenções sociais de cada situação de comunicação para exprimir sua intenção ao interlocutor. Com uma intenção de fala o falante tem sempre em vista um conteúdo, a parte temática à qual se refere a intenção de fala, constituindo o ato de intenção comunicativa, que pode ser assim formalizado:

"eu quero o seguinte - intenção de fala (SFI) - em relação ao tema (TH).
(STEEGER *apud* SENNEKAMP 1979: 79)

Para STEEGER, as intenções de fala concretas podem ser agrupadas em sete tipos elementares que podem realizar-se em diversos subtipos. Assim, os atos da comunicação não seriam classificados segundo verbos potencialmente performativos, mas através de poucas intenções de fala independentes da língua. SENNEKAMP tenta então estabelecer, com o auxílio das intenções de fala e de fatores referentes ao desenvolvimento do diálogo, um modelo que possibilite a descrição de todos

os "modos de uso" (*Gebrauchsarten*) potenciais dos sinais de negação em diálogos. O modo de uso deve ser entendido como:

a força de expressão específica de um signo linguístico que ele pode assumir regularmente na interação linguística (*Sprechhandeln*) intencional".

(SENNEKAMP, 1979: 82)

As condições de uso típicas do signo linguístico na interação linguística determinariam o modo de uso que ele pode virtualmente assumir; assim não se atribui ao signo linguístico um significado constante e ele assume o seu modo de uso apenas no diálogo concreto (cf. SENNEKAMP 1979: 82). Com isto em vista, SENNEKAMP elabora um sistema para operacionalizar as condições necessárias a cada modo de uso, considerando os seguintes elementos:

S = emissor (*Sprecher*) do enunciado no qual está o sinal de negação em estudo (= EU)

P = interlocutor (*Partner*) (= VOCÊ)

x = escopo do sinal de negação em questão

y = variável livre para caracterização de um determinado conteúdo ou de uma determinada intenção de fala

(SENNEKAMP, 1979: 88)

Além desses elementos é considerada como básica a intenção de fala que determina o enunciado do emissor. Quanto ao escopo do sinal de negação, ou seja, o objeto que o falante exclui com relação ao ouvinte, SENNEKAMP ressalta que por vezes é necessário recorrer à evolução da comunicação e ao conhecimento da situação para determiná-lo.

Utilizando diálogos autênticos do *Freiburger Corpus* de três "constelações de discurso" (*Redekonstellationen*): entrevistas de aconselhamento (*Beratungsgespräche*), entrevistas de rádio e *small-talk*), a autora analisa os sinais de negação presentes em seu *corpus* e agrupa os modos de uso em três classes:

1. Nível da intenção de fala (para verbalizar uma intenção de fala)

(ex.: no modo de uso "recusar" (*Verweigern*), o falante sinaliza sua intenção de não executar a intenção expressa pelo seu interlocutor em um enunciado prévio);

2. Nível do conteúdo (para explicitar um conteúdo em um ato de intenção comunicativa)

(ex.: no modo de uso "contestar" (*Widersprechen*) o falante afirma que um conteúdo introduzido anteriormente como correto pelo interlocutor não é aceito como correto pelo falante);

3. Nível do discurso (para sinalizar conteúdos que só podem ser reconhecidos no todo do diálogo e servem à sua estruturação)

(ex.: no modo de uso "auto-correção" (*Selbstkorrektur*) o falante quer substituir um signo linguístico por outro com o mesmo modo de uso).

Cada uma dessas classes engloba vários modos de uso e cada um deles pode ser expresso por diversos sinais de negação como *nicht*, *nein*, etc. SENNEKAMP determina estatisticamente a frequência de uso de cada um dos sinais de negação por modo de uso, além da influência do tipo de texto na distribuição dos modos de uso. Menciona também a comparação entre a frequência dos sinais de negação (em porcentagens) na língua escrita e na falada, sendo interessante notar que,

dos sinais de negação considerados (a saber *nicht*, *kein*, *nichts*, *nie(wals)/nimmer*, *niemand*, *nirgend* (-wo) e *keineswegs/-falls*), todos sofreram decréscimo da língua escrita para a falada, com exceção do *nicht*, que apresentou um aumento significativo de 74,1 para 80,5% .

Além da importância que dá à língua falada, o estudo de SENNEKAMP (1979) é o primeiro dentre os estudos alemães aqui mencionados a ter como objeto de estudo um *corpus* autêntico, composto de diálogos completos inseridos em um contexto situacional. Este procedimento traz grandes vantagens em relação ao método utilizado pelos demais autores, que recorrem a sentenças ilustrativas desprovidas de contexto, o que não permite avaliar objetivamente a validade de suas teorias no que se refere ao uso efetivo pelos falantes da língua em questão. Os enunciados analisados pela autora têm sua desambiguação proporcionada pelos contextos linguístico e situacional, o que permite inclusive entrever a intenção do falante, que determina os diferentes modos de uso dos sinais de negação, como a autora denomina os elementos sintáticos aos quais se atribui tradicionalmente a noção de negação. Rompendo a barreira sintática e orientando-se pelo todo da interação linguística, SENNEKAMP comprovou a utilização desses sinais de negação com diversas finalidades, que englobam desde a negação de conteúdos e a rejeição de ordens até a auto-correção e inclusive a concordância com o interlocutor, o que também foi comprovado

mais tarde por ILARI *et alii* (1989). Metodologicamente bem estruturado, este estudo fornece importantes subsídios para o estudo da negação em geral. Porém alguns modos de uso não são suficientemente explicitados e parecem por vezes entrar em conflito com os exemplos que os caracterizam, o que mereceria uma revisão por parte da autora.

2.2.7 KÜRSCHNER: Studien zur Negation im Deutschen
(1983)

A obra de KÜRSCHNER, extremamente minuciosa e demonstrando grande erudição e conhecimento de diversos ângulos do problema da negação no âmbito da lógica, semântica e sintaxe, compreende na realidade quatro estudos diferentes sobre questões relacionadas à negação. O primeiro capítulo é dedicado a uma detalhada análise crítica de estudos anteriores sobre a negação, com exemplos de abordagens não-gramaticais (lógico - filosófica, comunicativo - pragmática e psico-lingüística) e gramaticais. No segundo capítulo, dedicado aos aspectos pragmáticos de enunciados negativos, o autor apresenta seu modelo para a descrição da estrutura do enunciado, baseado em HARE e LYONS. O enunciado é dividido em três componentes: um *Neustikon* ("neustic"), um *Tropikon* ("tropic"), que juntos correspondem ao conteúdo ilocucional de SEARLE, e um *Phrastikon* ("phrastic"), que corresponde ao conteúdo proposicional. KÜRSCHNER salienta que o *Neustikon* é

um "sign of subscription" e o *Tropikon* um "sign of mood", entendendo "mood" não só como modo no sentido do paradigma verbal (indicativo, imperativo), mas também como um conjunto de outras propriedades formais de uma sentença que correspondem a um ato de fala específico, realizado normalmente com uma sentença desse tipo. KÖRSCHNER ressalta que:

"geralmente há uma estreita correlação: sentenças declarativas (tipo de sentença) com verbo no indicativo (modo verbal) são usadas via de regra para realizar asserções (ilocução). /.../ Normalmente (porém não, por exemplo, em sentenças ilustrativas constantes de estudos linguísticos) o falante 'responsabiliza-se' quanto ao valor de verdade de sua proposição, 'endossa-a' de certo modo. Com estas expressões tentamos reproduzir o conteúdo das expressões inglesas 'subscribe to', 'subscription' que HÄRÉ usa para a caracterização do *Neustikon*."

(KÖRSCHNER, 1983: 37)

Em seguida, com o auxílio do exemplo *Hans ist reich* ("Hans é rico"), o autor explica o funcionamento da estrutura triplíce do enunciado:

"O enunciado /acima/ vale como uma asserção (*Behauptung*) porque a sentença utilizada para isso contém um verbo no indicativo e – assim presumimos – é produzida com o contorno entonatório típico de sentenças afirmativas (na língua escrita reproduzida pelo ponto final). A estrutura do enunciado assim concebido e compreendido pode ser reproduzido do seguinte modo:

eu digo – isto é assim – Hans rico-ser

A primeira parte dessa fórmula, "eu digo", representa o *Neustikon*; o falante coloca-se atrás da descrição do conteúdo contida no *Phrastikon* ("Hans rico-ser"), cujo "ser fato" ou facticidade ele "endossa. Através do *Tropikon* indicativo ("isto é assim"), a descrição contida no *Phrastikon* é marcada como devendo ser considerada fatural."

(KÖRSCHNER, 1983: 38)

Assim, variando o *Neustikon*, o falante pode posicionar-se de diferentes formas frente ao valor de verdade do enunciado que produz. O capítulo 2.2 de sua obra é dedicado ao estudo das diferentes possibilidades de negação decorrentes desse modelo e das influências destas categorias pragmáticas sobre diferenciações morfosintáticas formais. Dentro deste modelo os enunciados podem ser negados:

- a) "neusticamente" (equivalente à negação performativa - eu não digo/afirmo que...);
- b) "tropicamente" (condicionada ao contexto - contestação a um enunciado anterior ou suas pressuposições ou aceitação de um enunciado negativo);
- c) "frasticamente" (independente do contexto - estabelecimento de uma asserção)
(cf. KÖRSCHNER, 1983: 329)

O autor porém ressalta que "o modelo aqui utilizado visa ao aspecto da utilização e não ao aspecto da estrutura formal de sentenças ou às possibilidades de sua descrição (op.cit. pg.72).

O terceiro capítulo da obra de KÖRSCHNER (1983) é dedicado a aspectos morfo-sintagmáticos e paradigmáticos de unidades lexicais tradicionalmente consideradas negativas, com a finalidade de:

"chamar a atenção para a autonomia gramatical de sinais e sentenças negativas e relativizar a visão usual que os considera meros derivados de sinais e sentenças positivas." (KÖRSCHNER, 1983: 329).

O autor propõe então uma orientação paradigmática para o estudo dessas unidades negativas, com base em um sistema escalar que contempla expressões gradativas entre polos

extremos, positivo e negativo (p.ex.: *nie - selten - wenig - kaum - manchmal - oft - immer*; ou, em português: nunca - raramente - pouco - quase nada - às vezes - frequentemente - sempre).

A observação de que determinados lexemas ou pares de lexemas são sensíveis à polaridade (o que determina em quais contextos os elementos pertencentes ao polo negativo podem ser utilizados) leva o autor a dedicar o quarto capítulo à distribuição de lexemas de polaridade negativa, no qual investiga as condições morfosintáticas sob as quais a alternativa de polaridade negativa pode ser seleccionada; por exemplo, no caso de um contexto que compreenda o elemento *einmal*:

- a) apenas o elemento negativo *nicht* pode ser seleccionado;
- b) *nicht* precisa estar na mesma oração que *einmal*;
- c) *nicht* precisa anteceder a expressão *einmal*
- d) *nicht* e a expressão *sogar* (que pode aparecer como intensificador) precisam estar em contato;

A sequência de estudo vai da unidade distribucionalmente mais restrita *einmal* à unidade mais livre *jemais*, sendo examinados a saber: *sogar - (nicht) einmal; noch - (nicht etc.) mehr; schon - nicht (nicht etc.); brauchen; je(mais)*. À página 333 são apresentados, em uma tabela, os contextos sintagmáticos que permitem a ocorrência dos lexemas de polaridade negativa abordados no capítulo 4.

KÜRSCHNER investiga ainda as condições de uso das formas livres *ja-nein-doch* e, no quinto capítulo, dos "negativóides" *kaum* e *wenig*, assim como a distribuição de *sondern*. O apêndice apresenta uma extensa lista de unidades lexicais de polaridade negativa, onde se incluem também expressões idiomáticas, tais como: *kein Blatt vor den Mund nehmen* (= "não ter papas na língua").

A obra de KÜRSCHNER (1985) apresenta uma nova abordagem para os elementos negativos ao considerá-los como pertencentes a um eixo comum com elementos positivos e estudando o comportamento dos elementos negativos com relação a ambos os eixos: na relação paradigmática escalar com os elementos positivos e na relação sintagmática com o contexto próximo. Esse procedimento é uma boa sugestão para um estudo posterior, que verificasse a influência do contexto próximo na escolha do elemento de negação em português e alemão. Na abordagem pragmática, a tripartição da estrutura do enunciado elimina os problemas levantados pela abordagem lógica da negação, que admite apenas uma possibilidade de negação em termos de falso/verdadeiro, mas o autor não sistematiza as implicações morfosintáticas do modelo com relação aos elementos negativos, o que aliás não é seu objetivo, conforme deixa claro no final do estudo.

2.2.8 KÜLLER: "Äquivalente Negierungen im Deutschen und Portugiesischen - Ein Übersetzungsversuch" (*in Sprachwissenschaft* 13, 1988)

Em artigo publicado na revista Sprachwissenschaft, KÜLLER faz uma comparação entre textos narrativos em alemão e em português e suas respectivas traduções, examinando a frequência de uso e a equivalência dos elementos negativos com a função de "refutação" (*Verneinung*) em ambas as línguas, embora sem definir este conceito, remetendo apenas à literatura especializada (cf. KÜLLER, 1988: 67).

O autor inicia o artigo com uma comparação entre os sistemas de negação em ambas as línguas, esquematizando os elementos de negação conforme sejam aplicados a nível da oração (*Satz*), de membros da oração (*Satzglieder*) ou no interior de tais membros, como morfema livre (adverbial ou adnominal) ou afixos. O estudo abrange também negações que atuam a nível interfrasal, como as conjunções *weder...noch*, *nem...nem* e *ohne*.

KÜLLER procede então à comparação do uso dos elementos negativos nas duas línguas, com base em dados estatísticos obtidos na comparação dos *corpora* e estabelecendo equivalências primárias e secundárias (*Haupt- und Nebenäquivalenzen*) entre esses elementos. A partir do *corpus* em português, examina cada equivalente possível em alemão e

as razões para sua escolha, apresentando os resultados em uma matriz e comentando-os a seguir. *Não* e *nicht* surgiram como as formas negativas mais utilizadas em cada língua, sendo que, na opinião do autor, *nicht* apresenta maior liberdade de colocação na frase que *não*. *Kein* apresenta-se como complementar a *nicht* com relação a *não*. A segunda maior ocorrência é de negação por meio de afixos, com maior frequência em alemão. Todas as equivalências são detalhadamente discutidas e avaliadas, partindo-se sempre do português para o alemão.

Temos aqui um bom exemplo de estudo linguístico comparativo sobre a negação sintática em português e alemão. A utilização de um *corpus* autêntico e de procedimentos estatísticos contribui muito para sua validade e produz resultados importantes para estudos posteriores sobre o tema. Porém, o *corpus* escolhido traz algumas desvantagens pelo fato de restringir-se a traduções feitas pelo mesmo autor, as quais, como o próprio KÖLLER reconhece (cf. KÖLLER, 1988: 82, 83, 99 e 103), são muito livres, por vezes discutíveis e muito influenciadas pela língua de partida e pelo estilo e idioleto do tradutor. Os resultados de seu trabalho também não podem ser aplicados a diálogos, segundo seus próprios comentários (cf. KÖLLER, 1988: 113), mas podem fornecer parâmetros para uma comparação sobre o comportamento de elementos negativos em ambas as línguas em textos escritos e falados. Muito interessante é sua visão da

negação como um paradigma (cf. KÖLLER, 1988: 116), permitindo na tradução uma escolha dentre uma série de elementos negativos, fora de uma correspondência biunívoca, o que é um grande avanço em relação à apresentação da gramática contrastiva de HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS (1982). Ao discutir as razões das diversas possibilidades de tradução de elementos morfossintáticos negativos do português para o alemão, o autor busca critérios baseados em elementos não sintáticos (por exemplo, a intenção de fala), que determinassem a escolha de um dado elemento de negação, o que comprova a necessidade de considerar outros níveis linguísticos que não apenas o sintático para a efetiva compreensão do uso de elementos negativos.

2.3. Análise e comparação dos diversos enfoques

Como já mencionamos, a questão da negação é altamente complexa, permitindo diversos enfoques, todos válidos dentro de seus objetivos. Expomos a seguir os motivos que nos levaram à escolha de nossa teoria-base.

A negação está presente em vários aspectos da vida do indivíduo. Na psicologia, aparece como um mecanismo que permite ao indivíduo dar vazão a pensamentos reprimidos (cf. FREUD, 1923); na lógica, caracteriza a não-validade de uma proposição (cf. KÜRSCHNER, 1983: 3). Porém é na comunicação linguística que a complexidade da negação se revela de forma mais patente.

Em primeiro lugar, podemos identificar dois diferentes níveis de negação: a negação semântica e a negação sintática, os quais nem sempre coincidem e que não são claramente diferenciados em muitos estudos sobre o tema. Conforme exposto nos compêndios de gramática, falantes nativos de uma língua reconhecem instintivamente em alguns elementos sintáticos ou morfológicos dessa língua um traço semântico denominado "negativo". Tradicionalmente, esses elementos são caracterizados como "palavras negativas" ou "sinais de negação", e as sentenças que os contêm são consideradas sintaticamente negativas.

Forém, conforme demonstrado nos trabalhos de BENNETT (1979) e ILARI *et alii* (1989), entre outros, sentenças sintaticamente negativas e elementos linguísticos tradicionalmente caracterizados como negativos não têm sempre a função semântica de negação, podendo assumir diversas funções comunicativas, inclusive sinalizando concordância com o interlocutor, o que pode ser considerado o oposto da negação semântica. Por outro lado, conforme ressaltado por HELBIG/BUSCHÁ (1974), a negação semântica pode também ser expressa sem o uso dos elementos sintáticos denominados negativos, com recursos como a ironia, por exemplo.

Além da função semântica de rejeitar ou sinalizar como não-pertinentes os conteúdos propostos durante a comunicação, a negação tem ainda, segundo WEINRICH (1976), a função de intervir no desenvolvimento da interação linguística, possibilitando ao interlocutor sinalizar ao falante a necessidade de redirecionamento da interação.

Essa diversidade de funções mostra que a negação linguística tem todos os elementos para trazer grandes dificuldades aos estudiosos do problema. Como o fenômeno da negação extrapola os diversos níveis linguísticos (sintático, semântico e pragmático), qualquer estudo que se atenha apenas a um desses níveis representa uma grande simplificação, que não pode pretender abarcar todo o problema. O recorte teórico

deve, portanto, ter em vista os objetivos básicos do estudo e aceitar as limitações decorrentes de tal procedimento. Dentro desta premissa, analisamos os estudos sobre o tema apresentados nos itens anteriores.

Conforme expusemos anteriormente, o objeto de nossa pesquisa é a negação semântica expressa sintaticamente por pelo menos um dos elementos sintáticos tradicionalmente denominados negativos em português e alemão, tendo por objetivo a comparação dessas formas sintáticas de expressão da negação em ambas as línguas.

Para tanto, necessitamos de um embasamento teórico que permita o estabelecimento de parâmetros idênticos para a identificação da negação semântica em ambas as línguas nos diálogos constantes do *corpus*, para posterior comparação de sua expressão sintática. Após a leitura crítica dos diversos autores, chegamos aos seguintes resultados:

a) Tanto em português como em alemão há um grupo de palavras que são "instintivamente" caracterizadas como "negativas" ou "negativadoras" pelos falantes nativos. Conforme demonstrado pelo método de substituição paradigmática, usado por DRUDOWSKI (1984) e HELBIG/ALBRECHT (1973), e pelo tratamento dos compêndios de gramática da língua portuguesa (os quais em geral não abordam tais palavras sob um tópico comum de "negação", agrupando-as

junto às classes de palavras com as quais comutam), tais palavras constituem um grupo de elementos provenientes de diferentes classes gramaticais, agrupados por um traço semântico comum. Este traço semântico negativo é interpretado por alguns como sinal de dissensão (SCHMIDT *apud* SENNEKAMP, 1979), de exclusão (cf. WEINRICH, 1976) ou de rejeição (SEARLE/ZIFONIUM *apud* SENNEKAMP, 1979).

b) No entanto, como mostram os trabalhos de SENNEKAMP (1979) e de ILARI *et alii* (1989), as palavras pertencentes ao grupo de elementos negativos podem também ser usadas com outras finalidades que não a de exprimir dissensão, exclusão ou rejeição, podendo assumir funções fáticas, de apelo ao ouvinte, ou, inclusive, demonstrar concordância com o interlocutor. Assim sendo, a verdadeira função do elemento negativo só se define a nível textual, na combinação com outros signos na situação de comunicação concreta. Devido a essa propriedade, a gramática tradicional e alguns estudos semânticos realizados sobre o tema e citados em SENNEKAMP (1979) não apresentam uma abordagem satisfatória dos elementos negativos, ao se basearem em frases isoladas desprovidas de contexto, ao invés de enunciados autênticos em uma situação de comunicação concreta. Desse modo, as diversas funções, que seriam esclarecidas pelo contexto, obrigam os autores a considerar um grande elenco de "exceções".

c) A noção de escopo é básica para a negação, conforme demonstra a grande preocupação dos estudos com a distinção entre negação de sentença e de constituinte. A desambiguação do escopo de uma sentença semântica e sintaticamente negativa é possibilitada, conforme a maioria dos autores examinados, por meio de construções sintáticas auxiliares (*nicht/kein...sondern...*; não ... mas sim...), do uso da entonação e, finalmente, pelo contexto linguístico e situacional em que a sentença se insere. Assim sendo, o estudo de enunciados negativos pertencentes a diálogos autênticos, se não permite a verificação de todas as possibilidades de realização da negação semântica a nível sintático, permite a determinação mais acurada do escopo da negação e da intenção efetiva do falante ao utilizar-se de tal anunciado no desenrolar da comunicação, permitindo inclusive identificar os casos em que elementos sintaticamente negativos são usados sem a função semântica de negação.

Buscamos então para esta pesquisa uma abordagem teórica que examinasse a construção da frase (por ser ela o primeiro elemento de sentido elaborado pelo falante - cf. INGARDEN, 1960), partindo de sua semântica e considerando também elementos contextuais e a intenção comunicativa do falante,

a fim de identificar a negação semântica subjacente a um enunciado sintaticamente negativo. Tais premissas levaram-nos à teoria da semântica da frase (*Satzsemantik*) de POLENZ (1985) e à gramática de ENGEL (1988).

3. Peter von Folenz: A Semântica da Frase

No capítulo 1.2.1 de seu livro Deutsche Satzsemantik, FÖLENZ discorre sobre a mudança de perspectiva da abordagem sintática para a da semântica da frase:

"Na sintaxe tradicional 'subia-se' de certo modo 'de baixo para cima': das terminações isoladas das flexões, palavras e sintagmas (*Wortfügung*) para as partes da oração, porém, na maioria das vezes não se chegava até a unidade da frase como um todo. A esta sintaxe ascendente opôs-se desde o final da década de 50 a sintaxe descendente, nas novas abordagens sintático-teóricas de Lucien Tesnière (teoria da valência) e Noam Chomsky (gramática gerativa e transformacional), com a qual, ao contrário, partia-se 'de cima', do todo da oração, e de lá chegava-se a seus constituintes através de divisões sistemáticas." (FÖLENZ, 1983: 47)

"A segunda novidade básica, que levou paulatinamente da sintaxe para a semântica da frase, foi a inversão do sentido tradicional-filológico da expressão para o conteúdo, ou seja, a nova abordagem do conteúdo para a expressão. /.../ Ambas as direções de pesquisa na semântica são necessárias e comportam-se de modo complementar. A semasiologia corresponde à perspectiva do ouvinte / leitor (o que significa essa palavra?), a onomasiologia corresponde à perspectiva do falante / escritor (como posso exprimir meus pensamentos?)".

(FÖLENZ, 1983: 30)

FÖLENZ propõe assim uma abordagem que se aproxima do uso efetivo da língua pelo falante, nativo ou estrangeiro: de posse da intenção de comunicar um determinado conteúdo, o falante serve-se de seu elenco de regras e elementos linguísticos e sociais para expressar esse conteúdo.

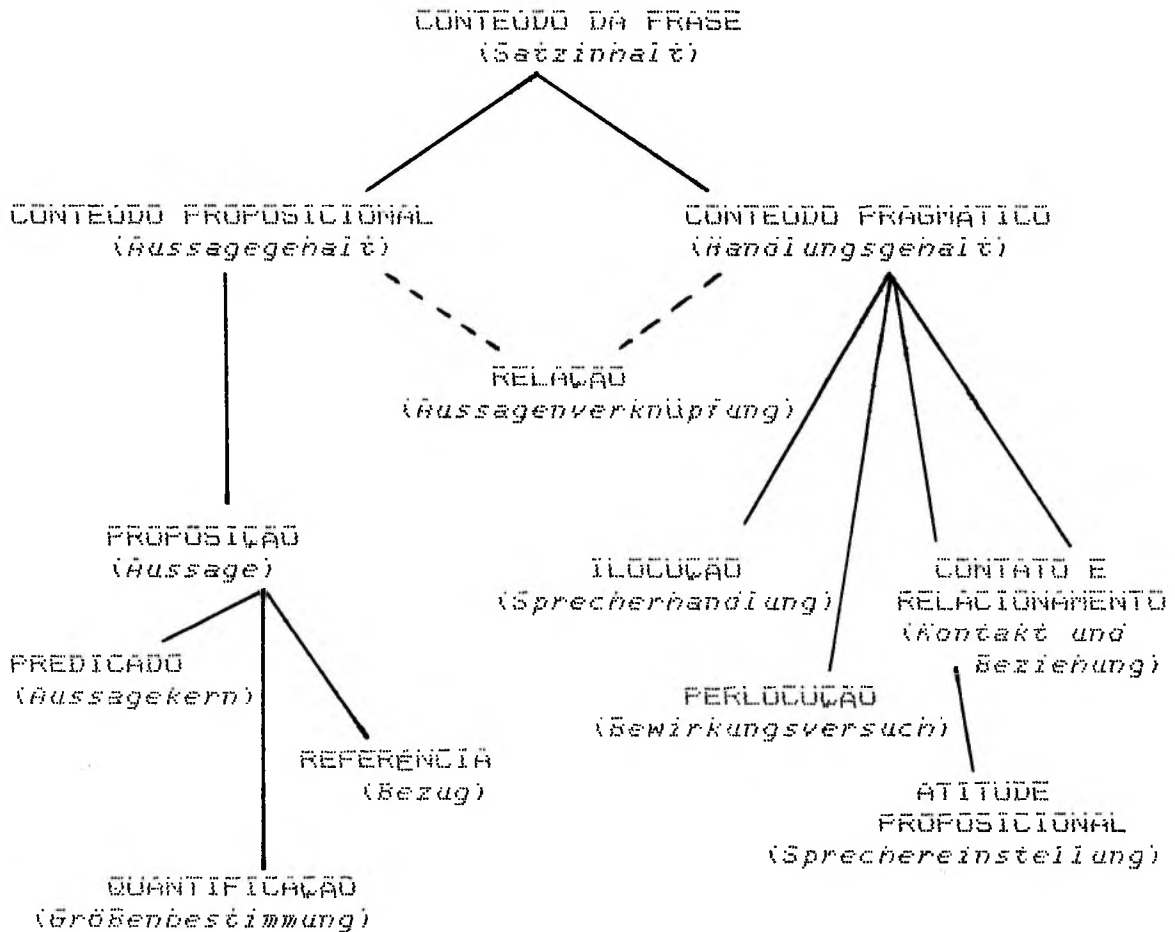
Assim, um mesmo conteúdo semântico pode ser expresso sintaticamente de várias maneiras. Polenz afirma que, na semântica frasal, não mais se pergunta pelo significado, por exemplo, da conjunção subordinativa *da*, mas pelas diversas possibilidades sintáticas de expressão para uma relação "causal", o que inclui, além das orações subordinadas causais, partículas como *ja*, *eben*, *doch*, preposições como *wegen*, *aus*, *infolge* e até meios de expressão não-lingüísticos como parênteses, setas, movimentos de mão e de ombros (cf. FOLENZ, 1985: 31). No entanto, FOLENZ não considera a semântica da frase como um substituto para a sintaxe, salientando que ambas devem ser usadas de maneira complementar, como a semasiologia e a onomasiologia, de acordo com os objetivos que se queira alcançar. FOLENZ identifica, a partir dessa mudança de direção de pesquisa, duas novas perspectivas:

- "- na sintaxe : da frase como um todo para seus constituintes;
- na semântica da frase: do conteúdo total da frase para seus constituintes, e só então para suas formas sintáticas (e outras) de expressão."

(FOLENZ, 1985: 30)

Pretendemos, nesta pesquisa, seguir a perspectiva proposta pela semântica da frase, partindo de enunciados negativos autênticos, localizando a negação entre seus constituintes e examinando, então, as suas formas sintáticas de expressão.

Para descrever a estrutura do "conteúdo total da frase", primeiro estágio do estudo dentro da semântica da frase, FÖLLENZ apresenta um esquema que, além de contemplar a realização concreta da frase, passível de descrição sintática, engloba também elementos extra-linguísticos:



(FÖLLENZ, 1985: 93)

O termo predicado não deve aqui ser entendido em termos de "sujeito/predicado", mas sim no sentido do cálculo dos predicados. Os argumentos a ele associados são aqui denominados referências. As duas ações parciais mais

importantes do conteúdo da frase referentes ao objeto são, portanto, o referir e o predicar. A segunda parte do conteúdo da frase é constituída pelo conteúdo pragmático, que além da ilocução, perlocução e atitude proposicional, inclui o componente social aqui denominado contato e relação.

Como elementos intermediários estão as relações, que pertencem em alguns casos ao conteúdo proposicional, em outros ao conteúdo pragmático, no limite da semântica textual (cf. FÖLLENZ, 1983: 92).

A maioria dos predicados principais é expressa por verbos, mas também por adjetivos e substantivos combinados a verbos de ligação, como *ser*, *permanecer*; *scheinen*, etc. (ex.: *ich bin schwindlig*; *ele parece doente*) ou a verbos que atuam apenas como "ponte" entre a referência e a predicação (ex.: *er gibt keine Antwort*; *fiz uma pergunta*).

Quanto às formas de expressão da referência, temos os pronomes (de todos os tipos) e os nomes próprios como elementos puros de referência. Uma outra possibilidade de expressão da referência são os substantivos comuns, que podem assumir funções referenciais mas que, ao invés de simplesmente identificar o objeto, como os nomes próprios, também carregam uma predicação implícita ao classificar o

objeto como pertencente a uma determinada classe de elementos. Assim, os substantivos podem atuar como expressão de predicado ou de referência.

O terceiro elemento do conteúdo proposicional, a quantificação, pode ser expressa explicitamente, através de expressões de quantificação (como artigo, numeral), ou implicitamente, através de compreensão do contexto.

Segundo FÖLENZ, o conteúdo pragmático é geralmente ignorado na gramática tradicional e abordado pelos compêndios genericamente sob o título "modalidade". Referências ao falante, expressões de sentimentos e colocações, interjeições, advérbios modais e partículas enfáticas (*Äbtönungspartikeln*) são freqüentemente evitados em textos escritos oficiais, científicos e jornalísticos, a fim de se obter uma "representação puramente objetiva". Assim sendo, aqueles meios pragmáticos de expressão são considerados muitas vezes como "superficialidade estilística", não-objetivos, incultos, coloquiais ou não-científicos. Também na linguagem falada, o conteúdo pragmático não é expresso tão claramente por meios linguísticos como o conteúdo proposicional, utilizando-se muito freqüentemente de recursos supra-segmentais, como a entonação, e meios não-linguísticos, como a gestualidade. (cf. FÖLENZ, 1985: 194-195).

Com este relato sucinto esperamos ter esclarecido o esquema apresentado na página 68, que representa os elementos constitutivos do conteúdo oracional simples, unidade básica de nosso estudo.

4. A Negação na Semântica da Frase

Dentro do conteúdo pragmático, uma das atitudes proposicionais é a que se refere ao valor de verdade do conteúdo proposicional. Algumas atitudes proposicionais estão tão ligadas a tipos ilocucionais (*Sprecherhandlungstypen*), que não precisam sequer ser expressas. Quando se comunica algo a outrem, isso normalmente implica que o emissor acredita na veracidade do conteúdo proposicional (atitude proposicional específica do tipo de interação). Porém outros tipos, como perguntar ou prometer, não estão ligados a um considerar verdadeiro (*für-wahr-halten*), são neutros em relação ao valor de verdade.

Geralmente constitui motivo para a expressão verbal do considerar verdadeiro, que os participantes do ato de comunicação prevejam dúvidas quanto à veracidade do conteúdo proposicional, ou que já tenha sido expresso algo em contrário ou diferente sobre o tema durante a interação. Um outro motivo é a atenuação do valor de verdade, como a expressão de insegurança ou distanciamento da responsabilidade pelo valor de verdade da proposição por parte do emissor. Mas o oposto de "considerar verdadeiro", a negação, deve ser expresso obrigatoriamente.

POLENZ compartilha da opinião de que a negação semântica não pode ser concebida como a negação lógica. Segundo ele:

" A forma mais explícita de negação, utilizada com prazer pelos lógicos para esclarecê-la, são sentenças complexas (*Satzgefüge*), nos quais a negação constitui uma sentença matriz em relação à sentença negada: uma proposição $P(x, y)$ é inserida (*eingebettet*) por meio da negação N em um conjunto de enunciados (*Aussagegefüge*): $N(P(x, y))$, onde N deve ser verbalizado por sentenças matrizes explícitas como: "não é verdade que...", "não é o caso que...", "não é certo que...", "não é válido que...". Estas formulações de inserções (*Einbettungen*), contudo, só são possíveis com a retirada da proposição de seus contextos ou em ilocuções de caráter negativo como contrariar, corrigir. Por isso a negação não deve ser tratada como uma estrutura de inserção, mas como parte constitutiva do conteúdo simples da oração, como as atitudes proposicionais com relação ao valor de verdade. O *status* da negação na semântica da oração é de um operador sentencial (*Satzoperator*), comparável à quantificação como operador referencial."

(POLENZ, 1985: 216)

POLENZ diferencia a negação segundo o seu escopo, isto é, aqueles componentes do conteúdo da frase aos quais se refere:

"Na gramática tradicional diferencia-se entre negação da oração (*Satzverneinung*) e negação de constituintes da oração (*Satzgliedverneinung/Sonderverneinung*). As negações de membros da oração devem ser (quando os elementos não são predicacões abreviadas adicionais) tratados na semântica da frase como acréscimos (*Zusätze*) negativos a referências" (POLENZ, 1985: 216)

Nem sempre é fácil identificar o escopo da negação. POLENZ afirma que, em muitos casos, ele pode ser reconhecido a nível sintático pela colocação da partícula negativadora junto à expressão do predicado (verbo, substantivos e adjetivos), citando como exemplos: *findet nicht statt* ("não

se realiza"), *nicht zu entnehmen ist* ("não pode ser inferido"), *nicht zur Rechtschaft gezogen sind* ("não chegaram à legalidade"), *keine Jünglinge mehr werden* ("não mais se tornarão jovens" - todos os exemplos são retirados de textos autênticos apresentados no início de seu livro). Porém, ressalta que, em muitos casos, a negação refere-se apenas aparentemente ao objeto de referência que se lhe segue imediatamente (ou com a qual constitui uma unidade lexical), "quando se pode provar através de permutação ou paráfrase adequada ao contexto, que não há uma negação da referência, mas sim da proposição" (POLENZ, 1985: 216), como nos exemplos:

1. *"soweit er nicht die Rechte anderer verletzt"*
 1a. *"soweit er die Rechte anderer nicht verletzt"*
 (= desde que não fira os direitos alheios)

2. *"du sollst keine anderen Götter neben mir haben"*
 2a. *"andere Götter sollst du neben mir nicht haben"*
 2b. *"es ist dir nicht erlaubt, andere Götter neben mir zu haben"*
 (= não debes ter outros deuses além de mim")

3. *"niemand darf wegen /.../ bevorzugt werden"*
 3a. *"es ist nicht erlaubt, daß jemand /.../ bevorzugt wird"*
 (= ninguém pode /.../ ser privilegiado)

Ainda segundo POLENZ, para a análise do texto é mais importante indagar pelo motivo ou objetivo pragmático da negação (cf. POLENZ, 1985: 217).

Conforme a indicação de POLENZ, as negações de elementos da frase devem ser consideradas como acréscimos a referências. Assim como na sintaxe verbos podem ser modificados por

advérbios e substantivos por atributos, tais modificações têm correspondente na semântica da frase: são acréscimos (*Zusätze*) a conteúdos oracionais ou a seus componentes, estabelecendo "predicações adicionais" (cf. POLENZ, 1985: 247). Os acréscimos referentes ao conteúdo da oração como um todo fogem ao escopo da semântica da frase e pertencem à semântica textual.

O escopo do acréscimo é um elemento muito importante. Segundo o autor:

"a constatação do escopo de acréscimos por vezes é difícil, pois a estrutura sintática da oração também aqui não é sempre congruente com a estrutura do conteúdo da oração". (POLENZ, 1985: 247-248)

Os acréscimos a referências devem ser distinguidos dos atributos, que são dependentes da valência do núcleo do grupo nominal. Entre as possibilidades de acréscimos a referências estão os acréscimos negativadores, considerados "negação como exclusão" (POLENZ, 1985: 262). O escopo de tais negações pode ser melhor identificado através de reformulações como "não é/não há x, o qual ..."

4. *"nicht sie hat ihm das geraten"*
- 4.a *"es ist nicht sie, die ihm das geraten hat"*
(= não foi ela quem lhe aconselhou isso)
5. *"kein Mensch war dort"*
- 5a. *"Es gibt nicht einen einzigen Menschen, der dort war"*
(= não há um único homem, que lá estivesse)

(POLENZ, 1985: 262-263)

Quanto à negação aplicada ao conteúdo pragmático, POLENZ não a examina por considerá-la pertencente à lingüística textual e portanto fora do escopo da obra em questão.

Julgamos muito apropriado o enfoque de POLENZ (1985) ao considerar a negação como um elemento externo ao conteúdo proposicional. A negação lingüística não é a negação lógica, conforme já demonstrado por vários dos autores que consultamos para nosso trabalho (cf. KURSCHNER, 1983 e SENNEKAMP, 1979) mas sim depende das convicções e conhecimentos do falante, sendo considerada por POLENZ como uma das atitudes proposicionais referentes ao falante (cf. POLENZ, 1985: 215-218 e 255). Porém, a negação parece ter um *status* especial dentro desta classe, pois é também arrolada entre os acréscimos. cremos que POLENZ proceda desta maneira pelo fato de a negação, apesar de fazer parte do conteúdo pragmático, atuar diretamente sobre a proposição (*Aussage*) e seus componentes, ou seja, elementos do conteúdo proposicional.

Os conceitos de POLENZ nos parecem os mais adequados aos objetivos de nossa pesquisa quanto à definição da natureza e do mecanismo da negação semântica, considerada como um acréscimo do falante ao valor de verdade da proposição ou como um mecanismo de exclusão de referentes. Porém, para a

classificação efetiva da negação semântica em nosso *corpus*, é necessário o estabelecimento de critérios mais detalhados, que nos permitam reconhecer com segurança as categorias da negação semântica representadas nos *corpora* em ambas as línguas. Assim sendo, buscamos um modelo mais detalhado de negação, mas que respeitasse os conceitos expostos na teoria de POLENZ (1985), o que nos levou à obra Deutsche Grammatik, de Ulrich ENGEL (1988).

5. A Negação na Gramática de Engel

No rastro de teorias linguísticas recentes, a Deutsche Grammatik de ENGEL (1988) aborda a negação de uma maneira bastante próxima à de POLENZ. ENGEL entende a negação como:

"todas as funções de expressão que têm como objetivo negar algo (*in Abrede stellen*), a adequação ou direito (*Berechtigung*) de uma ilocução, o valor de verdade de uma proposição, a existência de uma grandeza, uma circunstância ou um processo, a presença de uma qualidade. No primeiro caso falamos de Rejeição (*Zurückweisung*), no segundo de Contestação (*Bestreiten*), no terceiro de Exclusão (*Aussprechen*) e no quarto de Restrição (*Äbsprechen*)."

(ENGEL, 1988. 779)

Para cada tipo de negação é apresentado um exemplo, conforme segue:

Rejeição: *Sie könnten uns mal Kaffee machen. - Ich denke ja gar nicht daran.*

(Você bem que poderia nos servir um café. - Eu nem penso nisso!)

Contestação: divide-se em dois subtipos:

a) Oposição: *Ima liegt im Krankenhaus - Nein.*

(Ima está no hospital. - Não)

b) Negação: *Ima liegt nicht im Krankenhaus.*

(Ima não está no hospital)

Exclusão: *Nicht davon wollte ich sprechen.*

(Não era sobre isso que eu queria falar)

Restrição: Nichtmitglied

("não-membro", "não-participante")

(cf. ENGEL, 1988. 779)

ENGEL passa então a caracterizar cada um dos tipos acima descritos:

"A Rejeição ocorre quando o falante quer exprimir que o ato de fala anterior é injustificado dentro de um determinado contexto. Não se refere ao conteúdo do enunciado (proposição), mas a seu tipo de ato de fala (ilocução), constituindo sempre um enunciado autônomo e geralmente ligado a uma mudança de turno. /.../

Dentro do tipo Contestação, apenas a proposição é rejeitada. Com o primeiro subtipo, a Oposição, o falante afirma que o conteúdo de um enunciado anterior (normalmente do interlocutor) não é aplicável. Pode ser expressa pela partícula *nein* (que equivale a uma oração) ou expressões que comulem com ela, como *keineswegs*, *keinesfalls*, *in keinem Falle*, *überhaupt nicht*, etc., por orações ou ainda por uma combinação de todas essas possibilidades. /.../ Com a Negação o falante nega um conteúdo (*Sachverhalt*) e com isso afirma o oposto. /.../ a negação /.../ é sempre parte de um enunciado, nunca ela própria pode ser um enunciado. Aos elementos que causam a negação chamamos negativadores de oração (*Satznegatoren*). Eles se referem - dentro de um enunciado - sempre a uma oração (principal ou subordinada) como um todo. Unidades menores que orações principais ou subordinadas não podem ser negadas, mas apenas excluídas de uma asserção ou privadas de uma grandeza."

(Cf. ENGEL, 1988. 777-783)

ENGEL considera que o subtipo Negação, correspondente à negação da proposição de FOLENZ, é provavelmente a categoria mais frequente de negação semântica.

ENGEL também tem a mesma opinião de FOLENZ quanto à Negação como atitude do falante:

"A Negação não pertence ao conteúdo, ela não é componente de um recorte da realidade, ela representa sempre um acréscimo do falante; não há conteúdos negativos." (ENGEL, 1988. 783)

O autor salienta ainda, que a possibilidade de Negação pode ser restringida pelo contexto, sendo influenciada pelo enunciado anterior ao qual se refere.

O subtipo Exclusão refere-se em princípio a termos da oração (*Satzglieder*), ou seja, "elementos diretamente dependentes do verbo" (ENGEL, 1988: 787) e em casos raros também a atributos.

ENGEL admite, porém, que às vezes pode haver dúvidas se se trata de Negação ou Exclusão. Para explicitar que se trata desta última, o falante tem três possibilidades em alemão: a construção com *sondern*, a alteração da ordem das palavras na frase e a entonação especial, explicados detalhadamente nas páginas 790 a 792.

Na Restrição (*Absprechen*), uma grandeza é privada de uma qualidade ou de um estado. ENGEL (1988) afirma que este tipo de negação é especialmente eficiente a nível morfológico, porém é encontrado também a nível de grupos lexicais, no caso de atributos, e a nível da oração, em certos complementos. Nestes dois últimos níveis, segundo o autor, são usados os mesmos elementos sintáticos que caracterizam a Negação e a Exceção. Conforme os exemplos apresentados, este tipo de negação semântica refere-se basicamente a

predicativos introduzidos por verbos de ligação (exemplos 1 e 2), atributos negativados (3) ou uso de antônimos para declarar a ausência de uma qualidade (4):

1. *Sein Vater war (nicht) Aufsichtsratsvorsitzender der Technischen Werke.*
(= seu pai (não) era presidente do conselho de segurança das indústrias)
2. *Michela ist nicht mißmutig.*
(= Michaela não é mal-humorada)
3. *Ein Mann (nicht) für den Urlaub.*
(= Um homem (não) /feito/ para férias)
4. *Eine Frau mit Problemen / Eine Frau ohne Probleme.*
(= Uma mulher com/sem problemas)

(ENGEL, 1988: 792)

* * *

Os seguintes motivos nos levaram a selecionar o enfoque de ENGEL (1988) como o mais adequado aos objetivos de nosso trabalho:

- Assim como POLENZ (1985), ENGEL parte do conteúdo total da oração para seus constituintes e então para as suas formas sintáticas de expressão;
- ENGEL compartilha com POLENZ o conceito de negação semântica como um elemento não pertencente ao conteúdo proposicional, um acréscimo dependente da atitude do falante;
- ENGEL explicita os dois tipos de negação semântica de POLENZ (acréscimo à proposição e acréscimo a referências - POLENZ, 1985) em três categorias bem definidas (Contestação, Exclusão, Restrição - ENGEL,

1988), além de contemplar também a negação a nível ilocucional (Rejeição - ENGEL, 1988), que FÖLENZ não aborda em sua obra, por considerá-la um acréscimo ao conteúdo pragmático, pertencente ao campo da linguística textual (cf. FÖLENZ, 1985, 250);

- ENGEL apresenta exemplos e considerações linguísticas sobre as diferentes realizações sintáticas das quatro categorias de negação semântica.

As abordagens de FÖLENZ (1985) e ENGEL (1988) são, portanto, compatíveis no que se refere à natureza semântica da negação, sendo que ENGEL apresenta um modelo mais completo de descrição da negação semântica e de suas realizações sintáticas, razão pela qual nos utilizaremos de sua abordagem como base para o estudo das ocorrências de negação no *corpus*.

Segundo ENGEL (1988), as quatro categorias de negação semântica podem ser expressas sintaticamente por diferentes elementos, inclusive sem qualquer palavra tradicionalmente considerada como elemento de negação. Não apresentamos aqui todas essas possibilidades, as quais são descritas e amplamente exemplificadas pelo autor, por não ser este o objetivo de nossa pesquisa. Abordaremos apenas as formas negativas constantes de nosso *corpus*. Porém, as categorias de negação de ENGEL (1988: 777-783), claramente descritas e diferenciadas, serão usadas por nós como ponto de partida

para a descrição das categorias e formas sintáticas de expressão da negação semântica encontrados no *corpus* de nossa pesquisa.

Com base nos critérios semânticos de FÖLGENZ e na tipologia de ENGEL, procuraremos identificar no *corpus* de língua falada as formas sintáticas com as quais se manifestam os diferentes níveis de negação semântica em português e em alemão e sua frequência de uso em diálogos da língua falada.

II - Método

1. Descrição dos *Corpora*

Nosso interesse pelo estudo da língua falada restringiu muito a escolha do *corpus*. Em português, até o momento, não temos conhecimento de outro *corpus* de língua falada publicado que não os quatro volumes da série A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, da qual utilizaremos o volume 2 - Diálogos entre dois informantes (CASTILHO/PRETI, 1987). Em alemão, tratava-se de obter um *corpus* compatível e ao qual tivéssemos acesso, o que foi bastante dificultado pela impossibilidade de ida à Alemanha para pesquisa e obtenção do material. Nossa escolha recaiu, portanto, sobre os volumes I e II da coleção Heutiges Deutsch - Texte deutscher gesprochener Standardsprache (STEGER/ENGEL/MOSER, 1971 e 1974), que contém inquéritos selecionados do *Freiburger Corpus*, um projeto semelhante ao NURC, realizado na cidade de Freiburg, na Alemanha.

Os dois *corpora* selecionados são homogêneos quanto ao tipo de produção linguística, características dos falantes e época da coleta dos dados. Ambos apresentam:

- exemplos de produção linguística oral;
- falantes nativos cultos;
- inquéritos compilados durante a década de 70.

Porém, os dois *corpora* apresentam formas variadas de inquéritos, fazendo-se necessário selecionar os tipos compatíveis.

O *Freiburger Corpus* apresenta os seguintes tipos de inquéritos:

Conversação (<i>Unterhaltung</i>)	Preleção (<i>Vortrag</i>)
Reportagem (<i>Reportage</i>)	Narrativa (<i>Erzählung</i>)
Discussão (<i>Diskussion</i>)	Entrevista (<i>Interview</i>)

Tais tipos de inquéritos foram definidos com base em elementos extra-lingüísticos da comunicação, como:

- número de falantes;
- igualdade de direito à tomada de turno;
- unidade de tema.

O Projeto NURC-SP apresenta as seguintes formas de inquéritos:

- Elocuções Formais
- Diálogos entre dois informantes
- Diálogos entre informante e documentador (entrevistas)

Em todos os casos, os falantes atêm-se a um tema pré-determinado e a diferenciação entre os diversos tipos é feita com relação ao:

- número de falantes envolvidos;
- direito à tomada de turno;
- grau de formalidade dos inquéritos.

Dentre os tipos de inquérito apresentados pelos *corpora*, decidimo-nos pelos diálogos denominados simétricos, por serem, ao nosso ver, a forma de comunicação linguística oral estatisticamente mais utilizada e com menor grau de formalidade, distanciando-se, assim, da língua escrita.

Baseado em DITTMANN, MARCUSCHI apresenta cinco características básicas constitutivas de um diálogo:

- a) interação de pelo menos dois falantes;
- b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- c) presença de uma seqüência de ações coordenadas;
- d) execução numa identidade temporal;
- e) envolvimento numa "interação centrada"

(MARCUSCHI, 1986: 15)

Mais adiante, MARCUSCHI baseia-se em STEGER para definir dois tipos de diálogos:

- 1) *diálogos assimétricos*: em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s)/.../
- 2) *diálogos simétricos*: em que os vários participantes têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo.

(STEGER *apud* MARCUSCHI, 1986: 16)

MARCUSCHI salienta ainda o fato de a simetria de papéis e direitos nos diálogos simétricos ser sempre afetada pelas

diferenças sócio-econômicas, culturais ou de poder dos participantes da interação, inexistindo, portanto, uma simetria absoluta. (cf. STEGER *apud* MARCUSCHI, 1986: 16).

Com base em tais características, selecionamos os inquéritos de ambos os *corpora* que se enquadrassem em nossas expectativas.

Com relação ao *Freiburger Corpus*, em razão de nosso interesse por diálogos, apenas os tipos "conversação", "discussão" e "entrevista" poderiam ser utilizados. Por ser um gênero de diálogo assimétrico, o tipo "entrevista" também foi descartado, restando como opções os tipos "conversação" e "discussão".

Quanto aos inquéritos do NURC, descartamos o tipo "elocução formal" por não ser uma forma de diálogo, e o tipo "entrevista", por não se tratar de diálogo simétrico.

Assim, tínhamos apenas um tipo de inquérito do NURC-SP preenchendo nossas exigências (diálogos entre dois informantes), e dois tipos de inquérito do *Freiburger Corpus* (discussão e conversação). Porém havia ainda um elemento a ser considerado: os "Diálogos entre dois Informantes" do NURC-SP foram gravados com conhecimento dos participantes, em presença do documentador e com um tema central para discussão sugerido pelo mesmo. As mesmas características

estão presentes nos diálogos do tipo "discussão" do *Freiburger Corpus*, mas nenhuma delas se encontra no tipo "conversação". Desse modo, nossa escolha ficou restrita apenas a uma possibilidade também em alemão: os inquéritos do tipo "discussão".

Por estes motivos, utilizamos em nossa pesquisa inquéritos publicados na série A linguagem falada culta da cidade de São Paulo - volume II - Diálogos entre dois informantes (CASTILHO, PRETI, 1987) para o *corpus* em português, e inquéritos do tipo "discussão", publicados na série Heutiges Deutsch - Reihe II - Texte - volumes 1 e 2 (STEGER/ENGEL/MOSER, 1971 e 1974), para o *corpus* em alemão.

2. Definição do *Corpus* da Pesquisa

2.1 Critérios para seleção dos inquéritos para o *corpus*

Mesmo após a escolha dos inquéritos dos tipos "Diálogos entre dois Informantes" (NURC-SP) e "Discussão" (*Freiburger Corpus*), ainda havia um considerável volume de material a ser examinado. Optamos, então, pelo método de amostragem, selecionando dois diálogos de cada língua, para que não houvesse restrição ao idioleto dos participantes de um único diálogo. Para a seleção dos diálogos em português utilizamos o sorteio equiprobabilístico sem reposição, recorrendo à tabela de números ao acaso de FISHER e YATES (1971) e atribuindo aos inquéritos números de 1 a 6 conforme a ordem de publicação no volume II da série A linguagem falada culta da cidade de São Paulo (CASTILHO/PRETI, 1987). Foram então selecionados os inquéritos de números 1 e 5 (publicados respectivamente sob os números D2/343 e D2/396).

Para a seleção dos diálogos em alemão, procedeu-se de maneira diversa: os inquéritos em português apresentam sempre três participantes, os dois informantes e o documentador, que participa na condução do diálogo, enquanto nos inquéritos em alemão o número de participantes varia de dois a dez. Assim sendo, selecionamos os dois inquéritos nos quais o número de participantes mais se aproximasse do número de participantes dos inquéritos em português, o que

condicionou a escolha dos inquéritos publicados na série Heutiges Deutsch (STEGER/ENGEL/MOSER, 1971 e 1974), sob as siglas *xbf* (volume I - dois participantes) e *yas* (volume II - três participantes).

2.2. Critérios para seleção das linhas impressas

Tendo definido os inquéritos a serem pesquisados, utilizamos novamente do sorteio equiprobabilístico por diálogo, tendo agora por unidade amostral a linha impressa. A escolha da linha impressa como unidade amostral, ao invés de páginas dos textos transcritos, foi condicionada pela necessidade de compatibilizar o volume de texto fornecido pelos diálogos do *Freiburger Corpus* e do Projeto NURC-SP, pois o modo de transcrição dos diálogos alemães faz com que cada página compreenda em geral um volume de texto menor que a transcrição dos diálogos brasileiros. Como nosso interesse recaí sobre a análise de sentenças, a unidade amostral também não poderia ser a palavra, o que nos levou a optar pela linha impressa como a solução mais adequada.

Recorrendo novamente à tabela dos números ao acaso, selecionamos 15% do total de linhas de cada diálogo, desprezando-se os decimais e utilizando os seguintes critérios:

- as linhas impressas de cada diálogo foram numeradas a partir da primeira intervenção efetiva

dos participantes, ou seja, após a caracterização do inquérito e dos informantes;

- não foram incluídas na numeração as linhas que constituíam comentários do transcritor ou caracterização do informante;
- quando o sorteio contemplasse uma linha contendo um número menor ou igual a três palavras, sem constituir mudança de turno, seria considerada também a linha imediatamente anterior referente ao mesmo falante;
- o mesmo procedimento se aplicaria quando a linha sorteada consistisse unicamente de enunciados ininteligíveis, quando a linha selecionada seria a imediatamente anterior, qualquer que fosse o falante.

O inquérito nr. 1 do NURC-SP apresenta um total de 1758 linhas, tendo sido selecionadas 15% desse total, ou seja, 264 linhas. O inquérito nr. 5 apresenta 2073 linhas, com 311 linhas selecionadas. Os inquéritos do *Freiburger Corpus* são menos extensos: do inquérito *xbf* foram selecionadas 98 linhas de um total de 647 e do total de 839 linhas do inquérito *yas* foram retiradas 126 linhas.

Assim, o *corpus* em língua portuguesa desta pesquisa consiste de 264 linhas do inquérito publicado sob o nr. 1 no Volume II do projeto NURC-SP, doravante denominadas "Diálogo 1 -

português" e 311 linhas do inquérito nr. 5 do mesmo volume, denominadas a seguir "Diálogo 2 - português. O *corpus* em língua alemã compreende 98 linhas retiradas do inquérito xbf do *Freiburger Corpus*, designadas agora como "Diálogo 1 - alemão" e 126 linhas do inquérito yas da mesma coletânea, doravante denominadas "Diálogo 2 - alemão".

3. Procedimentos

3.1 Procedimento para a contagem das ocorrências de NEGAÇÃO no corpus

Verificamos, então, a ocorrência no corpus de elementos negativos a nível sintático, com função semântica de negação, considerando para tanto os seguintes elementos:

a) Para os enunciados em português, os elementos: *não, nada, nunca, jamais, ninguém, nem, sem, algum, alguma* (pospostos a substantivos), segundo a apresentação de SILVEIRA BUENO (1968) e SAID ALI (1964), os quais enfocam a negação do ponto de vista da semântica e não apenas da morfologia, conforme apresentamos anteriormente;

b) Para os enunciados em alemão, os elementos: *nein, nicht, kein, keinerlei, keineswegs, keinesfalls, nie(mals), niemand, nirgendwo/-wohin, ohne, nur, nimmer, ohne zu, ohne daß, anstatt zu, weder... noch*, segundo a apresentação de HERINGER (1989: 192), cuja abordagem da negação, assim como a de POLENZ (1985), também parte da semântica para as formas de expressão, conforme destacamos no item 3 do capítulo I.

São aqui consideradas ocorrências de NEGAÇÃO o uso dos elementos sintáticos negativos anteriormente especificados, com a função semântica de negação, ou seja, cujo uso se

enquadre em uma das cinco categorias de negação definidas por ENGEL (1988) e apresentadas no item 5 do capítulo I. Utilizaremos, a partir de agora, a notação "NEGAÇÃO" para caracterizar a co-ocorrência de negação sintática e semântica, que analisamos nesta pesquisa.

As ocorrências dos elementos negativos citados sem a função semântica de negação (p. ex. com função fática ou para expressar concordância) não são consideradas ocorrências de NEGAÇÃO para efeito de nossa pesquisa. Por outro lado, caso uma mesma linha selecionada apresente mais de um elemento sintático negativo, não se configurando uma mera repetição do primeiro, cada elemento sintático será considerado uma ocorrência de NEGAÇÃO independente. Assim, um enunciado pode conter diversas ocorrências de negação, como:

- nein, das tut er bestimmt nicht.

- não, você não sai dessa... você não está escapando de nada...

Porém, expressões polares negativas complementares, na acepção de ILARI et alii (1989), não são consideradas como ocorrências independentes. São consideradas expressões polares negativas: "expressões adjetivas ou adverbiais que acrescentam à negação um matiz de tempo, modo, etc, /.../

cuja ocorrência não seria explicável sem a presença de não antes do verbo" (ILARI *et alii*, 1989: 103), como no exemplo:

- se não houver nenhuma ... mudança

Para a contagem, consideramos:

- uso de um elemento sintático negativo por enunciado = 1 ocorrência (ex.: ele não veio; *sie raucht nicht*);
- uso de um elemento sintático negativo em combinação com uma ou mais expressões polares negativas = 1 ocorrência; esta possibilidade só existe nos diálogos em português. (ex.: eu não vi ninguém);
- uso de mais de um elemento sintático negativo por enunciado, sem que um deles seja uma expressão polar negativa = ocorrências independentes. (ex.: ela não sai sem meias - 2 ocorrências; *er kommt nie ohne seine Frau* - 2 ocorrências).

Procedemos então à contagem geral das ocorrências de NEGAÇÃO no *corpus*, cujos resultados, absolutos e em porcentagens, são apresentados na TABELA 01 do próximo capítulo.

3.2 Procedimento para a classificação das ocorrências de NEGAÇÃO segundo as categorias de ENGEL

Após a contagem das ocorrências de NEGAÇÃO no *corpus*, passamos a classificá-las segundo as categorias definidas por ENGEL e descritas no item 5 do capítulo anterior.

Porém, durante a análise das ocorrências de NEGAÇÃO, chamou-nos a atenção o uso repetido pelos falantes de elementos sintáticos negativos, não para contestar ou negar um conteúdo (Oposição/Negação), ou para rejeitar a força ilocucional de um enunciado do interlocutor (Rejeição), mas antes para impedi-lo de seguir o rumo que este imprimia à interação. Este uso da negação é descrito por WEINRICH como:

"... uma instrução do falante para que o ouvinte descarte a(s) expectativa(s) criada(s) durante o desenrolar da comunicação, /.../ para deter o interlocutor e rejeitar sua contribuição à comunicação." (WEINRICH, 1976: 80),

Assim, julgamos necessário acrescentar uma nova categoria ao elenco de ENGEL, a qual denominamos Dissensão (*Abweichen*). Consideramos esta nova categoria como uma variante da Rejeição, pois a Dissensão também não se aplica à proposição, mas sim à interação entre os falantes.

Utilizaremos, portanto, as seguintes categorias para a classificação das ocorrências de NEGAÇÃO no *corpus* da pesquisa:

- 1) Rejeição: o falante quer exprimir que o ato de fala anterior é injustificado dentro de um determinado contexto. Não se refere ao conteúdo do enunciado (proposição), mas a seu tipo de ato de fala (ilocução);
- 1A) Dissençaço: o falante quer deter seu interlocutor e propor uma mudança no desenvolvimento da interação;
- 2) Oposição: o falante sinaliza como não pertinente o conteúdo de um enunciado anterior, geralmente do interlocutor;
- 3) Negação: o falante nega o conteúdo (*Sachverhalt*) de uma proposição e com isso afirma o oposto;
- 4) Exclusão: o falante exclui um possível elemento de uma asserção;
- 5) Restrição: o falante sinaliza que uma determinada qualidade ou estado não se aplica a um dado elemento da proposição.

3.3 Procedimento para a classificação das ocorrências de NEGAÇÃO segundo sua forma sintática

Para o estabelecimento das formas sintáticas utilizadas para expressar a NEGAÇÃO, não nos limitamos a apontar o elemento sintático negativo empregado. Baseados nas noções de escopo e elemento focal mencionados no estudo de ILARI *et alii* (1989), decidimo-nos por apresentar as formas sintáticas da NEGAÇÃO como uma fórmula, na qual representamos os seguintes elementos, na ordem que apresentam no enunciado em questão:

- a) o elemento sintático negativo, constante das listas apresentadas ao início deste capítulo;

- b) o escopo desse elemento negativo, segundo a concepção apresentada por ILARI *et alii*, de um "conjunto de conteúdos afetados por um operador" (ILARI *et alii*, 1989: 104);
- c) o elemento focal ao qual se refere o elemento negativo, se houver. Entendemos por elemento focal o constituinte ao qual "a negação parece dirigir-se mais especificamente" (cf. ILARI *et alii*, 1989: 107)
- d) expressões polares negativas, se houver.

Assim, uma notação como: "não [vb + nenhum + SN]" , indica a ordem na qual os elementos em questão se apresentam na oração, sendo que o elemento sintático negativo "não" tem por escopo o complexo formado pelo verbo (vb) e seus complementos, apresentando ainda a expressão polar negativa nenhum e tendo como elemento focal um sintagma nominal (SN).

Ao referir-se ao verbo, o elemento negativo geralmente inverte o valor de verdade da proposição como um todo. Assim, o uso de elementos sintáticos negativos como operadores a nível do todo da proposição, sem a presença de um elemento focal, será representada pelas formas não [vb] e [vb] nicht, respectivamente, em português e alemão.

III - Resultados

1. Ocorrência de NEGAÇÃO no *corpus* da pesquisa

Nos diálogos em português, houve 101 ocorrências dos elementos sintáticos de negação citados anteriormente, enquanto os diálogos em alemão apresentaram 48 ocorrências dos elementos listados. Porém, relativamente, a ocorrência de NEGAÇÃO em alemão é maior que nos diálogos em português. A TABELA 01 ilustra a relação entre as ocorrências de NEGAÇÃO e o total de enunciados selecionados.

TABELA 01 - Relação entre total de enunciados e ocorrência de NEGAÇÃO

Diál.	Português			Alemão		
	Total de Enunc.	Ocorrência de NEGAÇÃO	%	Total de Enunc.	Ocorrência de NEGAÇÃO	%
1	264	62	23,48	98	19	19,38
2	311	39	12,18	126	29	23,01
Total	575	101	17,56	224	48	21,42

Em termos gerais, podemos afirmar que a frequência da ocorrência de NEGAÇÃO em ambas as línguas ocorreu numa faixa entre 17 e 22% do total de enunciados, apresentando os diálogos em português uma frequência de NEGAÇÃO menor que no

alemão (17,56% e 21,42%, respectivamente). A proporção da ocorrência da NEGAÇÃO nos diálogos em relação ao total de enunciados em ambas as línguas foi de aproximadamente 1 para 5, o que referenda a afirmação de WEINRICH (1976) de que a predominância da afirmação sobre a negação varia de 5 a 10 vezes, de acordo com o texto examinado, conforme mencionamos no referencial teórico. Considerando nossos resultados, essa afirmação pode também ser estendida ao português.

Embora a ocorrência de NEGAÇÃO nos diálogos em alemão seja maior em termos absolutos, isto não implica que essa diferença seja significativa. Recorremos então ao teste estatístico do χ^2 , a fim de determinar se há diferenças significantes na ocorrência de NEGAÇÃO em diálogos falados do português e do alemão. Os resultados do teste são apresentados na TABELA 02:

TABELA 02 - Comparação da Ocorrência de NEGAÇÃO no *Corpus* em Português e Alemão (*)

Diálogo	χ^2_o	H_0 : NEGAÇÃO Port. = NEGAÇÃO Alem. H_1 : NEGAÇÃO Port. \neq NEGAÇÃO Alem.
1	0,58	H_0 não rejeitada
2	3,44	H_0 não rejeitada
TOTAL	0,22	H_0 não rejeitada

(*) n. sig. = 0,05

n.g.l. = 1

$\chi^2_c = 3,84$

Sendo o nível de significância igual a 0,05 e o número de graus de liberdade (n.g.l.) igual a 1 (um), o χ^2_c (crítico) corresponde a 3,84. Desse modo, o χ^2_o (observado) na comparação entre os diálogos em português e alemão não é significante, ou seja, a diferença de ocorrência de NEGAÇÃO nos diálogos em ambas as línguas não é significativa. Podemos portanto afirmar que a frequência de ocorrência de NEGAÇÃO em diálogos falados do português e do alemão não apresenta diferenças significantes.

2. Ocorrência de NEGAÇÃO por categoria de negação semântica no corpus da pesquisa

A TABELA 03 mostra a frequência do uso de elementos sintáticos negativos pelas categorias de negação definidas com base em ENGEL (1988) e expostas no item 3.2 dos Procedimentos.

TABELA 03

OCORRÊNCIA DE NEGAÇÃO POR CATEGORIA DE NEGAÇÃO SEMÂNTICA

DIAL.	PORTUGUÊS						ALEMÃO					
	1		2		TOT.		1		2		TOT.	
	Fr	%	Fr	%	Fr	%	Fr	%	Fr	%	Fr	%
1	2	3,22	2	5,12	4	3,96	0	0	5	17,24	5	10,41
1a	1	1,61	0	0	1	0,99	3	15,78	4	13,79	7	14,58
2	9	12,90	0	0	8	7,92	4	21,05	5	17,24	9	18,75
3	41	66,12	27	69,23	68	67,32	6	31,57	13	44,82	19	39,58
4	5	8,06	7	17,94	12	11,88	4	21,05	2	6,89	6	12,50
5	5	8,06	3	7,69	8	7,92	2	10,52	0	0	2	4,16
TOTAL	62	99,97	39	99,98	101	99,99	19	99,97	29	99,98	48	99,98

1 - Rejeição3 - Negação1a - Dissença4 - Exclusão2 - Oposição5 - Restrição

Submetemos então os resultados obtidos a um teste de homogeneidade, a fim de verificar se a distribuição da NEGAÇÃO pelas diversas categorias ocorre de modo homogêneo dentro de cada língua. Em português, as ocorrências dos tipos Rejeição e Dissensão foram somadas para efeito de aplicação do teste, pois suas frequências individuais eram baixas demais e poderiam prejudicar a eficiência dos resultados.

Utilizando novamente o teste do χ^2 , obtivemos, para os diálogos em português, um χ^2_o (observado) de 139,26. Sendo o nível de significância igual a 0,05, o número de graus de liberdade igual a 4 (quatro) e o χ^2_c (crítico) igual a 9,49, podemos concluir que a ocorrência da NEGAÇÃO não é homogênea quanto à sua distribuição pelas categorias de negação semântica aqui definidas.

Examinando as relações entre os diversos tipos em português, podemos notar que o tipo Negação é altamente privilegiado, com 67,32% dos casos. Estes resultados remetem à observação de ENGEL (1988), de que a Negação é a categoria mais frequente em alemão. Essa observação aplica-se portanto também ao português.

Observamos ainda, que em português a distribuição entre as categorias é bastante desigual. A segunda categoria mais frequente, a Exclusão, tem aproximadamente um quinto da

frequência da Negação (11,88% contra 67,32%). As categorias Restrição e Oposição apresentam a mesma frequência geral (7,92%), embora não houvesse qualquer ocorrência de Oposição no Diálogo 2 do português. A menor ocorrência em português foi do tipo Dissensão, representada por apenas 0,99% no cômputo geral e não ocorrendo absolutamente no Diálogo 2.

As diferenças na frequência de ocorrências dos tipos Dissensão e Oposição entre os dois diálogos em português talvez devam-se à interação subjacente a cada um. O Diálogo 1 é uma discussão entre dois irmãos com formações profissionais bastante diferentes (um engenheiro e uma psicóloga), o que deixa entrever um antagonismo maior do que o possibilitado pelo Diálogo 2, no qual dois parentes de idade avançada comparam suas experiências de infância. Isto explicaria a inexistência de ocorrências de Dissensão e Oposição no Diálogo 2, assim como o aumento de frequência do tipo Exceção, muitas vezes utilizado para corrigir partes de enunciados do interlocutor.

Quanto à distribuição das diversas categorias em alemão, o teste de homogeneidade apresentou um χ^2_o (observado) de 37,65 para um número de graus de liberdade de 5 (cinco), um nível de significância igual a 0,05 e um χ^2_c (crítico) de 11,07. Assim, podemos afirmar que a distribuição da NEGAÇÃO

pelas categorias de negação semântica em alemão também não é homogênea, com predominância do tipo Negação, apresentando-se a ocorrência das demais categorias dentro do esperado.

Em alemão, a distribuição da NEGAÇÃO pelas categorias é mais uniforme que em português. Embora também haja domínio da Negação (39,58%), a segunda categoria mais representada é a Oposição, com 18,75%, seguindo-se em ordem decrescente a Dissensão (14,58%), a Exclusão (12,50%) e a Rejeição (10,41%), sendo a categoria Restrição a menos representada (4,16%). A alta frequência das categorias Contestação e Dissensão também poderia ser atribuída às características da interação entre os falantes. Os diálogos em alemão pertencem ao grupo de diálogos do *Freiburger Corpus* denominados "Discussão"; nestes diálogos, os participantes defendem geralmente posições antagônicas, levando assim provavelmente a um aumento da frequência dos tipos Contestação e Dissensão. É interessante observar também que o Diálogo 2 em alemão (extraído de um programa de rádio no qual se discute a possibilidade de um dos participantes ser um criminoso de guerra) contém todas as ocorrências do tipo Rejeição. Além disso, neste diálogo os tipos Rejeição, Dissensão e Contestação estão representados de modo praticamente igual.

Procuramos então testar a correlação entre a valorização do uso das diversas categorias de negação semântica nas duas línguas. Feitos os cálculos, obtivemos um grau de correlação observado de 0,39 , para um grau de correlação crítico de 0,83, considerando as seis categorias de negação semântica (n.g.l. = 5) e o nível de significância de 0,05. Assim, a correlação encontrada não é significativa, apontando para um uso diferenciado da NEGAÇÃO em português e em alemão.

Apesar da possibilidade de a interação subjacente aos diálogos em alemão ter inflacionado a ocorrência das categorias Rejeição, Dissensão e Contestação, a diferença da frequência de ocorrência de elementos sintáticos negativos com essas funções em português e alemão é altamente significativa. O Diálogo 1 em português também apresenta falantes com pontos de vista bastante diferentes, assim como o Diálogo 1 em alemão, e ainda assim a baixa frequência dessas categorias se mantém para o português. As ocorrências de NEGAÇÃO nas três categorias citadas (respectivamente de 3,96%, 0,99% e 7,92%) são as menores em português, sendo a ocorrência na Dissensão praticamente inexistente. Os índices em alemão para os três tipos em questão são respectivamente de 10,41% , 14,58% e 18,75% , sendo os tipos Contestação e Dissensão respectivamente a segunda e a terceira categorias mais frequentes no *corpus* em alemão. De posse destes dados podemos concluir que os falantes alemães utilizam muito mais frequentemente elementos sintáticos negativos para expressar

desacordo com o seu interlocutor, que os falantes brasileiros. Isto posto, surge uma pergunta: como os brasileiros expressam seu desacordo com o interlocutor, se não por meio de elementos sintáticos negativos?

Por outro lado, o tipo Negação, predominante em ambas as línguas, apresenta em português quase o dobro da frequência em alemão (67,32% e 39,58%). Como a frequência relativa de uso da NEGAÇÃO é praticamente a mesma em ambas as línguas, conforme exposto na TABELA 01, poderíamos concluir à primeira vista, que o português utiliza-se muito mais frequentemente de elementos sintáticos negativos para apresentar uma proposição negativa do que o alemão, ou ainda que os brasileiros apresentam muito mais proposições negativas em seus diálogos que os alemães.

3. Formas sintáticas de NEGAÇÃO em português e alemão: frequência no *corpus* e distribuição pelas categorias de NEGAÇÃO

Conforme mencionamos no item 3.3 dos Procedimentos, utilizamo-nos de uma fórmula para caracterizar a forma sintática de expressão da NEGAÇÃO, na qual são apresentados os elementos sintáticos negativos, seu escopo, ponto focal e

expressões polares negativas, quando houver. Após a análise do *corpus*, encontramos as seguintes formas sintáticas de NEGAÇÃO:

3.1. em português:

- | | | |
|----|-----------------------|---|
| a) | não (sent.) | "não" como representação de uma sentença negativa, considerado por ILARI <i>et alii</i> como uma construção elíptica (ILARI <i>et alii</i> , 1989: 131-132) |
| b) | [SN] não (sent.) | Sintagma nominal seguido do operador "não" como representação de uma sentença negativa; |
| c) | [Adv.] não
(sent.) | Advérbio seguido de "não" como representação de sentença negativa; |
| d) | não [vb.] | o operador "não", aplicado ao verbo, refere-se ao todo da predicação, sem elemento focal; |

- e) não [vb.+ nada] aqui o elemento focal é uma expressão polar obrigatória, que só poderia ser substituída pela forma "coisa alguma", não podendo ser suprimida, a não ser através de seu deslocamento para uma posição anterior ao verbo;
- f) não [vb. + SN] o elemento focal aqui é um sintagma nominal, embora a negação possa também estender-se a toda a proposição;
- g) não [vb. + nenhum +SN] aqui também o elemento focal é um sintagma nominal, porém precedido da expressão polar negativa *nenhum(a)*, geralmente de caráter opcional, conforme pudemos deduzir das ocorrências do *corpus*;
- h) não [vb.+ adj.] aqui o elemento focal é um adjetivo, sendo que a negação não afeta o sintagma nominal do qual o adjetivo faz parte;

- i) **não(sent.) [SN]** o operador "não" tem por escopo apenas um sintagma nominal, não afetando a proposição da qual este faz parte;
- j) **nem [vb.+ nada]** esta é na realidade uma variante do tipo e) descrito anteriormente, porém utilizado na coordenação de duas orações negativas. A expressão polar "nada" também é obrigatória;
- l) **nem [SN]** também representa uma variante, desta vez do tipo i), utilizada para coordenação de negações que tenham por escopo sintagmas nominais;
- m) **sem [SV]** o escopo do elemento negativo "sem" é um sintagma verbal, geralmente uma oração reduzida de infinitivo. Também neste caso a negação se estende ao todo da predicação subordinada, sem elemento focal;

- n) **sem** [SN] é correspondente ao tipo i), tendo as mesmas características, porém com o operador "sem";
- o) **sem** [nenhum + SN] este tipo corresponde ao item acima, porém com a expressão polar "nenhum(a)", a qual é opcional nos exemplos encontrados no corpus;
- p) **nada** [adv.] aqui o escopo é um advérbio, sendo que a proposição não é afetada pela negação;
- q) **nunca** [vb.] é uma variante do tipo b), acrescentando-se uma nuance temporal. A negação estende-se a toda a proposição;
- r) **expressão** aqui são listadas as ocorrências da expressão "a não ser", a qual, apesar de ser realmente positiva, é utilizada na interação como "negação da negação", ou seja, para indicar uma exceção a um conteúdo negativo anteriormente citado.

3.2. em alemão

A análise do *corpus* apresentou as seguintes possibilidades de expressão da NEGAÇÃO em alemão:

- a) **nein** partícula correspondente a uma oração negativa;
- b) **[vb.] nicht** o elemento negativo "nicht" tem por escopo toda a proposição, sem elemento focal;
- c) **[vb.] nicht** aqui o elemento "nicht" apresenta um sintagma nominal como elemento focal, mas também pode ter por escopo toda a proposição;
[SN]
- d) **[vb.] nicht** o elemento focal de "nicht" é agora um adjetivo ou um advérbio. As duas possibilidades foram reunidas em um só item, pois na maioria dos casos não há distinções formais entre adjetivos e advérbios em alemão. Tal distinção só acontece pela função que exercem na oração;
[adj./adv.]

- e) [vb.] kein [SN] neste ítem, o elemento negativo "kein" apresenta como elemento focal um sintagma nominal, mas também pode ter por escopo toda a proposição.
- f) [vb.] keinerlei [SN] Este ítem é na realidade uma variante do caso anterior, sendo que o elemento "keinerlei" acrescenta ênfase à negação, correspondendo aproximadamente a "de modo algum";
- g) ohne (zu) [SV] "ohne" é uma preposição que pode ser utilizada para negativar sintagmas verbais, os quais correspondem então a predicções subordinadas, que se apresentam sempre na forma infinitiva, precedida da partícula "zu". Por esse motivo, muitos autores consideram "ohne ... zu" como uma conjunção descontinuada (cf. NIEDER, 1987: 142).

- h) [vb] nichts o elemento "nichts" atua sobre o todo da proposição;
- i) [vb.] nie aqui a proposição é afetada pelo elemento "nie", o qual acrescenta à negação uma nuance temporal;
- j) expressão aqui listamos as ocorrências da expressão idiomática "*nichts mit etwas zu tun haben*" (= "não ter nada a ver com").

As tabelas 04 e 05 a seguir ilustram as ocorrências no *corpus* de cada uma dessas formas sintáticas de expressão da NEGAÇÃO em ambas as línguas, absolutas e em porcentagens, assim como sua distribuição pelas categorias de negação estabelecidas no item 3.2 dos Procedimentos.

TABELA 04

OCORRÊNCIA DE FORMAS SINTÁTICAS DE NEGAÇÃO NO CORPUS EM PORTUGUÊS

CAT.	DIAL.	não(sent)		(SN)não(sent)		(adv)não(sent)		não(vb)		não(vb+nada)		não(vb+SN)		não(vb+adj)		(adj)não(vb)		não(vb+nenh.+SN)		não(SN)		(SN)não(vb)		nem(vb+nada)		sem(SV)		sem(SN)		sem(nenh+SN)		nada(adv)		nunca(vb)		nem(SN)		expres.									
		F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%								
1	D1	1	50,00					1	50,00																																						
	D2	1	50,00					1	50,00																																						
1a	D1							1	100,00																																						
	D2																																														
2	D1	4	50,00					2	25,00	1	12,50													1	12,50																						
	D2																																														
3	D1	6	14,63					27	65,85	1	2,43	4	9,75					1	2,43					1	2,43																						
	D2	2	7,4			2	7,4	18	66,66	1	3,70																																				
4	D1											4	80,00							1	20,00																										
	D2			1	14,28	2	28,57										1	14,28					1	14,28																							
5	D1							2	40,00																		1	20,00	1	20,00																	
	D2											1	33,33														1	33,33	1	33,33																	
TOTAL		14	13,86	1	0,99	4	2,96	52	51,48	3	2,97	9	8,91	1	0,99	1	0,99	1	0,99	1	0,99	1	0,99	1	0,99	2	1,98	2	1,98	1	0,99	1	0,99	3	2,97	1	0,99	2	1,98								

1 - Rejeição1a - Dissenção2 - Oposição3 - Negação4 - Exclusão5 - Restrição

TABELA 05

OCORRÊNCIA DE FORMAS SINTÁTICAS DE NEGAÇÃO NO CORPUS EM ALEMÃO

CAT.	DIAL.	nein		(vb) nicht		(vb)nicht (SN)		(vb)nicht (adj/adv)		(vb)kein (SN)		(vb)keiner lei (SN)		ohne zu (SV)		(vb) nichts		(vb) nie		expres.		
		F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	
		1	D1																			
	D2	3	60,00	1	20,00					1	20,00											
1a	D1	2	66,66																		1	33,33
	D2	1	25,00	1	25,00									1	25,00	1	25,00					
2	D1	1	25,00	2	50,00											1	25,00					
	D2	2	40,00					1	20,00										2	40,00		
3	D1	1	16,66	2	33,33					2	33,33								1	16,66		
	D2	1	7,69	7	53,84					3	23,07	1	7,69						1	7,69		
4	D1					2	50,00	1	25,00	1	25,00											
	D2	1	50,00							1	25,00											
5	D1							2	100,00													
	D2																					
TOTAL		12	25,00	13	27,08	2	4,16	4	8,33	8	16,66	1	2,08	1	2,08	2	4,16	4	8,33	1	2,08	

Podemos, em um primeiro momento, observar um maior número de possibilidades de expressão sintática em português que em alemão, devido principalmente à possibilidade de expressar a NEGAÇÃO com o auxílio de expressões polares negativas (dupla negação), que inexistem em alemão.

Examinando o total de ocorrências das diferentes formas sintáticas, sem considerar as diferentes categorias, podemos notar em português a grande predominância da estrutura *não* [vb.], com mais de 50% das ocorrências (51,48%). Seguem-se as formas *não* (sent.), com 13,86% das ocorrências, e *não* [vb.+ SN], com 8,91% das ocorrências. Entre as demais formas sintáticas, destacam-se ainda [adv.] *não* (sent.), com 3,96% e *nunca* [vb.], com 2,97%. As demais formas apresentam sempre frequência inferior a 2%.

Em alemão, as ocorrências de NEGAÇÃO distribuem-se de maneira mais uniforme pelas formas sintáticas possíveis. As duas formas predominantes são [vb.] *nicht*, com 27,08% das ocorrências, e *nein*, com 25%, seguidas de [vb.] *kein* [SN] (16,66%), [vb.] *nicht* [adj./adv.] e [vb.] *nie* (8,33% cada) e [vb.] *nichts* (4,16%). As demais possibilidades apresentaram uma frequência de 2,08% cada.

Examinamos em seguida a ocorrência das diversas formas sintáticas por categoria de negação semântica em português e em alemão.

a) em português:

a₁) Rejeição

As ocorrências nos diálogos 1 e 2 distribuíram-se igualmente entre as formas **não (sent.)** e **não [vb.]**

a₂) Dissensão

Houve apenas uma ocorrência nos dois diálogos em português, representada pela forma **não [vb.]**

a₃) Oposição

As ocorrências desta categoria presentes nos dois diálogos apresentaram significativa predominância da forma **não (sent.)**, com metade das ocorrências, seguida da forma **não[vb.]** Os restantes 25% distribuíram-se igualmente entre as formas **não [vb.+ nada]** e **nem [vb.+ nada]**.

a₄) Negação

Esta categoria apresenta a maior diversidade de formas sintáticas possíveis, porém, com a forte preponderância da forma **não [vb.]**, com 66,17% das ocorrências. A segunda forma mais utilizada, **não (sent.)** (11,76), restringe-se a

aproximadamente um quinto das ocorrências de não [vb.], enquanto as demais possibilidades não chegam a romper a barreira dos 4,5% cada uma. Assim, apesar de apresentar a maior diversidade de possibilidades de formas sintáticas, a inversão do valor de verdade da proposição (ou seja, a Negação) parece ter seu protótipo na forma não [vb.].

a_e) Exclusão

Esta categoria apresenta uma distribuição bastante equilibrada entre as diversas formas sintáticas. A predominância é da forma não [vb.+ SN], com 33,33% das ocorrências, seguida das formas [adv.] não (sent.) e expressão, cada uma com 16,66% do total de ocorrências, e [SN] não (sent.), [SN] não [vb.], [adj.] não [vb.] e não[SN] (8,33% cada uma). Como a categoria em questão refere-se à exclusão de termos de uma asserção, era esperada a predominância de formas sintáticas com elemento focal. Observa-se também o fenômeno da topicalização, colocando-se o elemento focal no início da frase, precedendo o elemento negativo.

a_f) Restrição

Nesta categoria há predominância de ocorrências das formas não [vb.] e sem [SN], cada uma com 25% do total, seguidas pelas formas não [vb.+ SN], não [vb.+ adj.], sem [vb.] e sem

[nenhum + SN], com 12,5% cada uma. É surpreendente que, também nesta categoria, a forma *não* [vb.] apresente uma ocorrência elevada. Examinando os enunciados constantes dos diálogos, podemos observar que os exemplos listados apresentam em sua maioria um dos chamados "verbos de ligação" (ser, estar, etc.) ou o verbo "ter", casos nos quais o verbo é praticamente desprovido de sentido, funcionando apenas como "ponte" entre o substantivo e sua qualidade.

b) em alemão:

b₁) Rejeição

Nesta categoria, observamos a grande predominância da forma *nein*, com 60% das ocorrências. Os 40% restantes dividem-se igualmente entre as formas [vb.] *nicht* e [vb.] *kein* [SN.]

b₂) Dissençação

Novamente aqui pode-se notar a grande preponderância da forma *nein* (42,85%). As demais formas, a saber: expressão, [vb.] *nicht*, *ohne (zu)*[vb.] e [vb.] *nichts*, apresentam cada uma a frequência de 14,28%.

b₃) Oposição

Ainda nesta categoria, a forma *nein* apresenta preponderância, com 33,33% das ocorrências, o dobro da frequência de cada uma das duas formas seguintes, [vb.] *nicht* e [vb.] *nie* (22,22% cada). Seguem-se as formas [vb.] *nicht* [adj./adv.] e [vb.] *nichts*, com 11,11% cada.

b₄) Negação

A predominância nesta categoria cabe à forma [vb.] *nicht* (47,36%), sem elemento focal, o que seria de se esperar em uma categoria que se refere ao todo da proposição. Porém, a sua diferença com relação à segunda forma mais utilizada não é tão aguda como no português: a segunda forma mais frequente, [vb.] *kein* [SN], apresenta 26,31% do total de ocorrências, pouco mais da metade da porcentagem de [vb.] *nicht*. Seguem-se ainda as formas *nein* e [vb.] *nie*, com 10,52%, sendo que a forma [vb.] *keinerlei* [SN], apresenta uma frequência de 5,26% .

b₅) Exclusão

As ocorrências desta categoria dividiram-se entre quatro formas sintáticas: [vb.] *kein* [SN] e [vb.] *nicht* [SN], cada uma com 33,33% do total, e *nein* e [vb.] *nicht* [adj./adv.],

cada qual com 16,66%. É de se notar a presença de elemento focal em quase todas as formas, demarcando o termo a ser excluído da proposição.

b₄) Restrição

A totalidade das ocorrências desta categoria nos diálogos em alemão apresentou-se sob a forma [vb.] *nicht* [adj./adv.] Note-se que, como na Restrição em português, o verbo em questão é também esvaziado de seu sentido, funcionando como "ponte" entre os elementos da predicação. Segundo ENGEL (1988), esta categoria é em alemão especialmente produtiva a nível morfológico, o que talvez explique a baixa frequência de ocorrência da categoria no cômputo geral, pois foram examinadas apenas ocorrências de NEGAÇÃO a nível sintático.

IV - Conclusões e Sugestões

1. Frequência da NEGAÇÃO em ambas as línguas

A frequência da ocorrência de NEGAÇÃO (i.e., expressão de negação semântica por meio de elementos sintáticos negativos) em ambas as línguas não apresentou diferença significativa, o que invalida os comentários de vários falantes alemães, de que "brasileiros não sabem dizer não".

2. Frequência de NEGAÇÃO por categoria de negação semântica

A distribuição das ocorrências de NEGAÇÃO pelas categorias semânticas forneceu-nos um indício da origem da afirmação citada no item anterior. As ocorrências de NEGAÇÃO em português e alemão diferenciam-se de maneira aguda quando observadas em relação à categoria de negação semântica para a qual foram utilizadas pelos falantes no decorrer dos diálogos.

Em português, notamos a grande preponderância da ocorrência de NEGAÇÃO na categoria Negação (67,32%), a qual apresenta conteúdos com inversão do valor de verdade, e a baixa frequência de NEGAÇÃO nas categorias que se opõem à força

ilocucional, à condução da interação ou aos conteúdos apresentados por parte do interlocutor (Rejeição, Dissensão e Oposição, respectivamente com frequência de 3,96%, 0,99% e 7,92%).

Em alemão, as ocorrências de NEGAÇÃO distribuem-se de modo mais homogêneo que em português. A ocorrência de NEGAÇÃO nas três categorias citadas apresenta-se dentro do esperado (respectivamente com 10,41%, 14,58% e 18,75% das ocorrências), sendo essas as três categorias mais representadas após a Negação (com 39,88%), que apesar de ser a categoria mais frequente, não é tão preponderante como no português.

Baseados nestas observações e naquelas apresentadas no item 1, podemos afirmar que os falantes brasileiros utilizam-se tanto de elementos sintáticos negativos quanto os falantes alemães, mas não nas mesmas situações. Estudos específicos sobre a expressão sintática da Rejeição, Dissensão e Oposição em ambas as línguas trariam certamente resultados muito esclarecedores sobre dificuldades de comunicação entre brasileiros e alemães nessas situações. Parece-nos possível que os falantes transfiram os padrões de expressão de sua língua para a língua estrangeira, dando origem a interferências, não somente ao nível da construção sintática da frase, mas principalmente a nível de sua adequação pragmática.

Tais interferências, ainda pouco estudadas, têm graves efeitos sobre a comunicação e a integração de indivíduos que precisam interagir no contexto sócio-cultural de uma língua estrangeira, principalmente quando as consequências negativas de tais interferências aumentam à medida que o aprendiz atinge um nível mais adiantado no domínio da língua estrangeira. Nos primeiros estágios do aprendizado, os reduzidos recursos de expressão na língua estrangeira atuam como uma "defesa" para o aprendiz iniciante, pois sinalizam imediatamente a sua condição de não pertencente à cultura da língua estrangeira, o que resulta em uma maior atenção e tolerância do ouvinte quanto a enunciados e atitudes divergentes daquelas da cultura do grupo em questão.

Porém, conforme o aprendiz aperefeiçoa-se na língua estrangeira, os enunciados e atitudes anômalas tornam-se cada vez mais esporádicos e, exatamente por isso, ganham uma nova dimensão na interação com os membros da cultura estrangeira. Dominando a língua do grupo, o falante estrangeiro é aceito como um de seus membros, desarmando os mecanismos de proteção e tolerância. Os enunciados e atitudes anômalas passam então a ser vistos como quebra das expectativas do grupo, as quais estão na base do entendimento e da confiança mútuos, podendo inclusive ser interpretadas como provocação ou outras atitudes semelhantes (cf. EHLICH, 1986: 50).

Esse tipo de produção lingüística inadequada produzida por falantes estrangeiros é denominado "xenismo" (*Xenismen*) por EHLICH e assim definido:

"Xenismos são produções lingüísticas que se movimentam à margem do sistema da língua, mas que também estão presentes na realização lingüística desse sistema. Podem atingir todos os níveis: fonológico, morfológico, lexical, idiomático, sintático, pragmático. /.../ Eles colocam em xeque a base comum da comunicação, apontam o falante como não pertencente ao grupo e podem levar a uma insegurança na comunicação. /.../ Disso resulta, para o receptor, uma ambivalência na atribuição de pertinência ao grupo, o que pode levar a uma permanente irritação."

(EHLICH, 1986: 50-51)

Se o interlocutor não souber ou não for capaz de reagir positivamente aos distúrbios comunicativos causados pelos xenismos, ele pode desenvolver uma aversão ao falante estrangeiro, evitando ou mesmo interrompendo definitivamente a comunicação.

EHLICH (1986) cita como exemplos de xenismo a nível pragmático o uso de fórmulas de cortesia em contextos nos quais são sentidas como impróprias, ou sua falta onde são imprescindíveis. Parece-nos que a expressão sintática imprópria da Rejeição, Dissensão e Oposição em português e alemão é uma possível fonte de xenismos, gerando irritação nos falantes nativos e levando à formação de preconceitos quanto ao falante estrangeiro. Falantes alemães queixam-se da "dissimulação e falta de franqueza" dos brasileiros, que "não sabem dizer não". Por outro lado, muitos brasileiros consideram os alemães como rudes, frios e objetivos. Em

contatos entre indivíduos das duas culturas, nos quais surgissem situações de Rejeição, Dissensão ou Oposição, falantes brasileiros provavelmente seguiriam as tendências de sua cultura, evitando utilizar-se de elementos sintáticos negativos para expressá-las e frustrando assim as expectativas dos falantes alemães, os quais esperariam enunciados contendo tais elementos, de acordo com sua cultura. Assim, do ponto de vista dos falantes alemães, os falantes brasileiros seriam "incapazes de dizer não" e, por conseguinte, dissimulados.

Por sua vez, a utilização da NEGAÇÃO por parte dos falantes alemães em situações de Rejeição, Dissensão ou Oposição seria provavelmente encarada por um falante brasileiro como falta de tato e rudeza, por não corresponder ao seu padrão cultural, que parece ser de não utilizar elementos sintáticos negativos em tais situações. Seriam interessantes estudos mais minuciosos que verificassem estas hipóteses em situações do cotidiano, nas duas culturas. De acordo com os resultados de tais pesquisas, seriam ainda necessárias sugestões de didatização do problema, conscientizando os aprendizes da língua estrangeira para a importância de tais interferências, bem como para seu caráter cultural, eliminando os preconceitos e evitando a super-valorização das características de uma ou outra cultura em questão.

Porém aqui se levanta outro problema: se os falantes brasileiros não se utilizam (ou evitam o uso) de elementos sintáticos negativos para expressar Rejeição, Dissensão ou Oposição, como o fazem? A grande predominância da categoria Negação em português pode fornecer um indício. Seriam todos os enunciados aqui listados como Negação realmente apenas a apresentação de um conteúdo com valor de verdade invertido, ou teriam alguns deles o papel de rejeitar, discordar ou contestar intenções e enunciados do interlocutor? Seriam alguns desses exemplos formas dissimuladas das outras categorias? Tais questões fogem aos escopo desta pesquisa, porém são problemas que mereceriam estudos mais aprofundados, com *corpora* mais extensos e voltados para o estudo das estratégias de comunicação utilizadas em cada língua/cultura.

3. Formas sintáticas de NEGAÇÃO em ambas as línguas

Em português, nota-se a grande predominância do operador *não*; somando-se todas as suas ocorrências (como representante de uma sentença negativa, dominando um verbo, um sintagma nominal, um adjetivo ou um advérbio, com ou sem elemento focal ou expressão polar negativa), o operador *não* responde por 87,16% de todas as ocorrências de NEGAÇÃO no *corpus* da pesquisa, confirmando-se como o "advérbio de negação por excelência" (cf. ILARI *et alii*, 1989: 131). Chama-nos também a atenção o fato de o operador *não* poder ser posposto ao elemento que se quer excluir, o que pode ser encarado como uma forma elíptica de uma sentença negativa com o elemento focal topicalizado (i.e., deslocado para o início da sentença). A topicalização aparece frequentemente no *corpus* em casos de Exclusão, em geral para corrigir partes de enunciados do interlocutor.

Em alemão, a distribuição entre as formas sintáticas é mais equilibrada. A forma [vb.] *nicht* é preponderante, com um total de 39,57% ao considerarmos todas as possibilidades (com ou sem elemento focal). A segunda forma mais utilizada é *nein*, com 25% das ocorrências, seguida de [vb] *kein* [SN], com 16,66%.

4. Possíveis pontos de interferência relativos à NEGAÇÃO em ambas as línguas

Assim como a NEGAÇÃO abrange diferentes níveis lingüísticos, entre os quais o sintático e o semântico, as possíveis interferências também podem manifestar-se em diferentes níveis.

4.1 Com referência às categorias de negação

Os falantes nativos do português, seguindo o padrão de sua língua/cultura, provavelmente evitarão utilizar-se de formas sintáticas negativas da língua de chegada em situações de Rejeição, Dissensão e Oposição, sendo passíveis de dificuldades de comunicação com falantes alemães. Assim, os aprendizes de língua alemã brasileiros devem ser alertados para a necessidade de expressarem sintaticamente sua posição com formas negativas da língua de chegada em situações de Rejeição, Dissensão e Oposição. Seriam necessários exercícios didáticos que levassem o aprendiz a reconhecer tais situações e a expressar-se apropriadamente, o que poderia ser desenvolvido em estudos didáticos complementares.

Por outro lado, os falantes nativos do alemão devem ser sensibilizados para o fato de que a verbalização da Rejeição, Dissensão e Oposição por meio de formas sintáticas

negativas da língua de chegada pode ser considerada como rude pelos brasileiros. Além disso, devem também ser sensibilizados para o fato de que a menor utilização de formas sintáticas negativas em tais situações é um dado cultural que deve ser encarado como tal, e não como falta de sinceridade.

O grande perigo a ser evitado em uma abordagem didática do problema é a formação e consolidação de estereótipos. O professor deve antes alertar os alunos para a existência do problema, sugerindo talvez formas de expressão intermediárias ou mais neutras. Porém, este seria também um tema para um estudo didático aprofundado.

4.2 Com referência às formas sintáticas da NEGAÇÃO

Em primeiro lugar analisaremos os possíveis pontos de interferência com relação às formas sintáticas utilizadas em ambas as línguas, partindo sempre do português para o alemão, independentemente da categoria de negação em que são utilizadas. Em seguida, destacaremos os possíveis pontos de interferência com relação à ocorrência das formas sintáticas em cada categoria de negação.

Os processos de negação em cada língua são bastante semelhantes: há a possibilidade de um elemento negativo representar toda uma sentença negativa; há a possibilidade

de negar toda a proposição, com ou sem elemento focal, e também de excluir um dado elemento dessa proposição, ou de assinalar que uma qualidade ou estado não se aplica a um termo da proposição.

Essa semelhança dos processos de negação semântica contribui em parte para a possibilidade de interferências entre as duas línguas, pois os elementos sintáticos utilizados para expressá-los não são sempre correspondentes. Em português, por exemplo, o operador *não* é utilizado para representar uma sentença negativa, sendo que o mesmo operador pode ser utilizado para expressar a negação da proposição. Em alemão, porém, há uma forma especial para representar uma sentença negativa, a forma *nein*, que tem somente essa função, não podendo ser utilizada nessa situação o operador da negação de proposição, *nicht*. Essa particularidade pode levar o falante brasileiro a construir frases incorretas, como no exemplo:

- *Kommst du morgen?* - * *Nicht!*

(= Você vem amanhã? - Não!)

Quanto à negação da proposição, o português apresenta predominância da forma *não* [vb.], sem elemento focal. Também em alemão existe essa possibilidade, com a forma [vb.] *nicht*. Note-se que no alemão o elemento negativo é posposto ao verbo conjugado (na oração principal), ao contrário do que acontece em português. Porém, apesar de a forma [vb.]

nicht também ser preponderante em alemão, a participação da forma [vb.] *kein* [SN] como negação da proposição também é bastante significativa, apesar da presença de um elemento focal, não sendo ainda sempre intercambiável com a forma [vb.] *nicht* [SN]. Assim, o falante brasileiro provavelmente terá dificuldades em utilizar corretamente a forma [vb.] *kein* [SN] como expressão de uma negação de toda a proposição, tendendo à forma [vb.] *nicht*, por vezes de maneira incorreta, como em:

Eu não tenho trabalho ----- * *Ich habe nicht Arbeit*

Por outro lado, também terá dificuldades na expressão de negação com elemento focal, tendendo à forma [vb.] *nicht* [SN] por analogia com o português, embora essa forma nem sempre possa substituir a forma [vb.] *kein* [SN], principalmente na presença de SN incontáveis ou plurais, nas quais se prioriza o uso de *kein*:

Eu não tenho livros ----- * *Ich habe nicht Bücher*
Eu não comprei café ----- * *Ich habe nicht Kaffee gekauft*

As sentenças apresentadas acima não são gramaticalmente inaceitáveis em alemão, mas não são exemplos de negação da proposição (Negação) e sim de exclusão de referentes (Exclusão), geralmente complementadas com a expressão *sondern*, conforme descrito por STICKEL (1970).

Outro risco que corre o falante brasileiro, é o de identificar a forma negativa *kein* com a expressão polar

negativa portuguesa *nenhum(a)*, sem reconhecer o seu caráter de operador a nível da proposição, ainda que não aplicado diretamente ao verbo.

Quanto aos mecanismos de exclusão de referentes, as ocorrências no *corpus* em português mostram uma tendência à topicalização do elemento a ser excluído, que é anteposto ao elemento negativo *não*. Esta possibilidade também existe em alemão, apesar de o *corpus* aqui examinado não apresentar qualquer exemplo, o que nos leva a crer que o procedimento é menos utilizado em alemão que em português. Além disso, apenas a forma *nicht* pode ser posposta ao elemento topicalizado em alemão, o que pode gerar sentenças incorretas pela analogia com o uso de *não* e *nein* como representantes de sentenças negativas:

- É verdade que Peter comprou uma mercedes?
- Uma mercedes não, um volkswagen!

- *Ist es wahr, daß Peter eine Mercedes gekauft hat?*
- * - *Eine Mercedes nein, einen Volkswagen!*

Outra dificuldade para os falantes brasileiros é a colocação de *nicht* na sentença. Os falantes brasileiros têm tendência a identificar *nicht* com o operador *não*, que, em português, é fortemente ligado ao verbo, assumindo sempre uma posição proclítica, conforme destacado por ILARI *et alii* (1989). O escopo da negação é então frequentemente determinado unicamente por meio do contexto, como nos exemplos:

- a) Eles não foram à praia. [NEG (eles, ir à praia)]
- b) Eles não foram à praia. [(NEG (eles)), ir à praia]
- c) Eles não foram à praia. [eles, ir (NEG (praia))]
- d) Eles não foram à praia. (i.e. ficaram a dormir)
[eles, (NEG (ir, à praia))]

(MATEUS *et alii*, 1983: 155)

O *nicht* alemão apresenta maior mobilidade dentro da sentença, conforme apontado por KOLLER (1988). Apesar de ser normalmente posposto ao verbo, ao contrário do português, ele é posicionado antes do termo a ser excluído, novamente contrariando a tendência do **não** em português e apresentando várias possibilidades de colocação, como nos exemplos:

- a) *Sie sind gestern nicht nach Haus gefahren.*
(= eles não foram para casa ontem, ficaram aqui)
- b) *Sie sind nicht gestern nach Haus gefahren. (sondern vorgestern)*
(= eles não foram para casa ontem. (e sim anteontem))
- c) *Sie sind gestern nicht nach Haus gefahren. (sondern zum Hotel)*
(= eles não foram para casa ontem. (e sim para um hotel))
- d) *Sie sind gestern nach Haus nicht gefahren. (sondern geflogen)*
(= eles não foram para casa de carro ontem. (e sim de avião))

Podemos notar a posição fixa de **não** nos exemplos em português e a determinação do escopo da negação pelo deslocamento de *nicht* em alemão. Falantes brasileiros provavelmente terão dificuldades em posicionar o elemento *nicht* de forma correta, pois ainda entram em jogo diversas

variáveis, como entonação e expressões complementares, conforme descrito por STICKEL (1970) e ENGEL (1988), entre outros, as quais mereceriam um estudo à parte.

A escolha correta entre os elementos *nicht* e *kein* para a negação da proposição e a colocação correta de *nicht* para excluir um termo da sentença são provavelmente as maiores dificuldades enfrentadas pelo falante brasileiro para construir corretamente sentenças negativas no alemão.

Do ponto de vista do falante alemão, a expressão sintática da NEGAÇÃO em português não apresenta grande dificuldade, devido principalmente ao quase monopólio do operador *não* e sua posição proclítica. Apenas o uso de expressões polares negativas (dupla negação) pode trazer problemas, embora a dupla negação pareça ser obrigatória apenas no caso de *nada* como objeto, a julgar pelos exemplos do *corpus*. Os falantes alemães terão provavelmente maior dificuldade em compreender corretamente sentenças negativas em português, pela menor utilização de estratégias sintáticas de demarcação do escopo da negação, que deve ser depreendido através do contexto linguístico.

Faremos a seguir uma breve exposição dos possíveis pontos de interferência no que toca à ocorrência das diferentes formas sintáticas de NEGAÇÃO com respeito às categorias de negação semântica.

Para a expressão da Rejeição, o falante brasileiro utiliza-se do operador **não**, tanto como representante de uma sentença negativa (**não(sent.)**) como referindo-se à proposição (**não[vb.]**). Em alemão são utilizados os mesmos mecanismos, porém com preponderância do elemento representante de uma sentença negativa, **nein**, enquanto a negação da proposição é expressa por [vb.] *nicht* ou [vb.] *kein* [SN]. Assim sendo, os processos utilizados são os mesmos em ambas as línguas, não devendo trazer dificuldades aos falantes estrangeiros, a não ser na escolha do elemento sintático apropriado em alemão (*nicht* ou *kein*).

No caso da Dissençação, a totalidade em português é de **não** [vb.], enquanto o alemão apresenta preponderância de **nein**. As demais possibilidades de expressão da Dissençação em alemão não devem causar dificuldades aos falantes brasileiros, por corresponderem a padrões existentes em português (*expressão*, [vb.] *nicht*, *ohne (zu)*[SV], [vb.] *nichts*), havendo apenas a necessidade de se atentar para o uso da partícula *zu* antes do infinitivo nas orações introduzidas por *ohne*.

Na Oposição, a predominância no português é do **não** como representante de sentenças negativas (**não (sent.)**), seguido por **não** [vb.] e **não/nem** [vb.+nada]. Basicamente não há

grande diferença quanto ao alemão, com *nein* em primeiro lugar, seguido de [vb.] *nicht*, [vb.] *nie*, [vb.] *nicht* [adj./adv] e [vb.] *nichts*, padrões compatíveis com os do português.

A Negação apresenta a maior variedade de formas sintáticas em ambas as línguas, aumentando a possibilidade de interferências. Em português, nota-se a grande preponderância de *não*[vb.] e a baixa frequência do padrão "elemento negativo com elemento focal" (*não* [vb.+SN]). Em alemão, embora a negação de proposição também seja predominante ([vb.] *nicht*), a participação da forma com elemento focal ([vb.] *kein* [SN]) é bastante significativa, não sendo sempre intercambiável com [vb.] *nicht* [SN]. Assim, o falante brasileiro deverá ter dificuldades, primeiro em utilizar a forma com elemento focal, pouco utilizada na língua materna, e em segundo lugar, em utilizar corretamente a forma *kein*, tendendo a utilizar, por vezes erroneamente, a forma [vb.] *nicht* [SN], por analogia com a forma com elemento focal em português.

A Exclusão em português é representada em primeiro lugar pela forma com elemento focal *não* [vb.+SN], seguindo-se a expressão e [adj.] *não*(sent.). Em terceiro lugar estão [SN] *não*(sent.), [adj.] *não* [vb.], [SN] *não* [vb.] e *não*(sent.) [SN]. Em alemão, o primeiro lugar divide-se entre [vb] *kein* [SN] e [vb] *nicht* [SN], seguindo-se *nein* e [vb.] *nicht*

[*adj./adv.*]. Novamente o falante brasileiro terá dificuldade em primeiro lugar, na seleção de *nicht* ou *kein* e, em seguida, na colocação correta de *nicht* na sentença, a fim de marcar o termo a ser excluído. Além disso, a topicalização, recurso muito utilizado para a Exceção em português, não ocorreu sequer uma vez no *corpus* em alemão. Falantes brasileiros provavelmente tenderão a supervalorizar este recurso na língua de chegada.

Os professores de alemão como língua estrangeira devem portanto dedicar grande atenção às diversas possibilidades de expressão sintática da Negação e da Exclusão, partindo da intenção de comunicação do aluno e apresentando os padrões adequados à sua expressão na língua de chegada. A didatização do uso das diversas formas sintáticas para estas duas categorias de negação constitui tema para estudos complexos, porém muito necessários para a didática do ensino do português e do alemão como línguas estrangeiras.

A Restrição em português apresenta *não* [vb.] e *sem* [SN] como formas mais recorrentes, seguidas de *não* [vb.+SN], *não* [vb.+adj.], *sem* [SV] e *sem* [nenhum + SN]. No *corpus* em alemão, houve apenas a ocorrência de [vb.] *nicht* [*adj./adv.*], porém os padrões encontrados no português também são possíveis em alemão. Os casos de *não* [vb.] em português apresentam predominantemente verbos de ligação, o que também ocorre no alemão, conforme os exemplos de ENGEL apresentados

no item 5 do capítulo I. KOLLER (1988), porém, alerta para o fato de o alemão utilizar-se mais frequentemente de afixos negativos que o português e, como ENGEL (1988) observa, a Restrição é particularmente produtiva a nível morfológico. Assim, muitas das ocorrências de Restrição que se realizam com a preposição sem em português podem ser expressas em alemão por meio de sufixos, como no exemplo:

Ele está sem emprego ----- *Er ist Arbeitslos*

Em português não há sufixos negativos, o que exige que o professor de língua estrangeira explore o problema mais detalhadamente. O mesmo deve ser feito com relação ao falante alemão, que deve adaptar-se ao uso de sem.

5. Considerações Gerais

Esta pesquisa tinha por objetivos fazer um levantamento das formas de realização da negação semântica a nível sintático (aqui caracterizada como NEGAÇÃO) em diálogos falados em português e alemão, verificar sua frequência e comparar os resultados obtidos em cada uma das línguas. Com isto, pudemos obter subsídios para, como uma de suas possíveis utilizações, diagnosticar possíveis fontes de interferência para os aprendizes de português e alemão como língua estrangeira.

A análise dos dados obtidos mostrou que a primeira grande divergência no uso da NEGAÇÃO em ambas as línguas é na realidade semântico-pragmática, sendo que falantes brasileiros parecem sub-utilizar elementos sintáticos negativos em categorias semânticas de negação que implicam contestação da ilocução ou do valor de verdade de conteúdos apresentados pelo interlocutor.

Do ponto de vista sintático, embora o português pareça apresentar mais possibilidades de expressão da NEGAÇÃO, isto se deve em grande parte à dupla negação, inexistente em alemão. Na realidade, são altamente privilegiados o operador **não** e a forma **não** [vb], com ou sem elemento focal, assim como o processo da topicalização, antepondo o termo a ser excluído ao operador **não**. Na maioria dos casos, o contexto

lingüístico é responsável pela desambiguação do escopo e da categoria semântica implicados. O operador *não* também apresenta uma posição fixa pré-verbal, a não ser na topicalização, quando se apresenta posposto ao termo que se quer excluir.

Em alemão, a predominância é distribuída de forma mais homogênea entre *nein*, [vb.] *nicht* e [vb.] *kein* [SN], sendo que as duas últimas podem aplicar-se igualmente ao todo da proposição, não sendo sempre intercambiáveis.

Como estas três formas sintáticas negativas do alemão são normalmente expressas em português com o uso do operador *não*, falantes brasileiros terão provavelmente dificuldades em utilizar corretamente tais estruturas, tendendo a supervalorizar o elemento "*nicht*" e correndo o risco de não o posicionarem corretamente nas sentenças, por ser este mais móvel que o *não*. Por outro lado, falantes alemães podem ter dificuldade em utilizar corretamente enunciados negativos em português, pela menor frequência de uma marcação sintática do escopo da negação.

Esperamos, com esta pesquisa, ter ilustrado a necessidade de estudos contrastivos específicos sobre a negação sintática e semântica em português e alemão, para uma posterior aplicação didática, visando a uma aprendizagem mais rápida e efetiva da língua estrangeira.

RESUMO

Com o objetivo de estudar comparativamente a negação em português e alemão, foi usado um *corpus* de língua falada (15% do total de linhas impressas de dois diálogos simétricos entre falantes nativos de cada língua). O teste do χ^2 mostrou não haver diferenças significativas na frequência de uso de elementos sintáticos negativos com função semântica de negação no português e no alemão. Estabelecemos seis categorias de negação semântica, as quais apresentam uma valorização diferenciada em cada uma das línguas. Em português, há super-valorização da categoria Negação e sub-utilização da negação sintática em categorias que implicam desacordo com o interlocutor. Em alemão, a distribuição pelas várias categorias é bastante homogênea, com pequena predominância da categoria Negação. A nível sintático, em português há grande predominância do operador "não" (87,16%), na grande maioria das vezes com uma posição fixa pré-verbal. Em alemão, há equilíbrio entre os elementos *nein*, *nicht* e *kein*. *Nicht* apresenta uma grande mobilidade na sentença (anteposto ao elemento focal, marca o escopo da negação). A partir dos dados obtidos, procuramos identificar possíveis pontos de interferência para falantes brasileiros e alemães com respeito à negação na língua estrangeira.

RESUMEE

Die Negation im Deutschen und Portugiesischen wurde anhand eines *Corpus* gesprochener Sprache (15% der Zeilen zweier symmetrischer Dialoge zwischen Muttersprachlern beider Sprachen) vergleichend untersucht. Der χ^2 -Test zeigte keine signifikanten Unterschiede in der Gebrauchsfrequenz von syntaktischen Negationselementen mit semantischer Negationsfunktion in beiden Sprachen. Die sechs von uns bestimmten Kategorien semantischer Negation zeigten jedoch unterschiedliche Anwendungen in jeder Sprache. Im Portugiesischen findet sowohl eine Überlegenheit der Kategorie "Verneinen" als auch eine seltene Anwendung von syntaktischen Negationselementen in den Kategorien statt, die einen Widerspruch gegenüber dem Gesprächspartner implizieren. Im Deutschen ist die Verteilung homogener, mit kleiner Überlegenheit des "Verneinens". Syntaktisch ist im Portugiesischen der Operator "não" stark überwiegend, meistens mit einer festen Stellung vor dem konjugierten Verb. Im Deutschen teilen die Negationselemente "nein", "nicht" und "kein" die Überlegenheit. Das Element "nicht" hat eine freiere Stellung im Satz, indem es dem fokalen Element vorgestellt wird. Schließlich wurde versucht, mögliche Schwierigkeitsquellen bezüglich der Negation in der Fremdsprache für Brasilianer und Deutsche zu identifizieren.

GLOSSÁRIO

Apresentamos a seguir alguns termos por nós utilizados nesta pesquisa, com suas definições. A grafia dos termos é, na maior parte das vezes, pertinente, a fim de diferenciar termos idênticos empregados para expressar diferentes conceitos.

NEGAÇÃO nesta pesquisa, co-ocorrência de negação semântica e sintática.

Categorias de negação termo utilizado por nós para caracterizar as funções que a negação pode assumir a nível semântico, como operador a nível do sintagma, da proposição ou da interação entre os falantes; baseiam-se no capítulo sobre a negação da obra Deutsche Grammatik de ENGEL (1988).

Rejeição uso da negação semântica como operador a nível ilocucional, no qual o falante rejeita a força ilocucional de um enunciado de seu interlocutor; uma das categorias de negação.

Oposição

uso da negação semântica para sinalizar como não pertinente um enunciado anterior; uma das categorias de negação.

Negação

uso da negação semântica para inverter o valor de verdade de um proposição; uma das categorias de negação; também denominada "negação de sentença" (cf. ILARI *et alii*, 1989) e *Satznegation* (cf. HELBIG/ ALBRECHT, 1973).

Dissensão

Uso da negação para sinalizar ao interlocutor que o falante não aceita o rumo que aquele pretende dar à interação; uma das categorias de negação, porém não faz parte daquelas definidas por ENGEL, tendo sido criada por nós com base no estudo de WEINRICH (1976).

Exclusão

uso da negação semântica para excluir um possível elemento de uma proposição; uma das categorias de negação; também denominada "negação de constituinte" (cf. ILARI *et alii*, 1989) e *Satzglied-/ Sondernegation* (cf. HELBIG/ALBRECHT, 1973).

Restrição

uso da negação semântica para indicar que uma qualidade ou um estado não se aplicam a um dado elemento de uma proposição; uma das categorias de negação.

Forma de NEGAÇÃO

combinação de elementos sintáticos utilizada para expressar as diferentes categorias de negação; a forma de NEGAÇÃO é aqui representada como uma fórmula que apresenta o elemento sintático negativo responsável pela expressão sintática da negação, juntamente com seu escopo, elemento focal e expressões polares, quando houver.

Expressões

polares

negativas

termo baseado no estudo de ILARI *et alii* (1989): " /.../ presença, depois do verbo, de expressões adjetivas ou adverbiais que acrescentam à negação um matiz de tempo, modo, etc., expressões cuja ocorrência não seria explicável sem a presença de não antes do verbo". Ex.: "um não acusa o outro de jeito nenhum"; "são pessoas que não têm a menor formação." (ILARI *et alii*, 1989: 103)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria - "A produtividade do prefixo não- no português contemporâneo" in Ciência e Cultura 39 (11). Novembro de 1987, pp. 1026 - 1028
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de / PRETI, Dino (Org.) - A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. I, São Paulo, T.A. Queiroz, 1986
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de / PRETI, Dino (Org.) - A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. II, São Paulo, T.A. Queiroz, 1987
- CEGALLA, Domingos Paschoal - Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, 32ª ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1989
- CRYSTAL, David - Dicionário de Linguística e Fonética, Trad. e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988
- CUNHA, Celso Ferreira - Gramática do Português Contemporâneo. 3ª ed., Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1972.
- CUNHA, Celso / CINTRA, Lindley - Nova Gramática do Português Contemporâneo, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DRODOWSKI, Günther (Org. e ed.) - DUDEN - Band 4 - Grammatik der deutschen Gegenwartssprache. Mannheim, Bibliographisches Institut, 1984

- ENGEL, Ulrich - Deutsche Grammatik. Heidelberg, Julius Groos Verlag, 1988
- EHLICH, Konrad - "Xenismen und die bleibende Fremdheits des Fremdsprachensprechers" in HESS-LÜTTICH, Ernst W.B. (Ed.) - Integration und Identität, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1986, pp. 43-54
- FISCHER, Ronald A. / YATES, Frank - Tabelas Estatísticas para Pesquisa em Biologia, Medicina e Agricultura. Trad. de Salvador Licco Haim, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/Polígono, 1971
- FREUD, Sigmund - "Die Verneinung" (1925) in Sigmund Freud - Studienausgabe, Band 3 - Psychologie des Unbewußten, Frankfurt a.M., Fischer Taschenbuch Verlag, 1982
- GERDES, Mechthild *et alii* - Themen: Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache - Lehrerhandbuch (1984). München, Hueber, 1988
- HELBIG, G. / ALBRECHT, A. - Die Negation. (1973) 4. unveränderte Auflage, VEB Verlag Enzyklopädie Leipzig, 1981
- HELBIG, G. / BUSCHA, J. - Kurze deutsche Grammatik für Ausländer. (1974) 3. unveränderte Auflage, VEB Verlag Enzyklopädie Leipzig, 1980
- HERINGER, Hans Jürgen - Lesen Lehren Lernen - Eine rezeptive Grammatik des Deutschen, Tübingen, Niemeyer, 1989
- HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, Maria Teresa - Portugiesische Grammatik. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1982

- ILARI, Rodolfo *et alii* - "Considerações sobre a ordem dos advérbios" (1989) *in* CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.) - Gramática do Português Falado - Volume I: A Ordem. Campinas, Editora da Unicamp/FAPESP, 1990, pp.63-141
- INGARDEN, Roman - Das literarische Kunstwerk. Tübingen, 1960
- KOLLER, Erwin - "Äquivalente Negierungen im Deutschen und Portugiesischen" *in* Sprachwissenschaft, Band 13, Heft 1/2, Heidelberg, 1988, pp. 68-117
- KURSCHNER, Wilfried - Studien zur Negation im Deutschen - Studien zur Deutschen Grammatik 12, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1983
- LERNER, Jean-Yves / STERNEFELD, Wolfgang - "Zum Skopus der Negation im komplexen Satz des Deutschen" *in* Zeitschrift für Sprachwissenschaft 3, 1984, pp. 159 - 202
- MACAMBIRA, José Rebouças - A Estrutura Morfosintática do Português. 3ª ed., São Paulo, Pioneira, 1978
- MARCUSCHI, Luiz Antonio - Análise da Conversação. Ática, São Paulo, 1986
- MATEUS, Maria Helena *et. al.* - Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra, Livraria Almedina, 1983
- MELO, Gladstone Chaves de - Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. 3ª ed., Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980.
- NIEDER, Lorenz - Lernergrammatik für Deutsch als Fremdsprache. 1. Auflage, München, Hueber, 1987

- POLENZ, Peter v. - Deutsche Satzsemantik. Berlin/New York,
Walter de Gruyter, 1985
- SAID ALI, M. - Gramática Secundária e Gramática Histórica da
Língua Portuguesa. 3ª ed., Editora Universidade de
Brasília, 1964
- SENNEKAMP, Marita - Die Verwendungsmöglichkeiten von
Negationszeichen in Dialogen, 1. Auflage, München, Max
Hueber Verlag, 1979
- SERPEL, Robert - Influência da Cultura no Comportamento.
(1976) Tradução de Alvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar
Editores, 1977
- SILVEIRA BUEND, Francisco da - Gramática Normativa da Língua
Portuguesa, 3ª ed., Editora Universidade de Brasília,
1964
- STEGER, Hugo / ENGEL, Ulrich / MOSER, Hugo (Hrg.) - Heutiges
Deutsch - Reihe II-Texte - Texte deutscher gesprochener
Standardsprache 1. München, Max Hueber Verlag, 1971
- STEGER, Hugo / ENGEL, Ulrich / MOSER, Hugo (Hrg.) - Heutiges
Deutsch - Reihe II-Texte - Texte deutscher gesprochener
Standardsprache 2. München, Max Hueber Verlag, 1974
- STICKEL, Gerhard - Untersuchungen zur Negation im heutigen
Deutsch. Braunschweig, Vieweg Verlag, 1970
- UNESCO (Ed.) - Language, Identity and Communication. Paris,
1986

WEINRICH, Harald - "Negationen in der Sprache" in WEINRICH,
Harald - Sprache in Texten, 1. Auflage, Stuttgart,
Klett, 1976

ZEMB, Jean Marie - "Zur Negation" in Sprachwissenschaft 4,
Heidelberg, 1979, pp. 159 - 189

ANEXO I

Ocorrências de NEGAÇÃO nos diálogos em português

ANEXO I

Ocorrências de NEGAÇÃO nos diálogos em Português

Listamos a seguir, organizadas por diálogo e por categoria de negação semântica, as linhas impressas dos diálogos em português que apresentaram ocorrências de NEGAÇÃO. As palavras entre colchetes não pertencem à linha selecionada, sendo aqui apresentadas para melhor compreensão do enunciado. Quando a mesma linha apresentar mais de uma ocorrência de NEGAÇÃO, ela será apresentada tantas vezes quantas ocorrências houver, acrescentando-se letras ao número da linha.

Diálogo 1

a) Rejeição

Linha nr.	Texto
202	" <u>não</u> não faço" aí um dia que ele fica be/ mal pra burro
202a	"não <u>não</u> <u>faço</u> " aí um dia que ele fica be/ mal pra burro

b) Dissensão

Linha nr.	Texto
526	não se preocupe!::...

b) Oposição

Linha nr.	Texto
459	uhn uhn... eu não sei... o que se o que ... gostaria de
1305	não... só que agora... o
1451	<u>não</u> você não sai dessa... você não está escapando de nada
1451a	não você <u>não sai</u> dessa... você não está escapando de nada
1451b	não você não sai dessa... você <u>não está</u> <u>escapando de nada</u>
1452	nem mudando nada
1688	<u>não</u> ... eu acho que não
1688a	não... eu acho que <u>não</u>

d) Negação

Linha nr.	Texto
056	e porque é de noite... está vazia bem vazia não tem [trânsito]
062	todo mundo na rua... ah não sei... deve ter uns!::...
076(+75)	cidade que não dá para ter planejamento ela está crescendo desordenadamente

130 eh:... tristeza acho (nunca) ((risos))
sei lá

132 eu acho que... que não...

150 mais à frente né? para você ver a moto
aí... ela não faz barulho

279 em poluição?... não... por quê?...
porque se teu carro

560 que está desempregado porque não
consegue se empregar

585 e se eu (saio) dali ou não basicamente
eu posso não [interferir]

585a e se eu (saio) dali ou não basicamente
eu posso não [interferir]

590 eu não sinto muito o nexo na ponte...
então eu fico me [perguntando]

606 bem... não sinto o funcionamento dele...
global gostaria

772 não sei ela disse que ((ri)) ela não
sabe se ele ficou bom

772a não sei ela disse que ((ri)) ela não
sabe se ele ficou bom

827 teoricamente... não tem controle...
rígido... você tem

855 agora porque é endeusado eu não não

924 não fica num... num círculo vicioso num
círculo [sem saída]

965 será que esse daí não é o perigo lá que
o ... Nostradamus

1033(+1031) e... eu também não... acho que aí é ...

1063 [eu não vou] mais estar vivendo... o que
me interessa é o espaço da

1088 diferente não sabe direito como é que
está mas dentro de

1104 se não houver nenhuma... mudança

1148 cidade e grande então se passa com um
carro... você não [sabe se::]

1174 você acha que não

1175 acho que não

1194 ou talvez não porque... as... as pessoas
estão procurando

1234 hierarquia não deixa de ser né?

1326 matada ou para ser morta né? eu não vejo
muita mudança

1359 mais fácil mostrar::... sabe não podia
mostrar::...

1447 né? então acho que um controle não se
tem de tudo isso

1465 que vai ()... você não enxerga isso não?

1482 mas também não passa de um por cento...

1490(+1489) enquanto não chegou naquilo é deixado os
negos atuarem à vontade

1529 então não tem nada disso de... diminuir
a população

1539 ou se não se tem mais uma família de dez
quinze

1583 contém talvez o uso da coisa... não sei
se pode acontecer

1646 pequenininho não... sabe? se fizesse uma
caixa desse

1655 eles... não tinham saída né? tudo
penhasco

1714 não interessa eles estão com a
potencialidade de

1716(+1715) arrebentar maior... pô mesmo sem ser
para matar ou não matar

1716(+1715)a arrebentar maior... pô mesmo sem ser
para matar ou não matar

e) Exceção

Linha nr.	Texto
042	ahn:: tem muita construção... antiga não tem muita [construção nova]
174	chego à conclusão que não é o vento que... que faz
217	mas não em termos de terapia em termos... a terapia é um
267	[não] estou comparando a psiquê do indivíduo com a da [cidade]
479	... não vai de carro até lá... vai de metrô e... anda três [quarteirões]

f) Restrição

Linha nr.	Texto
033	concreto... sem nenhum aspecto humano certo? os
548	indivíduo que não tem onde trabalhar e:: ... et cetera?...
924a	não fica num... num círculo vicioso <u>sem</u> [saída?]
1506	mas não é consciente
1711	não viram na própria bomba atômica... okay?... então

Diálogo 2

a) Rejeição

Linha nr.	Texto
1388	não preciso de remédio eu sou um homem forte e tal
1496	sapato"... ele disse para mim "AH não eu [vou jogar fora]

b) Negação

Linha nr.	Texto
061	rapaziada passeando não fazia muita questão de colete
071	não usavam... mu/muit/muito poucas moças iam...
076	[não sei] usava botinhas... usavam as moças usavam sapatos...
110(+109)	ah oi:: <u>voile não existe mais</u> o voile de lá nem o voile de etamine
110(+109)a	ah oi:: <u>voile não existe mais</u> o voile de lá <u>nem</u> o voile de etamine
310	fiscalizavam oi:: diretor inspetor... para que ali não [houvesse]
345	que hoje <u>não é</u> não é? tinha lá/tinha (não sei se) tinha
345a	que hoje não é não é? tinha lá/tinha (<u>não sei</u> se) tinha
439	não passavam do tornozelo mas isso os mais longos
585	era fri::o agora não
645	que já não sei:: né?... então mudaram-se os

754 ...não tinha goma a casa não tinha goma... a casa era

804(+803) é isso que eu ia perguntar:: naquela época não havi::a...

872 fazer...() ... nun::... nunca nunca vi... uma uma

990(+989) e não saía sem meia nem por brincadeira né?...

1338 doentes... nada mais do que isso

1453 e chegava e trocavam roupinhas... eles nunca foram...

1655(+1653) e não tinha muito tintureiro não... depois que os (japoneses) vieram né?

1686 então:: não se não se não se não se remenda mais os [sapatos]

1751 festa -- eu não fui -- à festa da bandeira de São [Paulo]

1755(+1754) mas::... o senhor não ia também a Santos assim a:: praia?

1837 () não::... muito raro... (não)

1987 agora HOJE NÃO... (estou dizendo) minhas filhas têm [peruca]

2033 a nuca limpa... não alcançasse o colarinho

2052 não... a gente não tem mais eu não tenho mais pro::sa

2056a sem paRA(R)... (o senhor acha que não tem nada?)

2070 fica (embaralhando) e:: e não aflora

c) Exceção

Linha nr.	Texto
174	NÃO...eh eh::... a não ser para a esco::la
190	no tempo de frio... no tempo de:: calor não casaco
640	todos se conheciam... depois de quarenta não agora
893	feitas não tinha... tinham suas costureiras tinham
924	mais o paletó... a não ser o jaquetão que é transpassado
1513	seu genro não seu cunhado
1899	não faz mal o alvaiade de chumbo é que faz mal... () e::...

d) Restrição

Linha nr.	Texto
741	que não é bem ah cetim é... é com/era como se fosse
990(+989)a	e não saía <u>sem meia</u> nem por brincadeira né?...
2056	<u>sem paRA(R)</u> ... (o senhor acha que não tem nada?)

ANEXO I I

Ocorrências de NEGAÇÃO nos diálogos em alemão

ANEXO II

Ocorrências de NEGAÇÃO nos diálogos em Alemão

Listamos a seguir, organizadas por diálogo e por categoria de negação semântica, as linhas impressas dos diálogos em alemão que apresentaram ocorrências de NEGAÇÃO. As palavras entre colchetes não pertencem à linha selecionada, sendo aqui apresentadas para melhor compreensão do enunciado. Quando a mesma linha apresentar mais de uma ocorrência de NEGAÇÃO, ela será apresentada tantas vezes quantas ocorrências houver, acrescentando-se letras ao número da linha.

Diálogo 1

a) Dissensão

Linha nr.	Texto
233	(nein) paß mal auf (gut)
240(+239)	(ja) ich meine (<u>nein nein</u>) also ich versteh das nich
630	aber mach nie den Fehler einer Frau zu sagen

b) Oposição

Linha nr.	Texto
240(+239)a	(ja) ich meine (nein nein) also ich versteh das <u>nich</u>

539 also ich weiß nich. +g+ dagegen muß ich mich unheim[lich wenden]

636 (nein) das tut er nicht bestimmt

636a (nein) das tut er nicht bestimmt

c) Negação

Linha nr.	Texto
169	unheimlich widerlegen. aber ich weiche nicht davon ab,
238	+g+ Definition darf dir die Frau gar nicht gehören
283	und daß man entweder überhaupt keine Ehe mehr [schließt]
324	denn immer so, daß es wirklich überhaupt nichts [mehr zu retten ist]
412	[der gut] bürgerliche Mensch ist nun kein
580	(nee)

d) Exclusão

Linha nr.	Texto
218	hat man natürlich keine Trauung vor m Altar mehr
482	[ich] vertrete +g+ meinen Standpunkt nicht +g+ bezüglich [der Konvention]
594	[aus]geschimpft und und, daß sie sich nicht genug ange[strengt hat]
641	unheimlich wichtig is und nich nur Aussprache und nicht [nur Offenheit]

e) Restrição

Linha nr.	Texto
295	eine geschiedene Frau als +g+ fast skandalös und nicht [mehr gesellschaftsfähig]
340	wo ist es moralisch vertretbar oder nich? das is

Diálogo 2

a) Rejeição

Linha nr.	Texto
023(+022)	(nein) (nein) (nein)
412	(nein) (Herr Nannen) jetzt kommen wir über
424	(das kommt ja nicht vom Tisch) (Herr Nannen)
498(+497)	ich brauche keine Persil-Scheine für Herrn Weidemann vorzulegen
745	(nein) ich würde sie +g+ um folgenden Vorschlag bitten

b) Dissensão

Linha nr.	Texto
181	konfrontieren wollte, sie dürfen doch nicht
237	(nein) (Herr Nannen), was sie betreiben, ist ge[meingefährlich]
242	(ohne es beweisen zu können?)
382	(ja), das hat doch nichts mit unserem Fall zu tun

c) Oposição

Linha nr.	Texto
057	(nein) +gt+
137	Herr Herr Maier wird ihnen ja +gt+ (nein) das haben wir
163	die is gar nicht so leer
394	(Herr Löwenthal) ich habe nie gesagt, daß ich
750(+749)	(es hat nie ein Bericht von mir im Völkischen Beobachter gestanden)

d) Negação

Linha nr.	Texto
082	warum lassen wir denn nicht die Gerichte darüber urteilen?]
125	[es gibt] kein Mädchen. und die Aussagen der Zeugen von Bevilaqua
169	(gibt es ein totes Mädchen?) ja oder nein?
277	(ja) aber die können ja überhaupt nicht beurteilen
409	(Herr Löwenthal) die wollten mich nicht haben, und
451	(Herr Löwenthal) warum klagen sie dann nicht gegen meinen Vor[wurf]
580	ich weiß nicht, wo sie ihre Dokumente her haben, es wäre
647	ich würde ihn <u>nie</u> zum Redakteur machen. Er hat keinerlei [meinungsbildende
647a	ich würde ihn nie zum Redakteur machen. Er hat <u>keinerlei</u> [meinungsbildende
659	das kann ich ihm gar nicht mal verdenken

685 es gibt keinen einzigen Fall im Stern,
in dem

696 [wenn er] nicht Blut and den Händen hat,
und wenn er keinen Dreck an [den Fingern
hat]

696a [wenn er] nicht Blut and den Händen hat,
und wenn er keinen Dreck an [den Fingern
hat]

d) Exclusão

Linha nr.	Texto
276	+g+ (nein nein) den Zuschauern den Zuschauern
671	ich betreibe keine Entnazifizierung